

CRACK O CAMINHO DAS PEDRAS MARCO ANTONIO UCHÔA

MARCO ANTONIO UCHÔA

CRACK

O CAMINHO DAS PEDRAS



ea
editora atica

MARCO ANTÔNIO UCHÔA

CRACK

O CAMINHO DAS PEDRAS



S U M Á R I O

BASTIDOR	5
A COR DO MEU MUNDO	8
PEDRA BRUTA	21
SUINGUE DA FUMAÇA	30
MISTÉRIO CARIOCA	48
FURACÃO INTERNO	58
JARDINS DE PEDRA	72
COMBUSTÍVEL DA VIOLÊNCIA	91
PRIMEIROS PASSOS	108
AUTO-AJUDA	135
BIBLIOGRAFIA	150

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que confiaram no projeto e se dispuseram a viajar comigo, sem escalas, por um universo inóspito, chocante, permeado por meias verdades. Na busca pelo retrato fiel do poder do crack, contei com a paciência da jornalista Anna Gosta, minha esposa, que dividiu suas madrugadas comigo e o computador. A ele, o computador, que me deixou na mão apenas uma vez, logo no começo. Aos amigos interessados que leram os originais e sinalizaram de forma precisa suas impressões sobre o assunto.

Ao psiquiatra Pêrsio Gomes de Deus e a Mônica Carvas e Miriam Regina Pereira por terem traçado panoramas distintos sobre a droga e, assim, facilitado minha passagem por todos os meandros do caminho das pedras. Colaboraram diretamente com o projeto, *Anna Costa, Guta Campos, Ana Lúcia Araújo, Fábio Seixas e André Rodrigues*. Profissionais atentos à questão social, ao Brasil real, sem máscaras ou arestas. Em comum, a inquietude com a “inteligência burra”, com os discursos fabricados e pensados de forma linear, sem vida.

BASTIDOR

Mergulhar de cabeça no universo de fumaça das pedras de crack para revelar a face dos que se escondem atrás de improvisados cachimbos. Quem são? O que pensam? Como vivem? Quem fabrica e vende a droga? Um trabalho sem retoques ou planos mirabolantes de ação. As pedras estão logo ali. Em alguns lugares, como na periferia de São Paulo, ficam em pontos estratégicos, nas esquinas, vielas. São visíveis. Para o comprador, acesso fácil, tranquilo. Dinheiro numa mão, pedra na outra. É a regra. Tapete vermelho e cafezinho para os mais endinheirados. Como jornalista, todas as dificuldades do mundo do crack. Barreiras, portas e janelas fechadas. Encontros desmarcados em cima da hora, trotes, pessoas nervosas, aflitas. Nas primeiras incursões à rua, um rosário de negativas: não pode; sai daqui; está incomodando; você pergunta demais; não foi embora ainda?

Não. Era preciso insistir. Esperar uma brecha para mostrar a seriedade do projeto. Aguardar horas, dias, semanas para iniciar o trabalho lento de convencimento. Paciência fundamental para demover a cara feia de ontem, o tom mais alto da voz, de sempre, e as ameaças de morte, algumas. O primeiro sinal de sucesso na investida podia vir com um aperto de mão, tapas nas costas, sorriso desconfiado ou convite para se acomodar na sala. Avanço. Fitas e mais fitas gravadas, escutadas à exaustão. Cadernos rabiscados, imagens. Cenas inesquecíveis, chocantes, que passam pela cabeça em alta velocidade e se embaralham, assustam, como nos filmes de suspense, terror. Caso de Flávia, uma moça de 18 anos, grávida, fumando uma pedra atrás da outra. Nos intervalos, trêmula, acariciava a barriga. Queria um menino, Edmundo, como o jogador de futebol. Com a imagem de Flávia, outras, na mesma velocidade: o choro da mãe que perdeu os dois filhos, o jovem de carro importado fumando crack numa esquina, o olhar assustado da moça que escapou de uma chacina, o pânico do policial viciado e o alívio do médico recuperado...

Muitas vezes era preciso deixar o receio, medo de lado. Andar de madrugada pela Baixada do Glicério e virar alvo de olhares desconfiados. A estratégia de tomar café no boteco da esquina, ponto de encontro de traficantes, viciados, bêbados e prostitutas foi fundamental para aprender as regras desse mundo, sentir o ambiente, a movimentação do vaivém das pedras. Histórias “rodriguianas”. O reconhecimento de “campo” foi feito com Guta Campos, jornalista ousada que escondeu a apreensão numa mochila e vagou à noite pelas ruas sujas do bairro, abordou pessoas, apontou prédios, vielas, sentou à mesa de uma boate típica de beira de estrada para sondar possíveis personagens. Da sua agenda saíram fontes primorosas, as primeiras; depois o leque foi ampliado. Mas como abordar um viciado em plena ação ou durante a

depressão, a fissura? Susto dos dois lados. Depois, longas conversas encostados nos postes, sentados nas esquinas, nas calçadas. Relatos quase sempre interrompidos por curiosos ou amigos do “movimento das pedras”. Nos momentos de silêncio, os olhos sem brilho falavam, as mãos denunciavam o desejo de fumar mais. O fato de trabalhar na Rede Globo, estampar o rosto todos os domingos no *Fantástico*, poderia ajudar no ritual de aproximação no *underground*. Não foi assim. Traficantes e viciados, principalmente, sempre achavam que a conversa estava sendo gravada, além de outras desconfianças curiosas: câmera escondida no carro, no alto de um prédio; caneta-gravador; mini-máquina fotográfica presa no botão da camisa, coisas do tipo. O trabalho de convencimento era duplo, pelo projeto e pelo autor dele. Um personagem indicava o outro. Ponto de partida para montar o quebra-cabeça.

O sobe-e-desce nas favelas cariocas atrás de uma explicação coerente para a barreira natural formada na cidade contra o crack. O encontro com um jovem de classe média, a “formiguinha do crack” do Baixo Leblon e Barra da Tijuca. onde alguns curiosos encomendam as pedras. Receita ensinada por um paulista em férias.

O estado de medo no Morro do Dendê, na voz de Faísca, o primeiro traficante a falar. Depois, Neguinho, do Morro do Adeus e Jorge Luiz dos Santos, poderoso chefe de Acari, que apareceu morto numa delegacia carioca em março de 1996 e que falou sobre o assunto meses antes de morrer. Até hoje, ele é considerado “santo” por moradores e amigos de tráfico. Mistérios cariocas desvendados. A desconfiança de policiais de que a droga estaria nas bolsas carregadas por prostitutas que perambulam pelo calçadão de Copacabana. Nada confirmado, nada além de uns trocados, batom e rímel para retocar a pesada maquiagem.

Difícil encontrar alguém que não conhecesse uma pessoa afetada direta ou indiretamente pelo crack, uma droga cinco, seis vezes mais potente que a cocaína em pó. Muitos aparecem identificados pelo primeiro nome, apelido, idade e profissão. Outros decidiram se revelar. “Pode pôr o nome aí, tio”, insistiu um jovem morador de rua. Vontades respeitadas, relatos fiéis, Mostrar o bolso da calça, vazio, abrir pasta, erguer braços e folhear o caderno costumava funcionar no caso dos traficantes. Maneira de provar que “estava limpo”. “era do bem”. Nestes momentos, ameaças nada sutis. “Se eu aparecer na televisão, é você que nunca mais vai aparecer lá. Tá ouvindo, bacana?” O arredio Nivaldinho, de 23 anos, mestre-cuca do crack em São Mateus, na Zona Leste, acabou se tornando, mais tarde, a maior fonte de informações sobre a droga no bairro. Desempenha nesse teatro do horror o papel de “rei”, respeitado e temido por tudo e todos. Com seu aval, segurança até nas caminhadas por vielas sem iluminação, onde o comércio de pedras funciona 24 horas. Momentos de tensão ao lado de uma traficante de peso, Soraia, 120 quilos, a “mama do crack” na Baixada do Glicério, que condicionou a entrada em sua cozinha, onde prepara as pedras do crack, a uma revista geral,

feita por seus “seguranças”, dois, no meio da rua. Cena assustadora, medonha, mas necessária para continuar o trabalho.

Capão Redondo, Itaim Paulista, Guaianazes, Parque Santo Antônio, São Miguel Paulista, Santana, Centro, Jardins, Vila Leopoldina, Casa Verde, Pinheiros, Vila Mariana, Vila Madalena, Perdizes, Pompéia... São Paulo de ponta a ponta. Dezenas de endereços e telefones rabiscados no Guia da Cidade, peça fundamental para evitar contratempos e chegar aos encontros na hora marcada. Quilômetros e mais quilômetros percorridos. Endereços falsos, casas com números trocados, pessoas que nunca existiram. Cento e vinte entrevistas desde novembro de 1995. Traficantes, viciados, gerentes de tráfico, cozinheiros do crack, mendigos, meninos e meninas de rua, idealistas, jovens bem-nutridos da classe média, psiquiatras, pais e mães desesperados, policiais, pessoas aliviadas... Conversas produtivas, outras nem tanto. Depoimentos fortes, contundentes, histórias tristes, lágrimas. Interurbanos nacionais e internacionais para ser o mais fiel possível à trajetória do crack, dos Estados Unidos a São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, onde a droga começa a avançar.

A busca incessante por dados novos encabeçada por Fábio Seixas, André Rodrigues e Ana Lúcia Araújo, estudantes de jornalismo que, com sede, remexeram os arquivos da polícia atrás das primeiras apreensões de crack feitas em São Paulo. Dados que deram a dimensão do poder da droga, serviram de base para montar o quebra-cabeça. A “adrenalina” dos números, dos casos pesados nas mãos de jovens profissionais que decidiram apostar no projeto. Aprendemos juntos. Não sai da cabeça o batalhão de meninos e meninas de rua perambulando na madrugada fria na região da rua Guaianazes, no Centro, onde o comércio fértil de drogas elegeu o crack como única mercadoria. Agachados no chão, como animais, à procura de farelos de pedras. Lixo chafurdado. Famintos, desnutridos, doentes, nervosos, olhos sem brilho. Cenas de violência, brigas, arrependimentos. O corre-corre da polícia. O risco de ser confundido com viciado. A emoção percebida por Anna Costa em suas idas e vindas a instituições de recuperação. Personagens fortes e fracos interiormente. Tudo acompanhado de perto. O alívio dos que conseguiram se livrar do círculo vicioso da droga. O sorriso de volta ao rosto dos que venceram a batalha. A guerra perdida de pais, irmãos e amigos.

Um sobrevôo pelas áreas dominadas pelo crack. Um rasante na vida das pessoas afetadas diretamente pela fumaça. Emoção, choro, lágrimas. Resposta direta à alucinação daqueles que cruzam os braços para o problema com a certeza de que não precisam agir. Podem ficar tranquilos no bastidor das pedras, escondidos atrás da fumaça de um cachimbo. Até quando? Ninguém sabe.

A COR DO MEU MUNDO

Cinco mundos diferentes e iguais ao mesmo tempo. Cinco personagens que tentam encontrar cor; brilho na forma de pedra, fumaça. Falam abertamente da alegria opaca alcançada em apenas cinco, dez segundos. “Felicidade” que dura não mais de cinco minutos. Tudo pouco, tudo rápido, tudo de novo, tudo em quantidade. Neurônios lesados. Confusão mental que aniquila, degrada, mas excita. Histórias distintas que se cruzam nas esquinas, nos cortiços e nas mansões de bairros elegantes. Pessoas que vivem disso. Pessoas que vivem só para isso e, no momento, não querem mudar; não pensam em parar. Pipar virou sinônimo de fumar. Todos píпам, pipam muito. Dezenas de vezes por dia, centenas por mês. Não pensam em nada. Pensam só nas pedras de crack. Medem a vida pelo tamanho delas.

Conseguem a proeza de vê-las onde não existem. Brigam e roubam pelas encorpadas de quatro, cinco centímetros São reféns do brilho falso do jogo do aspira, prende e solta. Um jogo que não perdoa. Mata. Os dedos queimados, escuros, são como tatuagem. Identificam os que cruzam o caminho das pedras. Viagem curta, fugaz por uma estrada sem retas, só curvas, buracos e um emaranhado de pedregulhos, pedrinhas, pedreiras... pedras. Qual a cor do mundo de um viciado em crack? A seguir cinco vidas emolduradas pela fumaça de um cachimbo.

Faz tempo que não vejo o sol

Maria, 29 anos, desempregada: conheceu o crack após ficar viúva

Olhando assim, você vai me dar uns 40 anos. Sei lá quantos aparento, mas sempre fui assim.. Quando era garota, os homens mais velhos ficavam de olho. Tinha um corpão e isso me deixava com aparência de mais velha. Não vejo isso com problemas. Só me assusta o fato de estar com o rosto meio enrugado. Ah! mas não sou mais menininha, né? Quer saber, cansei mesmo de passar cremes e sabonetes especiais. Estou bem assim. Casei muito cedo, sabe. Se você soubesse o quanto me arrependo! Deixa pra lá. Estou em outra. Na verdade estava cansada de meus pais Só para ter uma idéia, apanhei frio de minha mãe quando disse que iria a um baile com um grupo de amigas. Foi um escândalo. “Filha minha não sai por aí sozinha.”. Foi a frase que mais ouvi até os 19 anos, quando me casei com o primeiro mais ou menos que apareceu na minha frente.

O casamento até que durou, sete anos, mas só eu sei o que passei com aquele homem sistemático e repressor como os meus pais. Ele era cinco anos mais velho. É um problema quando um homem novo tem cabeça de velho. A comida não podia ser requentada, a gola da camisa tinha que estar impecável e, quer saber mais, só dormia com a cama toda esticada. Pode? Manias parecidas com as de meu pai, um velho que reclama de tudo. Os dois se entendiam. Pareciam até pai e filho. Só vivia pra ele e pros filhos -- dois. Não era vida. Vou confessar uma coisa, cansei de rezar para aquele homem chegar um dia em casa e dizer: "Maria, vou sair de casa. Arrumei outra mulher". Seria o dia mais feliz. Em compensação, jamais seria perdoada. Meus pais não iriam admitir uma mulher descasada. Iria manchar a honra da família. "Não soube segurar o casamento.". Escutaria essa frase mil vezes. Sem ele, iria viver do quê? Nunca trabalhei. Então, agüentei, agüentei.

Até que um dia ele foi fazer uma operação no intestino, pegou uma infecção brava. Morreu tem três anos. Senti, mas ao mesmo tempo fiquei aliviada. Não sentia nada por ele. Estava acostumada com a situação. O Alberto era genioso. Batia nos filhos e tentou me bater uma vez. Quando queria sexo, tinha que ser naquela hora. Nem se importava se eu queria ou não e vivia fazendo ceninhas de ciúmes. Quando morreu, decidi dar um basta e mudar de vida radicalmente. Com a pensão que recebo por mês, dá pra comer. Um mês depois da morte dele, fui a um parque com uma vizinha. Ela cheirava cocaína. Não era vista com bons olhos pela vizinhança. Meu marido dizia a mesma coisa dela. Pensei: sou adulta, responsável e, agora,, viúva. Quer sabe, vou aproveitar. Deixei meus filhos com minha mãe e passei a morar sozinha. Ah!, menino, nem sabe o que fiz no primeiro final de semana de liberdade total.

Chamei aquela minha vizinha e fiz a maior festa em casa. Ela convidou uns amigos e pronto. Cerveja, uísque e muita cocaína. Fiquei assustada. Nunca tinha experimentado. Mas confesso que nem precisou ninguém insistir. Caí de nariz na mesa da sala. A festa acabou e eu estava feliz. No dia seguinte, fui à casa da minha vizinha e repeti a dose. Cheirei umas três carreiras de pó, mas não misturei com álcool porque vi no dia anterior que um rapaz não havia passado bem. Por um momento pensei: não fui criada pra isso. Quando vinham essas recaídas, procurava pensar em outra coisa. No final de semana seguinte, a festa foi ainda mais animada, O amigo que havia passado mal levou um embrulho diferente. Eram as pedras. Perguntou: "Maria, você gosta de doce? Então experimenta esse.". Ele montou o cachimbo e me ensinou a pipar. Naquele dia, sei lá quantas pedras fumei. A sensação era boa, muito boa.

Naquele dia, meus pais apareceram em casa com meus filhos. Quando chegaram no portão, o povo estava de saída. Minha mãe começou a falar um monte. Me chamou de mãe desnaturada e nem liguei. Disse que eu não veria mais meus filhos se continuasse com aquela vida. Achei bom. Não agüentava mais as diabruras do Ricardo e da Marina. Sabe como é criança de quatro e cinco anos. Deixa pra lá. Eles estão bem com os avós. Sabe que faz seis

meses que não os vejo? Sinto falta, mas a minha vida está tão boa que não me arrependo de nada. Fumo muito, fico nervosa se não tenho pedra. Um dia, meu vizinho de frente me encontrou na rua e começou a fazer um sermão. Mandeí ele catar piolho em macaco e me deixar em paz. As pessoas atravessam a rua com medo de eu começar a brigar. Basta olhar pra mim. Brigo mesmo. Ninguém tem nada a ver com minha vida. Fui reprimida a vida toda e não vai ser agora que vou mudar.

Hoje o meu mundo é leve. Sabe que faz tempo que não vejo o sol, mas Isso não me incomoda. Fico dias e dias trancada em casa. Janelas e portas fechadas. Passo o tempo vendo as figuras engraçadas que a fumaça do cachimbo deita no ar. Quando não tenho pedra sempre aparece um amigo pra me salvar. Tá certo que quando era casada, minha casa era farta. Hoje, abro a geladeira e vejo meia dúzia de ovos e uma garrafa de água. Não tem problema, pois estou feliz. Aqui não tem comida, mas tem felicidade. Você está diante de uma pessoa feliz. Se quiser acreditar nisso, tudo bem. Caso contrário, vai dando licença. Tenho as pedras de que preciso. Não tenho dívidas. Sou amiga dos caras que fornecem pedras aqui no bairro. Só transo quando quero. No mês passado, fiquei mais alienada ainda. A grana da pensão não deu e precisei vender a televisão do quarto para comprar pedra. Fiquei dois dias inteiros fumando. Não gosto de fumar sozinha. Sempre fico com medo das coisas. Tenho medo de ratos e baratas. Chamo minha vizinha. Dou umas pedras pra ela e tudo bem. Não vou vender mais nada. Tem outra televisão na sala, mas não vou vender. Como é que uma pessoa pode ser feliz sem televisão?

Meu único irmão tentou me internar uma vez. Chegou aqui com dois homens dizendo que eu precisava sair desse local. Quebrei tudo na casa. Fiquei louca. Os vizinhos ficaram na frente da casa assistindo a tudo. Sou mais forte que ele. Mandeí aquele pirralho embora e disse para nunca mais aparecer aqui. Ele chorou, disse que meus filhos estavam tristes. Triste fiquei eu o tempo inteiro que fiquei na casa dos meus pais e durante o casamento. Aquilo sim foi tristeza. Eles não sabem o que é viver reprimida, triste, amuada pelos cantos. Tenho amigos e, assim, vou tocando a vida. O crack me alucina. Me deixa alegre. Fico forte. Não sei onde vai dar esse caminho, mas não estou preocupada com isso. Estou muito feliz pra pensar em coisas tristes. Agora cozinho quando quero. Durmo quando quero. Faço o que vem à cabeça.

Os parentes do meu marido me mandaram um recado dizendo que estão assustados com meu comportamento. Nem perdi tempo para responder Assustada vivi esses anos todos e ninguém me ajudou. Só não vou roubar. Bem, não é bem assim. Um dia, sabe, não tinha dinheiro pra pedra. Entrei na casa da vizinha e saí de lá com um rádio-relógio. Deu para comprar 30 pedras. Não é bem um roubo. No mês passado ela entrou aqui e deu com o botijão reserva que tinha. Isso não é roubo, furto. Nada disso. É o toma lá, dá cá. Aprendi isso. Ih!, aprendi muito nesses anos. Estou esperta agora. Sinto que estou viva.

Penso na pedra pra me alimentar

Ernesto, 45 anos, executivo: tenta disfarçar a dependência da família e dos amigos

Fiquei contente quando me hospedei num hotel e me apresentaram para outras pessoas como executivo. O nome pomposo foi a senha para as pessoas me tratarem como rei durante os três dias em que coordenei a convenção da empresa em Angra dos Reis, no Rio. Tudo para o executivo, sempre atolado com prazos, metas e balanços. Mal sabiam que aquele executivo mantinha o bom humor elogiado até por executivos de outras empresas do ramo, graças a numerosas e finas carreiras de cocaína. Durante as reuniões mais demoradas, por exemplo, recorria ao banheiro para cheirar. Voltava novo. Ânimo de menino para lidar com preocupações típicas de adultos com poder. O fato de ter rinite alérgica justificava a caixa de lenço que sempre me acompanhava; além do tique de passar a mão no nariz. Apenas uma pessoa sabia da minha ligação com a droga, mas isso não me tirava o sono. Era a pessoa que me abastecia, um outro executivo bem-sucedido da empresa.

Cheirei durante três anos seguidos. Pelo menos duas vezes por semana. Lembro a primeira vez. Sala de reunião fechada. Eu e um americano viciado também. Cheiramos no meio de gráficos e tabelas de exportação. Ele sempre repetia que a cocaína era a droga de resultados. Concordei e cheiramos três carreiras. Em casa, tudo normal. Filhos adolescentes, mulher na menopausa. Normal até demais. A barriga saliente e a queda dos cabelos sinalizavam que a juventude tinha ficado lá na esquina. Estava tudo bem no emprego. Vida confortável.. Quando completei 42 anos, minha mulher preparou uma grande festa. Passava por momentos complicados. A empresa em que trabalhava tinha perdido uma concorrência importante. Foi uma surpresa, pois pelos meus cálculos, estava tudo certo. Estava tão ansioso que cheirei no quarto enquanto minha mulher tomava banho.

Marina nunca desconfiou de nada. Sabia que na juventude tinha me envolvido com maconha, mas era coisa do passado. Apenas uma tatuagem nas costas — um dragão chinês — servia de referência para aquela época. O executivo que me abastecia em cocaína se transferiu para a empresa concorrente. Na casa dos 50 anos, a empresa o substituiu por um rapaz de 30. Sei que meu dia vai chegar. Continuava mantendo contato com ele. Há dois anos, encomendei 20 gramas de pó. Quando fui à casa dele apanhar a encomenda, ele me surpreendeu: “Não tem mais pó no mercado. A alternativa é você fumar isso”. Explicou detalhadamente o barato do crack e como fumá-lo. Nem questioneei o motivo de não ter mais pó onde ele estava acostumado a comprar. Experimentei o crack ali mesmo. Senti algo completamente diferente. Fiquei estranho, mas em estado de graça. Fiquei tão tonto que pedi para esse meu amigo me levar em casa. Deixei o carro na casa dele. Inveneti uma desculpa qualquer em casa. No dia seguinte,

passsei novamente na casa dele para ver se ele tinha conseguido pó. Acabei fumando crack de novo. Desta vez a sensação foi diferente. Tive taquicardia e comecei a suar frio. Pensei que fosse morrer. Tinha tomado duas doses de uísque antes de fumar. Levei para casa 15 pedras. Como não tinha cheiro, passei a fumar no trabalho. Sempre no banheiro anexo à minha sala. Sempre que entrava no banheiro demorava uns dez minutos. Estou nessa até hoje.

Para os meus filhos, passo a imagem de pai correto, esforçado e bem-sucedido. Sei que no fundo, no fundo eles desconfiam de alguma coisa, mas não dou abertura para comentários. Eles são muito ligados à mãe. Meu humor mudou muito depois que comecei a fumar crack. Quando não tenho pedra fico nervoso. Uma vez quebrei o controle remoto da televisão. Não conseguia mudar de canal e o atirei na parede. Foi um espanto em casa. Minha mulher nasceu para o casamento. Está mais preocupada em passear no shopping e jogar cartas com as amigas do que com o que acontece à sua volta. É meio alienada. Parou de estudar no colegial. Não gosta de ler e se irrita quando falo de importações, metas e projetos. A nossa relação está desgastada há muito tempo. Não sei há quanto tempo não transo com ela, mas isso é normal. Depois do segundo filho, o Rodolfo, que está com 13 anos, nos afastamos cada vez mais. Sabe que tenho casos por fora. Finge que não sabe de nada. Essa situação é confortável, pois com o crack não tenho vontade de nada.

Procuro fumar no final do expediente, mas ultimamente não tenho conseguido manter esse ritmo. Há dois meses, quatro engenheiros americanos vieram visitar a fábrica no Brasil e os recebi completamente maluco. Não queria falar inglês, estava cansado e os deixei falando sozinhos. Não fiz aquele jogo de cena necessário para manter a boa imagem da filial com a matriz. Fui repreendido pelo meu superintendente. Sei que a partir dessa situação começaram a me ver de maneira diferente. Minha secretária chegou a marcar médico sem me consultar. Acabei brigando com ela. Não me sinto doente. O crack me alivia, tira o estresse. Leio tudo sobre o assunto e sei que tenho forças pra não me deixar levar por essa droga. Penso assim. Melhor: prefiro pensar assim. Estou magro, mas a barriquinha está aqui, firme. Não tenho apetite, mas procuro me alimentar. Penso na pedra para me alimentar. Vejo maçã petrificada, carne e legumes. Um exercício curioso. Imagino que são pedras e como. Não sinto que estou enganando ninguém.

O maior problema está nos finais de semana. Toda sexta-feira, sigo com a mulher e os dois filhos para o Litoral Norte, onde tenho casa. Há um ano, descobri que o filho do meu vizinho de praia, um empresário bem-sucedido, fumava crack. Soube pelos meus filhos. Eles se afastaram do garoto e eu, claro, me aproximei com o argumento de querer ajudar. Ajuda nada. Queria saber onde ele comprava para não depender daquele meu amigo de São Paulo. Não fica nada bem eu pegar meu carro importado seguir para os lugares malditos atrás de pedra. Contato feito, lenho pedras garantidas para os finais de semana. Na minha cabeça, ninguém da

família desconfia. Como sempre fui meio temperamental, isso acaba encobrindo uma série de reações da droga. Só não suporto ficar sem. Não sei onde tudo isso vai parar. Ainda não estou preocupado com isso. Só falo desse assunto com o filho do empresário da praia e com o meu amigo executivo. É a primeira vez que ponho no papel essa história. Quero continuar na empresa, cumprir minhas metas e me aposentar. Nem imagino o que passa na cabeça da minha mulher e dos meus filhos. Na empresa, as pessoas estão desconfiadas, mas nunca faltei um dia, cumpro todos os prazos. Enquanto eu estiver nesse ritmo, sinto que não preciso me preocupar em parar. Fumo 15 pedras por semana. Pelo que li, é uma quantidade pequena. Nada preocupante. Não sou nada parecido com aquelas pessoas que ficam abaixadas na calçada procurando fragmentos da pedra. É engraçado, mas vendo assim me sinto perto, mas ao mesmo tempo um pouco longe do crack. O limite é manter esta distância.

Nem conto os dias, deixo passar

Rodrigo, 13 anos, menino de rua: cola e esmalte antes do crack

Nem te conheço pra falar essas coisas. Estou nessa porque quero. Ninguém me obriga a nada. E não adianta olhar espantado que sou assim mesmo, direto. Sou gato escaldado, meu. Não vem querer tirar uma comigo que não deixo não. Na Febem, aprendi a me defender. A rua ensina muita coisa. Vou sair daqui e ir pra onde? Ninguém quer saber de menino de rua não. Tá sujo, tá fedendo, então é ladrão. Já que todo mundo pensa assim, deixa quieto. Continuo aqui. Todo mundo me conhece. Faço minhas correrias quando estou sem grana e com fome. Se cheirei cola ou esmalte? O senhor já viu algum menino de rua não fazer isso? Só se for babaca. Cheirado a gente não sente fome, fica legal. Pode chover canivete que está tudo bem. E só os meganha não aparecer pra bater na gente.

Compro e fumo pedra sim. Não sei dos meus pais. Dizem que tenho quatro irmãos, mas nem sei onde andam. Sou consciente da minha condição. Pipo muito mesmo, fico doidão aí na rua. As pessoas passam, olham meio atravessado. É melhor que atravessem de lado mesmo, porque quando estou "noiado" não sobra nada. Um dia catei um burguês babaca que trabalha por aqui e arrepiei. Peguei a mochila dele e só sobrou os documentos. Dinheiro foi tudo pra comida e pra pedra. Ih! Tô nessa há muito tempo. Sei lá. Nem conto os dias, deixo passar. Esse negócio de segunda, terça-feira é pra quem trabalha. Tira um trampo por aí. Eu tô aqui sempre. Meu negócio é fazer correria, pegar bacana vacilão e me dar bem. Pedra tenho fácil. Ali naquela boca, depois da segunda travessa, sou respeitado. Os caras sabem que levo bacana até lá pra comprar. Mas o negócio é o seguinte: pego a grana do bacana e subo as escadas. Metade do que ele compra fica comigo. Que é isso, meu irmão? Se pinta sujeira eu é que vou dançar. O bacana fica só no sossego dentro do carrinho do ano. Que é isso? O negócio é esse. Funciona assim. Tenho fregueses. Gente fina, viu, de terno e tudo.

Sei lá, fumo há muito tempo. Teve um dia que eu e o Fabinho ficamos dois dias inteiros fumando. A pedra era boa. Só sei que precisei fazer um outro cachimbo. O meu tava ruim e quebrou. Quase fiquei louco, pois o bicho deu cano logo na primeira pipada. Até arrumar tudo para fazer outro demorou. O Fabinho —pô, cê precisa falar com ele — é malandro da velha guarda. Viu, o Fabinho nem emprestou o dele. Quase acabei a amizade ali. Fiz uma corrida até a casa de um mano e usei o cachimbo dele. Depois que fumo esqueço tudo. Esqueço o quanto já apanhei de polícia e o quanto de gente já assaltei. Tá vendo essa máquina aqui? Faz um terror, meu. Quando aponto, sai correndo. Um dia tava tão louco que saí atirando lá em Santa Cecília. Uns malacos da Zona Sul começaram a tirar barato da minha cara e não pensei não. Foi só correria. Sei lá se acertei alguém. O legal é o barulho que faz.

O negócio é que tô tremendo muito. O crack é bom, mas deixa a gente assim, meu, na nóia o tempo inteiro. Tô aqui no papo com você, mano, e de repente sinto que tem gente querendo me pegar. Saio correndo e me escondo. Quando afigura tem casa, tudo bem. Eu não tenho. Fico por aí. Faço uma correria aqui outra ali e fico na rua. Meu irmão, você não sabe o que é estar noiado e não ter pra onde se esconder. Mas a pedra é decente. Deixa a gente leve, poderoso. Todo mundo aqui me respeita. O Fabinho, sabe... Deixa esse cara pra lá. Só arruma treta. Na semana passada, acho que foi na semana passada, ele pegou uma pedra minha e disse que não foi ele. Só ele estava do meu lado naquela noite. Concorda comigo? Só pode ser ele. Né não? E aí vem o cara dizendo que não foi. Tá de piada, meu.

Parar pra quê? Tô legal assim, tá ligado? Se a pedra faz mal, tá fazendo mal pra mim. Vou ficar de bobeira pensando em perder? Vou perder o quê? Só se for a vida, mas isso meu, tô no lucro. Já vivi bastante. O negócio da pedra é o seguinte. E fumar pra ficar legal e pronto. Não tem esse negócio de morrer por causa da pedra. Tudo bem que sempre tenho e ainda arrumo cliente, mas tem cara que faz loucuras pela pedra. Qué isso, meu. Eu sou tranqüilo. Tenho pedra. Esfumaço umas 20 por dia e estou legal. Não pode ficar zoadado e dar bandeira por aí. Sei lá, esse é o meu pensamento. Tem cara que pipa o dia todo. Fica todo zoadado e até esquece o nome. Pipo legal, mas sei me controlar.

Tá vendo aquela menina ali? Ih!,já deu para um monte de gente. Até eu já fui. Sabe quanto que ela cobra? O valor da pedra. Fuma, acaba rápido, e fica louca atrás de homem pra comprar mais. Pô, a mina é burra. Por que não cobra mais caro? Aí vai ter mais pedra. Né não? Tem gente que não sabe viver, sabe cara. Os caras me chamam de esperto. Sou mesmo. Tô nessa porque quero. Saio dessa quando quiser. Um dia veio uma freira aqui. E. Freira mesmo. Aquelas corintianas de branco e preto. Rezaram o terço ali na esquina e ficaram jogando lorota na minha cabeça. Sai dessa, meu filho, Deus está olhando por você. Mande elas embora. Sai tia, sai tia. Só não mostrei a arma porque aí pega mal, né. As tias vieram aqui com a maior da boa vontade, mas esse discurso não cola não. Que Deus que nada. Pedreiro é pedreiro, meu, não tem essa de sair. Entrou, fica. Pipou a primeira vez, tá fígado. E assim

mesmo. Escreve aí, cara, é isso mesmo. Quem tá nessa, tá pra ficar. Onde vai parar ninguém sabe.

Mas você acha que pedreiro está preocupado com isso? Tem pedra, tá legal. Esse negócio de ter casa bonita, carro do ano é coisa de babaca. Se o cara se sente bem assim, deixa estar. Não tem que vir aqui na boca tentar converter o pessoal. Eu tenho argumento. É mais fácil eu convencer alguém a fumar do que aceitar o convite pra sair dessa.

Estou nessa e não me arrependo de nada. Bom, me arrependo sim. Há uns dois meses, acho que é isso, uma amiga minha ficou mal. Tinha bebido muito e ainda foi esfumaçar. Caiu na calçada e começou a tremer. Disse que estava grogue e que ia morrer. Sei lá, meu, me deu uma coisa. Atravessei a rua. Fui pipar do outro lado. A mina morreu. Foi o que disseram pra mim lá na boca. Acho que não é nada disso não. Daqui a pouco ela aparece aqui pra pedir pedra. E sempre assim. Se eu dou pra alguém? Que nada meu. Cada um tem que garantir o seu movimento. Eu tenho como conseguir. Quem ficar de bobeira na rua achando que vai ter nego pra dar pedra vai ficar doido e não vai conseguir nem farelo. É preciso ser esperto, mano. Vou nessa. Valeu bacana!

Me arrepender do quê?

Jorge, 18 anos, estudante: da maconha ao crack em quatro meses

A cor do meu mundo é cinza mesmo. Qual o problema? Escolhi este caminho e não me arrependo de nada. Ninguém tem nada a ver com o que faço, com as minhas decisões. Vou me arrepender do quê? De ter encontrado uma cor que não me dói os olhos? Nunca gostei de cores vivas. Minha vida estava sem graça, sem brilho. Agora, tenho a impressão que recuperei o tempo perdido. Estou cinza, sim, mas por escolha. Gosto de ficar imaginando as figuras que se formam com a fumaça que sai do meu cachimbo. Um exercício. Passo o tempo assim. Não atrapalho a vida de ninguém. Estava cansado da monotonia de casa. Meu pai, um advogado atolado até a testa com prazos, petições e defesas. Minha mãe, uma neurologista respeitada, coloca sempre o córtex cerebral em primeiro plano. Seus conceitos complicados vêm na da família. Tomam até o meu lugar, de filho único. Uma rotina cansativa, de carinhos econômicos e recheada de conceitos frágeis, do tipo ser feliz é ter a conta bancária longe do vermelho e poder desfrutar a cultura da Europa pelo menos uma vez por ano.

Estão mais preocupados em ganhar status e dinheiro do que outra coisa. Quando fiz 17 anos, aconteceu uma virada radical e silenciosa na minha vida. Um dia, depois de conjugar verbos em francês, decidi acompanhar alguns amigos até uma praça na Zona Sul. Lá eles costumavam passar o tempo depois do curso paquerar, arrumar garotas. Um amigo, o mais velho da turma, abriu a mochila e tirou um baseado. Fui o primeiro a pegá-lo na mão. Cheirei. Era diferente, um perfume gostoso. Fomos para um canto da praça e esse meu amigo,

experiente, acendeu. Um baseado para quatro pessoas. Fiquei meio tonto, mas com uma sensação boa. Cheguei em casa e me tranquei no quarto. Coloquei a roupa, limpa, para lavar. Aquele cheiro poderia denunciar tudo.

Dois dias depois, no final do curso, saímos mais uma vez em direção à praça. Fumamos mais. Agora, cada um com o seu baseado. Ninguém me pediu dinheiro. Só sei que chegou um tempo em que eu não prestava mais atenção na aula. Queria que o sinal batesse logo para fumar. Esse meu amigo mais velho, sempre de mochila, trouxe um dia um papelote diferente. Era cocaína. Fez quatro carreiras bem finas. Fiquei com medo. Pensei nos meus pais, mas logo em seguida me deu branco. Quando vi, estava de nariz na capa do livro de francês. Cheirei o Arco do Triunfo inteirinho. Meu nariz ardeu um pouco, mas depois passou. Fiquei rápido, esperto. Pedi carona para um amigo e, ao chegar em casa, me tranquei.

Falei com meus pais durante o jantar e tudo normal. Ele, nervoso, não se conformava em ter perdido o prazo de um processo. Minha mãe estava empolgada com os preparativos de um congresso e não falava em outra coisa. Nas duas semanas seguintes, cheirei direto.

Percebi que a maconha me deixava pra baixo. Sempre fui muito elétrico e a cocaína tinha muito mais a ver com meu ritmo de vida. No dia seguinte, curso de francês e rodadas de cocaína com os amigos. Paguei pelas duas carreiras que cheirei. Tinha uma boa mesada e tudo bem. Esse meu amigo do curso sabia onde comprar a droga. Numa quinta-feira chuvosa, fomos à praça. Da sua mochila ele retirou um papelote diferente. Estava enrolado com saco plástico transparente. Colocou no meio da palma da mão e disse: essa aqui é das boas. Abriu a mochila novamente e retirou um cachimbo. Achei tudo aquilo interessante e fui logo perguntando sobre o barato daquela droga e se tinha cheiro. "O crack", ele me disse, "deixa a viagem mais interessante e não tem cheiro. O mundo fica diferente e nenhuma mamãe desconfia". Fiquei aliviado. Gostava do cheiro da maconha, mas dava muita bandeira.

Dois amigos falaram que não iam experimentar. Pensei: os babacas vão ficar sem assunto com a turma. Estão sem assunto até hoje. Só sei que fumei. Dei umas três tragadas fortes. Na hora, parecia que alguém dava socos na minha cabeça. Uma sensação completamente diferente. Meu cérebro latejava. Só sei que o dia nebuloso ficou colorido. Não senti mais frio nem me incomodei com os chuviscos. Fumamos num canto da praça. Fiquei variado e cheguei em casa meio tonto, estranho. Meus pais estavam em casa arrumando as malas para a viagem de férias. Iam para Paris, Londres. Não podia ir porque estava fazendo cursinho. Tinha levado bomba no vestibular para engenharia e dividia o meu tempo entre os simulados e as aulas de francês. Embarcaram naquela noite mesmo. Fiquei em casa sozinho. Mal o táxi parou na porta de casa, entrei no quarto. Peguei o telefone sem fio e, debaixo do chuveiro, liguei para a casa daquele meu amigo, que não estava. A mãe dele ficou meio preocupada. Já era tarde. O telefone tocou logo depois. Disse que estava com muita vontade crack e se ele podia passar em casa. Ficou combinado para a manhã seguinte. Só sei que não

conseguia dormir. Meu coração batia rápido, forte, sem parar, e estava com uma vontade louca.

No dia seguinte, logo cedo, ele estava lá. Na sala, armamos os cachimbos e espalhamos as pedras em cima da mesa de vidro. Não fui ao cursinho nem ao francês.

Ficamos direto fumando. Nem conseguia falar direito. Até hoje não sei quantas pedras fumamos, mas foram muitas. Deixei o cursinho de lado, mas de vez em quando aparecia no francês. Gostava do curso e adorava os amigos de lá, mas a sensação do crack é superior. Fiquei vinte dias sozinho. Foi uma festa. Peguei dinheiro que estava juntando para trocar de computador e comprei tudo em pedra. Quando meus pais voltaram, a casa estava toda bagunçada. Acharam que eu estava abatido, magro demais. Para disfarçar foi só comentar que era muito parecido com meu avô, magro e alto. Só sei que em quatro meses, passei da maconha para o crack. Meus pais não perceberam ou fingem não perceber. Estão sempre ocupados. Não sei. Eles fazem um jogo estranho. Eu finjo que estudo e eles fingem que acreditam. Algo mais ou menos assim.

Estava sem dinheiro para pedra. Inventei uma desculpa de taxa extra no cursinho e compra de livros de francês. Com o dinheiro na mão, fui comprar pedra. Sei onde fumar. É na praça, na casa daquele meu amigo e em casa, quando meus pais saem para algum coquetel. Para eles, estou estudando. Tem três meses que não faço um simulado e nenhuma prova de francês. O dinheiro da poupança já foi todo, mas todo mês pinta uma grana na minha conta. Estou nessa e não me arrependo. Não culpo ninguém por nada. Não faço nada de errado para conseguir as pedras de crack. Vou a shoppings, danceterias, barzinhos, mas meu barato mesmo é uma pedra. Sem ela, fico sem graça.

Ainda sei o que faço

Alessandra, 24 anos, traficante: comissão em pedra para sustentar o vício

Quando morava com minha avó no Capão Redondo, na Zona Sul, era tudo certinho. Trabalhava numa loja, estudava e ajudava em casa. Meus pais morreram quando eu era pequena e fui criada por ela. Meus amigos da loja gostavam de maconha, mas eu nunca nem falei nada em casa. Coitada, a velhinha, doente, ia morrer de preocupação se soubesse que estava no meio de gente assim. Experimentei uma vez apesar de não gostar nem de cigarro normal. Com a maconha ficava legal. O mundo girava e ficava mais lento. Minha amiga Tânia era caixa da loja e fumava maconha direto. Eu nem ligava. Um dia ela foi demitida. Deu uns rolos de falta de dinheiro no caixa dela. Ela se mudou para São Mateus, onde morava a família dela. Continuei me encontrando com ela nos fins de semana. A gente ia para os bailes e barzinhos da Zona Leste. Passava o tempo todo lá na casa dos primos dela. Logo depois que minha avó morreu, isso tem um ano e meio, fui demitida da loja. Tinha acabado ginásio e nada

mais me prendia no Capão Redondo. Decidi alugar um cômodo e cozinha em São Mateus pra ficar mais perto da Tânia, que era minha melhor amiga.

No dia da minha mudança, ela foi lá me ajudar. Estava cansada. No meio da tarde, fui até uma venda comprar molho de macarrão. Quando cheguei na porta da venda, vi aquele homem moreno encostado no balcão. Meu coração bateu mais forte. Quando ele se virou, vi que era bonito mesmo. Um sorriso lindo, branquinho. Sorri e ele correspondeu, nunca me esqueço. Só sei que ele pagou o molho de macarrão e me acompanhou até em casa. Quando ele entrou, Tânia ficou branca. Só entendi por que ela ficou tão nervosa quando ele foi embora.

Disse que era repassador de droga na região. Trabalhava como traficante para o dono da banca do bairro. Pediu para eu me afastar dele. Não era gente confiável. Só sei que já estava apaixonada. Passei a me encontrar com ele nos finais de tarde. Durante as manhãs, saía procurando emprego. Meu romance com ele era um fogo só. Tânia estava sempre de cara feia. Briguei com ela. Estava com ciúmes e não quis mais saber de conversa. Nunca mais procurei ela. Disse que mudei muito depois que comecei a andar com amizades estranhas.

Flávio uma vez acendeu um baseado em casa. Fumei com ele. Na semana seguinte, apareceu com cocaína para me mostrar. Nunca tinha visto. Ele cheirou, mas fiquei com medo de experimentar. No dia seguinte, mais cocaína. Aí eu decidi cheirar. Gostei muito mais que da maconha. Era rápido, bom mesmo. Nesse mesmo dia ele me disse que o barato dele mesmo era pedra. Fumava um monte, mas que o traficante estava de olho nele. Depois que começou a pipar, entrou em dívida com o Nelsinho. Só sei que depois de três meses de namoro, eu não tinha arrumado emprego. O dinheiro tinha acabado e estava quase ficando louca. Ele me dava dinheiro pra comprar comida. Um dia me ofereceu droga para vender. Disse que não entendia disso e que era arriscado. Mas o dinheiro era garantido. Aceitei. Em pouco tempo, passei a ser a vendedora mais esperta do Nelsinho, que conheci naquela venda perto de casa. Ele ficou meio desconfiado quando disse que queria trabalhar pra ele, mas passei no teste. Flávio andava meio perdido, devendo pra um monte de gente. Pegava pó e pedra e não entregava o dinheiro.

Cinco meses depois de me mudar para São Mateus eu estava direto na pedra. Fumava em casa, mas não devia nada pra ninguém. Comecei a emagrecer. Tinha um corpão, tipo violão e só usava roupa justa e decotada. As calças começaram a parecer um saco, mas os homens continuavam olhando. Morena é assim, tem tudo farto, seios, bunda, perna. No final de 1995, Flávio apareceu morto perto de um córrego. O corpo estava cheio de bala. Todo mundo sabe que foi o povo do Nelsinho. Flávio estava atolado em dívida. Senti muito. Aprendi muito com ele, mas nos últimos dias ele não falava coisa com coisa e só pipava, direto. Em pouco tempo, peguei todos os clientes dele. Nelsinho confia em mim. Sabe que fumo pedra, mas sou direita. Entrego a pedra e vou lá na casa dele entregar o dinheiro.

Quem passa aqui em casa para buscar crack é bem tratado. Confiro o dinheiro e ainda ofereço café. Só vendo pedra de qualidade. Se está esfarelado, nem pego. Meus clientes merecem o melhor. Fui bem educada e assim vendo muita coisa. Pela manhã, passo na boca e pego 50 pedras pequenas. Antes do almoço já vendi tudo. Passo na boca novamente só no final da tarde para pegar as pedras para vender à noite. Não tenho dívidas. Ganho comissão. De cada três pedras que vendo, fico com uma. Pego uma outra parte em dinheiro pra pagar o aluguel e comprar comida. Tenho pedra garantida. Nem sei por que entrei nessa, mas está tudo bem com a minha vida. Tenho responsabilidade e vendo rápido. Sei onde ficam as pessoas que compram e ganhei a confiança dos amigos do Flávio, que me respeitam muito. Tem umas pessoas por aqui que me olham meio de lado. Um dia, dizem que dei o maior show perto do córrego da favela. Caí no córrego e comecei a nadar como se estivesse no mar. Na minha cabeça, estava me afogando. Estava tão doidona que nem me lembro de nada. Só sei que pensei que fosse morrer.

Teve um outro dia que fiquei louca de novo e comecei a tirar blusa no meio da rua, perto de um ponto de ônibus. Na minha cabeça, uma aranha estava andando no meu corpo. Os outros é que vêm me contar que estava na nóia. Só sei que tenho minha vida, não dependo de ninguém. Quando estou mal de grana, arrumo uns caras. Os homens ficam olhando e eu olho também. Sempre dá certo. No final, saio com uma graninha. Não vejo nada de mais nisso. Tenho os homens que quero e na hora que eu quiser. Ainda sou tratada como rainha por aqui. Esse negócio de pedra é complicado. O Flávio foi morto por causa de dívida. Outras pessoas estão no mesmo caminho dele. Ainda sei o que faço. Comigo é diferente, sabe, tenho até uma caderneta com o nome dos clientes.

As pessoas com um pouco mais de grana me pagam no final da semana. Por enquanto, todos me pagaram direitinho, sem problemas. Tem mais ou menos dois meses que comecei a vender pedra lá no Capão Redondo, onde morava. Pelo menos duas vezes por semana, vou pra lá pela manhã e vendo tudo. Não tem uma regra. Tem dia que vendo cem pedras. Outro dia, posso vender 200 ou só 10. Só que com a minha comissão tenho a droga garantida. Não preciso vender nada de dentro de casa ou pedir dinheiro emprestado para comprar crack. Tenho o maior crédito com o Nelsinho. Acho até que ele está meio de olho em mim.

Emprego tá difícil. Em loja, ganharia pouco. Aqui, seguro o aluguel, a comida e ainda sobra uns trocados para comprar umas roupas. Sempre gostei de andar bem vistosa. Agora estou meio relaxada, mas continuo chamando atenção. Não sei quanto tempo vou ficar nessa, mas o negócio é tão bom que não dá nenhuma vontade de sair. Com o crack fico mais princesa, mais rainha, mais leve. É um mundo diferente, meio barra pesada, mas tem gente boa. Por enquanto, não quero sair dessa. Quero continuar ganhando ponto como traficante no pedaço. As pessoas me respeitam. Agora, vamos deixar de papo furado que eu tenho que tocar minha vida.

O PODER DO CINZA

Quando o cinza predomina, encobre o brilho de todas as outras cores. Em quantidade, chega a ser tão contundente quanto o preto. O mundo de Maria e Alessandra é permeado por essa cor, que envolve também a rotina de Ernesto, Rodrigo e Jorge, o único a verbalizar a cor do seu mundo. O cinza forte da fumaça dos outros está nas entrelinhas. No dele, aparece em primeiro plano, com justificativas e palavras elaboradas. Maneiras diferentes de falar. Gírias, cacoetes, lapsos de memória. Tudo preservado para garantir a fidelidade das palavras, do conteúdo, a imagem de quem se expõe. Os cinco personagens, de classes sociais distintas, representam outros 25 que também contaram, na forma de texto ou em depoimentos gravados, qual era a cor do mundo de um viciado em crack.

As histórias sempre se encontram num determinado ponto, no prazer de ver a pedra evaporar dos cachimbos e admirar a fumaça no meio da poluição dos carros. Estão representados nesses depoimentos o carpinteiro Antônio, o publicitário Roberto, a estudante Daniela, o desempregado João, a dona de casa Fátima, o analista de sistemas Carlos... Em comum, as pedras de efeito rápido feitas a partir da cocaína em pó ou pasta-base de coca aquecida com bicarbonato de sódio e um pouco de água. Pequenas pedras fumadas em cachimbos caseiros. O crack, a droga mais destruidora já fabricada pela ganância humana, tem uso tão simples e preço tão baixo que qualquer pessoa pode carregá-lo na bolsa, até uma criança. São os reféns da droga que escraviza e mata de forma fulminante. Os pequenos cristais porosos estalam em contato com o fogo e fazem um barulho — crack!, o sentido da vida de todos eles.

PEDRA BRUTA

Essa droga é a terceira bomba atômica do mundo.

Veio para arrasar, destruir a sociedade americana.

Carlos Rivas, *traficante colombiano*

A imagem percorreu o mundo. O crack estava nas mãos do poder. Em janeiro de 1990, Marion Barry, prefeito de Washington, foi flagrado por uma câmera quando dava as primeiras tragadas em um pequeno cachimbo. O sempre sorridente político estava instalado num elegante apartamento do Vista Internacional Hotel, no centro da cidade. Antes, havia sido filmado comprando a droga. As imagens chocaram não só os puritanos. Afinal, a última coisa que se espera de um político é vê-lo em situação igual à daquele viciado que ronda as esquinas do bairro atrás de droga. A diferença é que o viciado em questão vestia temo, freqüentava colunas sociais, tinha poder, dinheiro e administrava a capital dos Estados Unidos. Não restou outra alternativa a Barry a não ser confessar, agora, de frente para as câmeras. "Estou viciado em crack", disse olhando fixamente para a lente que horas antes o havia flagrado com a droga na mão.

A lente captou a verdade que o prefeito escondia havia seis meses debaixo do tapete. Queda das meias verdades ou das mentiras inteiras do político, até então, com prestígio. Nesse momento, a expressão de conciliador cedeu lugar à testa franzida, ao medo de não saber lidar com o escândalo político, aliás, muito bem aproveitado por seus adversários. Resultado: o crack tinha chegado à classe social mais alta, abastada, que vive em escritórios bem decorados, com ar condicionado e aquecimento central. Última cena: o negro Marion Barry preso pelo FBI, a polícia federal dos Estados Unidos; situação corriqueira nos bairros pobres de quase todos os estados americanos, mas rara na esfera política de qualquer país.

A escalada do crack foi rápida. Começou nos guetos e logo físgou "clientes ok", como os traficantes classificam as pessoas com situação econômica satisfatória, como Barry, e que perseguem as pedras. Ninguém sabe ao certo quem teve a idéia de transformar a pasta-base de cocaína em pedra adicionando à massa de cor bege um punhado de bicarbonato de sódio, um pouco de água e levando a mistura ao fogo. Difícil imaginar alguma gangue ou "grupo organizado" assumindo a autoria da receita. Oficialmente, a aventura do crack nos Estados Unidos começou em meados da década de 80 nas escuras e sujas ruas do Bronx, em Nova York. Pelos arquivos da polícia americana, as "pedrinhas da morte" teriam sido introduzidas por quadrilhas de traficantes jamaicanos que, em pouco tempo, espalharam a droga por várias

idades. Nas ruas, os comentários dividem a "autoria da receita" com outros traficantes igualmente poderosos, mas do México, Peru, Colômbia e Bolívia, países que fornecem habitualmente matéria-prima para "viagens rápidas". Mais um detalhe: a pressão policial no início dos anos 80 para identificar os laboratórios de refino de cocaína que começavam a se instalar em alguns pontos dos Estados Unidos forçaram os traficantes a "terceirizar" a função de refino com grupos de outros países. O crack teria surgido no momento de maior pressão da polícia e de maior dificuldade para exportar a massa, por exemplo, para o México e Peru. A solução foi "trabalhar a massa" que estava parada para não perder dinheiro. Assim, a criação do crack teria sido motivada por esses fatores: grande quantidade de pasta-base e dificuldade de mandá-la para o refino, trabalho que necessita de estrutura especializada.

Pelas estimativas do FBI, o crescimento dos adeptos à droga tende a bater todos os recordes. Em 1982, eram 120 mil. Sete anos mais tarde, 1989, 600 mil pessoas firmavam crack. Em 1996, 16 anos após o início do frenético comércio, a droga é a preferida por 1 milhão de americanos. Quase 3 milhões experimentaram crack nos últimos seis anos. A regra é: a pessoa acostumada a consumir cocaína de boa qualidade — classe média alta e rica — tende a procurar pedras mais puras, mais fortes, que podem custar entre US\$ 20 e US\$ 25. São as chamadas "jumbo", maiores, encorpadas. Em 1985, o "crack jumbo" custava US\$ 40. De acordo com a Drug Enforcement Administration (DEA), entre 75% a 90% dos usuários de crack preferem a droga pura — jumbo. Em 1987, a procura pelo Crack desta qualidade interessava apenas 34% dos viciados. Sinal de que as pedras estão agora circulando nas mãos de pessoas com mais dinheiro. Com US\$ 5 ou US\$ 10 é possível comprar pedras nos prédios abandonados e becos do Bronx e do Harlem -- nordeste de Manhattan.

A indústria da cocaína e seus derivados movimentam US\$ 25 bilhões anualmente nos Estados Unidos. Em contrapartida, o governo americano desembolsou US\$ 16 bilhões entre 1981 e 1988 com a elaboração de campanhas educativas de combate ao uso e abuso de drogas. Quando foi preso, em 1985, o traficante colombiano Carlos Lehder Rivas ganhou as páginas dos principais jornais por dois motivos: sua condenação — 135 anos — e suas declarações dirigidas aos governantes americanos: "A cocaína e seus derivados, como o crack, são a terceira bomba atômica do mundo. Essa droga veio para devastar, arrasar com a sociedade americana. Vão morrer mais pessoas por causa dessa droga que na Guerra do Vietnã. A América está perdendo essa guerra". O governo federal apressou-se em criar uma polícia especial para o combate de drogas capaz de elaborar estratégias e logísticas para vencer esta guerra. O governo anunciou, à época, que o melhor caminho para combater a cocaína e seus derivados era aumentar o esforço na reformulação de leis, prevenção e tratamento. Uma vez que a vitória total seria impossível, o melhor era aprender a lidar com a presença da droga do que simplesmente combater o seu uso.

Na teoria, o discurso político faz sentido. O tratamento de 2 milhões de americanos viciados custa ao governo entre US\$ 8 a US\$ 30 bilhões por ano. Por outro lado, a produção de

cocaína saltou de 45 toneladas em 1986 para 71 toneladas no ano seguinte. Em 1996, a estimativa é que 100 toneladas de cocaína e pasta-base estejam no mercado norte-americano. Quinhentos inspetores estão distribuídos nos aeroportos, portos e principais rodovias para coibir a entrada da droga no país. O custo anual deste "exército" beira a cifra de US\$ 25 milhões. O ideal seriam mais 2,5 mil inspetores, mas o problema é que o custo desta "operação de guerra" subiria para US\$ 1 bilhão ao ano. Contudo, a realidade é outra: apenas 4,2 mil homens do DEA e FBI trabalham atualmente com a função de amenizar os estragos da cocaína e outras drogas na sociedade americana. O governo tem 30 agências de combate às drogas, além de sete departamentos que fazem trabalhos paralelos, mas que burocraticamente são rivais. Os conflitos nos planos de ação acabam emperrando as estratégias.

Com isso, fica mais clara uma diferença crucial entre os lados "nesta guerra": o tráfico leva vantagem sobre a polícia por ter apenas um gerente de tráfico que coordena tudo num determinado ponto de venda — distribuição, preço, estoque. No lado oficial, várias estruturas paralelas com hierarquias complexas e morosas. Em todo caso, a prevenção é vista como a grande saída. Cabe a cada estado desenvolver o seu programa. O grande problema é que muitos não fazem prevenção nas escolas como deveria ser. Programam debates, seminários, e depois não dão continuidade ao exaustivo trabalho de esclarecer os danos provocados pelas drogas. Cada criança envolvida num programa deste tipo custa aos cofres públicos a irrisória quantia de US\$ 5: Bem menos do que o valor desembolsado pelo governo para tratar cada vítima fisgada pela cocaína, crack ou heroína: US\$ 4 mil por ano com tratamento ambulatorial de um viciado. No caso de tratamento em hospitais públicos especializados, a quantia é maior: US\$ 15 mil/ano por paciente internado. Está mais do que claro que o custo da prevenção é menor e pode ser mais eficaz. O problema é que metade das crianças que freqüentam escolas públicas não são atingidas por nenhum programa de prevenção. Com isso, a população de risco, ou seja, potenciais consumidores de cocaína e seus derivados, é grande: 29 milhões pelos cálculos do próprio governo.

Os relatórios dos hospitais de emergência são claros. Os viciados em crack representam hoje 50% do total de atendimentos. É a prova maior de que entre milhares de toneladas de drogas consumidas a cada ano pelos norte-americanos, a heroína não é a que mais atormenta as autoridades, famílias e a direção de hospitais; a preocupação maior é a forma mais barata da cocaína: o crack. Um exemplo dessa situação é o pronto-socorro do Highland General Hospital em Oakland, na Califórnia, que vive superlotado com pessoas jovens atormentadas pela *overdose* de crack. São comuns cenas como estas: paciente amarrado com correias enfrentando policiais; mulher grávida que pede auxílio à polícia e é encontrada fumando crack em casa no meio de fortes contrações; homem baleado que é empurrado de carro ainda em movimento na porta do hospital — um meio bastante comum de se dar entrada no Highland.

A história mais forte contada por médicos e enfermeiros é de uma mulher que foi levada de um tribunal para o hospital depois de um ataque psicótico durante uma audiência por porte de crack. Ela havia escondido as pedras na vagina. A descoberta aconteceu na sala de emergência. Tinha 38 quilos, fumava crack havia cinco anos e sofria de diarreia por seis meses sem procurar tratamento. "O hospital foi transformado em um zoológico por causa do crack e por tudo o que com ele se relaciona, principalmente a violência. É a droga mais selvagem que já apareceu", afirma o médico Robert Dailey, que pediu demissão do cargo de diretor do hospital, em 1988, por não conseguir trabalhar como queria.

Ele lembra dois levantamentos que fez à época em que dirigia o hospital. No inverno de 1988, durante um período de 72 horas, todos os 500 pacientes recolhidos à sala de emergência do pronto-socorro foram submetidos a testes de urina: 45% estavam drogados com cocaína. Um levantamento semelhante feito semanas depois, constatou, em 12 horas de um sábado — quando as ruas de Oakland se enchem de ruídos de tiroteios e sirenes de carros de polícia —, que todas as amostras de urina dos pacientes que estavam na sala de emergência continham resquícios de cocaína — crack. "A cocaína é o demônio, e suas variações, como o crack, são as mais perversas. As coisas piorarão", lamenta.

Estudo feito em 1987 pelo Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Michigan serviu para comprovar a disseminação do crack entre os jovens americanos: um em cada 18 alunos do colegial tinha experimentado cocaína ou crack pelo menos uma vez na vida. "Nós estamos lidando com a pior de todas as drogas, incentivada por mais dinheiro do que jamais surgiu neste setor em toda a história", comenta Robert Byck, professor da Escola de Medicina da Universidade Yale, considerado o principal especialista de assuntos relacionados ao vício da cocaína e derivados. O médico Arnould Washton, pesquisador de um serviço de atendimento a viciados e psiquiatra do Regente Hospital de Nova York, pesquisou aleatoriamente o perfil do americano viciado em crack. Seu universo foram 458 chamadas telefônicas ao serviço de atendimento. O crack é vendido em 25 estados americanos e em 16 grandes cidades. "O crack está sendo usado por adultos e adolescentes, negros, brancos, pobres e ricos", afirma. Os viciados em crack são: 72% homens; 94% têm entre 20 e 39 anos; 57% ganham mais que US\$ 16 mil por ano; e o gasto com a droga, para 75% dos viciados, chega a US\$ 100 por semana. "O fato de a droga ter baixo custo é um desastre nacional", comenta.

Máxima dos estudiosos americanos em crack: "O que a indústria *de fast-food* fez para o setor de alimentação, a cocaína fez para o crack". Passados 16 anos do início da venda da droga nas esquinas, a sociedade americana se depara com um grave problema: os filhos do crack também apresentados em estudos e relatórios como a "geração perdida" — crianças de mães que não conseguiram se livrar da droga durante a gravidez. Nasceram com o cérebro menor e uma série de complicações, como a hiperexcitabilidade. Choraram de dor quando são tocadas ou expostas à luz. Anualmente, nascem entre 400 e 700 mil crianças com esses problemas nos

Estados Unidos. "O crack inibe a vontade de transar, mas muitas mulheres acabam se prostituindo para conseguir a droga e não conseguem parar quando ficam grávidas. É um problema social grave, pois são crianças com sérios distúrbios mentais e físicos que acabam dependendo exclusivamente de uma ação do governo, isso quando sobrevivem", comenta Patrícia O'Keefe, diretora da Associação Nacional para a Educação e Pesquisa sobre Adicção Pré-Natal.

No início da década de 90, os médicos se depararam com uma situação absurda. Mulheres usando o crack como método de emagrecimento. Isso mesmo. A droga usada para se livrar dos quilos a mais. Traficantes, reconhecendo o novo mercado, começaram a apregoar os "benefícios" da droga, as "qualidades" do crack, oferecido com ênfase especial para adolescentes. Embora o crack tenha atraído primeiro pessoas de classes sociais mais baixas — a cocaína em pó ficou com os mais endinheirados —, a nova forma de "dieta" atinge mulheres de todas as classes sociais. Kristen Gayle, uma garota de 17 anos que vive no Harlem, admite que suas amigas usam o crack para ficar em forma. "A pessoa se sente alimentada com a droga e pode ficar vários dias sem comer", afirma. Enquanto o viciado mantém o consumo diário, pode perder entre 5 e 25 quilos em pouco tempo — método considerado rápido e eficiente pelos consumidores. No entanto, a compulsão pela droga aparece logo nas três primeiras vezes.

GANGUES E VIOLÊNCIA

Policiais e agentes federais relacionam a entrada das gangues no tráfico de drogas ao rompimento, no início da década de 70, da "conexão francesa", até então responsável por boa parte da droga que entrava nos Estados Unidos. A partir desta mudança, os "grupos tradicionais" teriam perdido a exclusividade no negócio. Gangues como os Vigilantes, do Harlem, tiveram a oportunidade de passar de prestadores de serviços à condição de detentores de sua própria fatia de mercado. Assim como os Vigilantes, outros grupos são considerados velhos conhecidos do Departamento de Polícia de Nova York, o mesmo valendo para Los Angeles e Miami. A maioria dos integrantes das gangues oscila entre 15 e 20 anos e os do alto comando costumam ser um pouco mais velhos, conhecidos como Old Gangsters. Esses são facilmente identificáveis nas regiões que dominam pelos carros luxuosos que dirigem e pela quantidade de ouro que carregam na forma de anéis, correntes e relógios.

A proliferação do crack está diretamente ligada à multiplicação de novos grupos. Há gangues controladas por negros, asiáticos, colombianos, cubanos, bolivianos e jamaicanos, considerados por policiais os mais violentos em suas operações. Só em Los Angeles, as gangues somam cerca de 70 mil integrantes. Há desde grupos pequenos, com 20 ou 30 pessoas, até os que somam mais de 100. A relação entre o crack e a proliferação de gangues é explicável. Um

quilo de cocaína — US\$ 10 mil — pode ser convertido em dez mil porções de crack com retorno garantido de US\$ 250 mil. O negócio não requer grande investimento inicial. As gangues são formadas basicamente por jovens com passado complicado e isso faz com que tenham pouca coisa a perder. O resultado disso é a violência. Bloods, Crips, Montego Bay, Untouchables, Disciples, People's Choice são algumas gangues de cidades como Los Angeles, Chicago, Miami e Nova York. A partir de 1988, começou o fenômeno de expansão dessas gangues em direção a cidades no centro do país, como Denver e Kansas City, onde competem com traficantes locais de drogas com vantagem tanto em armas quanto na qualidade da mercadoria oferecida.

No início da década de 80, eram registrados entre 20 e 30 homicídios em Nova York por causa do tráfico de drogas, ou seja, disputa pela posse de drogas e demarcação de territórios de venda. O índice foi de 35 em 1986, 39 no ano seguinte e 80 no final de 1995. Alguns fatos chamaram atenção para a questão das gangues. O principal deles foi o assassinato de um policial em South Jamaica, em Nova York, no final de fevereiro de 1988. Edward Byrne, um jovem de 22 anos, guardava a casa de uma testemunha num processo envolvendo crack quando foi morto a tiros. Sua idade e as circunstâncias da morte resultaram em ampla repercussão para o caso. Causou um certo desconforto nacional e fez com que o então presidente Ronald Reagan fosse à televisão anunciar que a "cruzada por uma América livre das drogas" caminhava para a vitória. Ficou só no discurso. O governo seguinte, o de Bill Clinton, não contemplou a questão das drogas como prioritária.

Los Angeles, por exemplo, continua sendo conhecida como a capital nacional das gangues. As estimativas apontam cerca de 60 mil jovens distribuídos por 500 gangues. Desbancou o mais famoso centro de gangues — Chicago — que na década de 20 ganhava espaço no noticiário policial com as estripulias do intocável Elliott Ness contra o lendário Al Capone. Chicago tem 25 mil jovens envolvidos com gangues. Os casos de pessoas envolvidas com crack lotam a justiça. Em 1988, foram registrados cerca de 20 mil casos. Sete anos depois, 1995, 45 mil. Os casos na justiça envolvendo viciados em crack aumentam a cada ano — média de 15 mil prisões.

VIDROS COLORIDOS

Quando uma empresa pretende lançar um novo produto no mercado segue à risca uma série de estratégias. Define o público-alvo, calcula índices de retorno com base no investimento inicial e define estudo de embalagem. Escolhe uma praça, testa o produto e define uma quantia para divulgação. Faz adaptações com base em pesquisas com consumidores e lança com certo estardalhaço a novidade no mercado. Não é diferente com o organizado mercado de drogas nos

Estados Unidos. No caso do crack, a estratégia segue as mesmas diretrizes de qualquer outro "produto" convencional do mercado, seja uma nova marca de cigarros, margarina ou xampu. Quando o crack chegou ao próspero mercado americano, os "estrategistas da nova droga" distribuíam as pedras em pequenos frascos de perfume ou caixinhas de lentes de contato. Um requinte de organização ainda não exportado para outros centros, como São Paulo, onde o crack é embalado em sujos pedaços de plástico ou papel de seda de baixa qualidade. Isso quando é embalado.

Em pouco tempo o mercado de Nova York e da Flórida começava a receber recipientes criados especificamente para a droga. Vidrinhos transparentes de, no máximo, cinco centímetros e vedados com plásticos coloridos. O *design* do vidro e a cor da tampa definem o ponto de venda, o traficante, a potência da droga, o preço da pedra, sua qualidade e o território de uma gangue. Pode representar tudo isso ou simplesmente nada. Mas a cor da tampa é vista como uma marca. "Nós temos azul! Azul à sua disposição!", gritam os vendedores, jovens que ficam perambulando pelas ruas e avenidas. O crack é dividido por preço. Um tubinho de pedra de baixa qualidade, ou seja, com misturas, pode ser comprado a US\$ 3. A média é US\$ 10. Há mais de dez anos, esses vidrinhos são feitos ilegalmente em abundância de estilos. Os usuários têm o curioso hábito de descartar o vidrinho na rua, sempre tampado, depois de pegar a pedra. Acostumaram a usar os vidrinhos transparentes porque podem ser jogados na rua sem deixar vestígios, pois normalmente se quebram na queda.

Os recipientes são conhecidos também por apelidos. Alguns deles: *bunnies*, *crazies*, *supers*, *skinnies*, *flavors*, *bullets* e Taj Mahal. A palavra *vial* é descartada, pois os viciados acreditam que carrega forte conotação de veneno. Preferem chamar os vidrinhos transparentes de *caps*. Algumas expressões são usadas para identificar os que estão sedentos por crack, como *Star Trek* ou *Beam me up, Scotty*. São códigos internos. Os vidrinhos de tampa azul são os mais comuns e podem ser encontrados em pontos diferentes da cidade — Queens, Harlem, Bronx. O "negócio dos recipientes" é dominado por imigrantes do Iêmen. A polícia acredita que eles são importados. Outra embalagem da droga, mais atual, são saquinhos de plástico para meia dose — pedras menores ainda — amarrados na ponta com fitas coloridas. Na verdade, essa nova derivação é feita no Queens e Bronx. Ocasionalmente, a polícia faz vistorias nos navios vindos do Iêmen. O sucesso deste tipo de embalagem é que é mais fácil ser descartado do que os recipientes de vidro.

No verão de 1995, os vidrinhos deixaram de ser transparentes; apareceram em versões pintadas. Os recipientes receberam tintas azul, verde ou vermelha. O curioso deste mercado das embalagens é que muitos modelos de vidro — redondos, finos, curvados — desaparecem rapidamente dando lugar a novos formatos. Uma mudança cíclica, como a própria droga. Uma nova coleção chega às ruas e depois desaparece, dando lugar a novos *designes*. Com essa grande variedade de embalagens jogadas nas ruas, algumas pessoas cruzam as ruas olhando para o

chão. Passam a colecionar os vidros com suas tampas de plástico colorido. Caso de Paul Sheehan, que iniciou sua coleção em 1991 e hoje tem 562 tubinhos arrumados numa espécie de prateleira com o formato de aparador de tubos de ensaio para análise de insetos. São 80 diferentes *designs* de tampa, que sugerem 80 diferentes fabricantes da droga. Cada tipo de tampa é produzida entre 10 ou 12 diferentes cores. São mais de quatro dúzias de diferentes tipos — hexagonal, finos, arredondados, todos transparentes para que o produto possa ser visto.

Ele começou a procurar os tubinhos perto de sua casa, na West Ninety Eight Street e por vários bairros — Harlem, Bronx, Queens, Brooklyn e outras cidades, como Newark e Chicago, onde não existem os tubinhos de vidro, apenas embalagens de plástico. Em Newark, por exemplo, é o contrário, toda a droga da cidade é vendida em tubinhos de vidro. Nova York tem de tudo um pouco. Da coleção, elogiada pelo compositor Philip Glass e pelo escritor Allen Kurzweil, que sugeriu a colocação dos tubinhos numa espécie de vitrine, destacam-se 30 recipientes com tampas na cor ouro ou prata. As embalagens de vidro continuam sendo mais usadas porque logo que são jogadas na rua se quebram. "Tenho oito embalagens que têm marcas de dentes nas tampas. As pessoas acham a coleção bonita, colorida. Como essas embalagens são mutantes acredito que minha coleção, no futuro, terá valor antropológico, pois poderá refletir um momento do comércio desta droga. Minha coleção está exposta na parede da sala. Quando alguém vem me visitar, olha direto para a vitrine colorida antes mesmo de observar qualquer outra obra de arte de minha casa", comenta.

MULHERES NUAS

Mulheres nuas num prédio abandonado do Harlem. A prostituição está diretamente ligada ao consumo do crack, mas neste caso as mulheres em volta de uma mesa têm uma função: cortar a pedra de crack e despejá-la na embalagem transparente com tampa colorida para ser vendida na rua. É uma das várias linhas de produção da droga em Nova York. Enchem centenas de tubinhos por dia numa operação apelidada *Bottling up*. Por que estão nuas? Simples. É uma medida de segurança adotada pelos traficantes. Para não levar droga para casa, esconder pedras de crack nos bolsos ou sacolas. O traficante não pode correr riscos. As mulheres que se sujeitam a esse trabalho, geralmente prostitutas, ganham US\$ 800 por mês e ficam nuas de quatro a cinco horas por dia. Onde uma mulher nua vai esconder uma pedra de crack? No mesmo lugar onde a pedra é processada, funciona também a operação de distribuição de heroína, também feita por mulheres sem roupas.

Em alguns bairros, como no Brooklyn, o número de mulheres viciadas ultrapassa o de homens. Um fato inédito, pois durante muito tempo as mulheres é que conseguiam manter a coesão familiar. Nas ruas onde o comércio de crack existe há muito tempo, o negócio da droga

está nas mãos de pessoas bem mais jovens que seus antecessores. Não é raro ver garotos de 12 anos vendendo tubinhos de crack repousados em cima de caixas de leite. Essas crianças recebem US\$ 25 por semana para executar o "trabalho". A polícia registra casos de prostituição forçada. Caso de uma moça de 17 anos, no bairro de Queens, obrigada por dois irmãos viciados a se prostituir em casa. Com o dinheiro, eles compravam a droga. Mas nem sempre a prostituição é forçada. No Brooklyn é possível encontrar moças com a "missão" de bater carteira de um incauto. Na falta de carteiras, se entregam ao primeiro que pagar. Um programa pode sair por meio dólar, depende da fissura, da vontade de fumar.

Os "embalos" das moças do crack em prédios decadentes podem durar de dois a três dias. Muitas vezes elas praticam sexo oral em troca de uma rápida "baforada". Acabam morrendo assassinadas ou por outro tipo de violência; podem ser contaminadas pelo vírus da Aids ou morrer de doenças resultantes da desnutrição, característica dos viciados em crack, a droga com a qual todos os traficantes sempre sonharam. A polícia faz de tudo para acabar com a tradição americana de fumar crack em locais criados especificamente para ele e para a heroína: as *crack houses* ou *rock houses*, locais onde o viciado compra a droga e se instala em quartos para "seus embalos". Essa modalidade já se espalhou pelo país, chegando às áreas rurais. Esses espaços são comparados a bares comuns, onde as pessoas vão para "manter contatos sociais", ou seja, fumar e se prostituir, transar, "fazer dinheiro para comprar a droga". Algumas pessoas ficam de três a quatro dias em cubículos fumando direto, sem parar.

As *crack houses* geralmente empregam um cozinheiro para converter a pasta-base em pedra, um gerente que recebe o dinheiro, um leão-de-chácara e vários vigilantes que ficam à espreita da polícia. Esses vigilantes são geralmente adolescentes que se viciam na droga por serem "curiosos feito gatos". Essas casas especializadas para o consumo de crack e heroína ganharam força nos Estados Unidos a partir de 1985. Quando descobertas, os policiais encontram um cenário de horror. Mulheres magras, homens doentes, trêmulos, com cachimbos e pedras nas mãos. Quartos escuros e abafados onde as pessoas se prostituem por qualquer quantia. Cenário de horror que continua principalmente nos bairros pobres. A criatividade também aparece na confecção de cachimbos que podem ser de madeira, vidro com forma irregular, pintados, com identificação, formato de caveira... As pessoas de classe média costumam comprar os tubinhos de crack para fumar em casa. A droga já chegou em outros países, como França, Alemanha, Inglaterra. No Brasil, o desembarque aconteceu por São Paulo.

SUINGUE DA FUMAÇA

Pequenas e com aparência inofensiva, pensei que não fossem dar certo.

Estava enganado. As pedras não perdoam nada e ninguém

Nivaldinho, mestre-cuca do crack

Em agosto de 1986, uma reportagem de Greg MacDonald, do *New York Times*, era reproduzida com destaque pelo jornal *O Estado de S.Paulo*. O assunto, apresentado como a nova febre americana, parecia distante da realidade brasileira. Título: "Crack house, o apocalipse hoje". A matéria contava a história de um rapaz de 29 anos, viciado em drogas desde os 13, e que na época ajudava a polícia americana a prender vendedores de crack no distrito de Colúmbia. Aos 20 anos, traficava. Quatro anos depois, trabalhava como cozinheiro numa *crack house* — local onde a pedra era feita e o cliente poderia desfrutar de um cômodo para experimentá-la. Sua função era derreter o pó branco até chegar à sua forma mais pura para que pudesse ser fumado. Com o trabalho, ganhava US\$ 200 mil por ano. Presenciou assassinatos cometidos por viciados sem dinheiro e as reações da droga nos adeptos da cocaína fumada.

Quando quase foi vítima da violência — viciados tentaram esfaqueá-lo para roubar dinheiro — decidiu entrar num programa de recuperação de dependentes do governo. Acabou dando detalhes sobre o funcionamento das *crack houses* e do comércio da droga para representantes do subcomitê permanente de investigações sobre drogas do Senado americano. Escândalo certo. Alarme entre policiais e especialistas. O jovem virou notícia lá e ganhou destaque por aqui. Outras matérias sobre a cocaína fumada foram, aos poucos, sendo publicadas pelos grandes jornais brasileiros. Parecia ser mais uma excentricidade de americanos viciados do que um problema social que estava prestes a bater à nossa porta. Durante 1987, chegaram mais detalhes sobre a droga, já tratada como epidemia nos Estados Unidos.

Mas o ano de 1988 prometia. *Shows* internacionais, Brasil nas Olimpíadas de Seul e as diabruras na televisão de Odete Roitman, personagem de Beatriz Segall na novela *Vale tudo*, de Gilberto Braga, escrita à semelhança da realidade brasileira. Um ano com as tradicionais enchentes, greves e o interminável sobe-desce de ministros do governo José Sarney, o pai do Plano Cruzado. Como combustível para discussões acaloradas, os artigos da Nova Constituição e a divulgação das idéias de reestruturação — *perestroika* — do então líder soviético Mikhail Gorbachev.

Naquele ano, os paulistanos começaram a notar nas ruas dos bairros pobres da periferia de São Paulo pessoas com comportamento estranho após fumar num cachimbo pequenas pedras

porosas, de um branco sujo, cinza, amarelado, com aparência de sabão ou cera. Tremiam e andavam rápido com os olhos vidrados. Eram as primeiras cenas dos viciados em pedras nas ruas. Na forma de pequenos cristais, as pedras estalam em contato com o fogo, por isso receberam o nome crack, de quebrar em inglês. Os estalos são provocados pela reação da composição aquecida de cocaína pura (cloridrato de cocaína) com bicarbonato de sódio e água. A droga apresenta 60% de impurezas em função das misturas químicas da cocaína.

A palavra aportuguesada passava a integrar o vocabulário de médicos, policiais e especialistas. A droga do "apocalipse americano", ninguém sabe como, estava na periferia da cidade na cadência das buzinas e do corre-corre. Início do suingue da fumaça do crack. Atraíu inicialmente pessoas sem dinheiro para comprar cocaína — a droga dos ricos — como mendigos, meninos de rua. Também seduziu uma legião de curiosos em experimentar o "novo barato", cinco a seis vezes mais potente que a cocaína em pó, conforme classificou o próprio governo americano.

Quem trouxe ou atirou a primeira pedra na cidade ainda é mistério. Continuará sendo. Pode ter sido trazida na bolsa colorida de um jamaicano excêntrico, um americano de óculos grandes e pulseiras de ouro e prata no braço, um boliviano de cabelo grosso e espetado ou mesmo por um religioso brasileiro que topou com a pedra na mão de um menino na periferia da cidade. O jogo de adivinhação está aberto. Fértil, mas nada objetivo, verdadeiro. Esse hiato, incógnita da chegada do crack em São Paulo, abre um leque para hipóteses e mais hipóteses, nenhuma confirmada. O fato concreto é que a droga começava a disputar com a cocaína a preferência nos pontos de venda de drogas, as chamadas bocas, em bairros como São Mateus, Cidade Tiradentes e Itaquera, na Zona Leste.

Os que eram apresentados à droga a fumavam em cachimbos feitos com pedaços de antena de carro, bocal de lâmpada, copos de iogurte e água mineral. Quem ensinou aos "nossos brasileiros" o *know-how* do cachimbo improvisado? É a segunda pergunta sem resposta no mistério sobre o "pai do crack em São Paulo". Em todo caso, aprenderam bem a lição. Nas ruas escuras da periferia, viciados iniciavam um espetáculo inusitado: um pisca-pisca intermitente provocado pelo acender de isqueiros na direção dos cachimbos. Resultado semelhante ao de um batalhão de vagalumes numa rua com iluminação precária.

A maneira de fumar crack é curiosa, rudimentar. Os cachimbos são improvisados com potes de iogurte, por exemplo. Na metade do pote é introduzido um tubo, canudo. Embaixo, um pouco de água. O pote é recoberto com papel laminado perfurado. A pedra de crack é colocada sobre os furos do papel para ser queimada junto com cinzas de cigarro. Aspira-se a fumaça que desce para o interior do pote. Esse é o sistema tradicional, adotado pelos viciados americanos. Algumas pessoas preferem fumar a pedra direto num cachimbo. Neste caso, a fumaça, não concentrada, evapora-se com facilidade. Outros acoplam cachimbos tradicionais a recipientes

improvisados onde possa ser possível colocar um pouco de água para concentrar mais a fumaça. Esse sistema é o mais usado na periferia e no Centro de São Paulo.

Roberto César Galvão, o Betão, é apontado por viciados do Centro como o mais antigo "pedreiro" de São Paulo, termo que identifica o dependente de pedras de crack. Está nas ruas desde o segundo semestre de 1988. É o símbolo da dominação e resistência à droga. O mulato alto e forte de 30 anos, recém-chegado à cidade, acreditava que aquele ano seria especial. No rosto, uma cicatriz do lado direito, fruto de brigas na adolescência. Tinha abandonado a mulher e os dois filhos no sertão baiano para tentar a sorte grande no "Sul Maravilha". Analfabeto, não se importava com política ou economia. Tinha tempo e assunto só para o futebol. De terça a domingo, passava oito horas atrás do balcão de uma lanchonete suja da avenida São João. Levantava cedo — 5 horas — para viajar por mais de uma hora, ônibus e metrô, até chegar ao Centro.

Morava em São Mateus, na Zona Leste, num cômodo e cozinha com a irmã, separada, e dois sobrinhos. Era pontual. "Durante os seis meses em que trabalhou na lanchonete nunca chegou atrasado", lembra Durval Aguiar da Silva, ex-dono do estabelecimento, atualmente no ramo de peças recondiçionadas para carros no outro lado da cidade, em Santo Amaro, na Zona Sul. Ele talvez seja hoje a única pessoa capaz de traçar um breve perfil do baiano devoto de são Benedito antes do crack. Para os amigos da lanchonete, Betão dizia que pretendia juntar dinheiro para voltar para Cruz das Almas, no Sertão Baiano, com algum trocado no bolso e lá comprar um terreno e aprender a ler "mais direitinho". "Ele ficava incomodado com o barulho dos carros e costumava se perder na cidade", lembra Silva, que até hoje não entendeu o sumiço do ajudante-geral.

Betão, atualmente, dorme nas calçadas das ruas Guaianazes, Vitória e Triunfo, na região da Estação da Luz, pontos que passaram a ser mais procurados por viciados a partir de 1991. Difícil descobrir se, de fato, ele é o resistente da primeira fase do crack em São Paulo. A mentira faz parte da vida de um refém desta droga, mas a aparência do mulato que um dia foi forte ajuda a reiterar a tese. Olhos fundos, pele com manchas escuras nos braços e rosto, barba e cabelos imensos. Nada parecido com a descrição feita pelo seu ex-patrão. O fato de ele não conseguir completar uma frase sequer aumenta ainda mais o mistério. Betão treme e se assusta com facilidade. Uma sirene, seja de um carro de polícia, bombeiro ou ambulância, é motivo mais que suficiente para ficar alterado, trocar de calçada e procurar abrigo nos inúmeros hotéis sem estrelas da região. Sua base mesmo é a rua, mas em momentos em que se sente acuado por algum motivo, tem acesso fácil aos hotéis onde costuma arrumar comida e, com dinheiro, se abastece de pedras.

Os amigos acreditam que ele conheceu o crack em São Mateus, mas também desconfiam de que a iniciação pode ter ocorrido nos meandros da Estação da Luz, onde circulava nos dias de folga. Betão não fala. Não confirma nem desmente as versões. Olhos

vidrados no letreiro de uma loja, parece tentar adivinhar o que está escrito. O máximo que faz é balbuciar alguns sons estranhos, murmúrios. Misto de dor com desconforto. Lembra um animal acuado. Seus amigos do crack tomam a palavra. "Não sei como ele ainda está vivo. Foi o primeiro a ocupar a área aqui", comenta Tiquinho, um rapaz tão magro que dá a impressão de que não resistiria a um vento forte. "Betão já teve convulsão e está sempre mal", completa. Não é para menos.

Durante as duas horas de "tentativa de conversa com ele", fumou 15 pedras, quase que uma seguida da outra. Quando pipa no cachimbo feito com um copo de água mineral, vira o olho como se estivesse em êxtase. Tosse muito. "Há quanto tempo fuma crack?" Balança as mãos e estala os dedos como resposta. É como se quisesse falar que faz tempo. "Como consegue as pedras?" Estica o braço e aponta para a calçada. "Ele pede pra nós", interrompe Tiquinho, o porta-voz de Betão. "A gente fica com dó dele", comenta. Tiquinho não revela seu primeiro nome. Conhece Betão há dois anos, quando saiu da Cidade Tiradentes, no extremo da Zona Leste, para morar com um amigo também viciado em crack. Betão o ajudou com as três sacolas pesadas. "Ele é boa gente, mas não dura muito não", acredita, como se estivesse imune a esse final. Tiquinho deixa escapar que está jurado de morte por traficantes da Cidade Tiradentes. "Peguei umas pedras e não paguei", confessa. "Já estou acostumado com o esquema daqui".

Com a pele sem brilho, opaca, Betão, passa o tempo, vegeta nas ruas. Deixa a impressão de que não tem nem mais forças para roubar, "atividade" que garante as pedras a um viciado em crack que mora nas ruas. Difícil imaginá-lo correndo para se esconder de uma vítima ou policial. A fumaça o afastou da família e do sonho de juntar dinheiro para comprar um pedaço de terra em Cruz das Almas. O nome é sugestivo.

Carrega a cruz do crack nas costas e virou uma alma cambaleante que se arrasta pelas ruas do Centro. Caminha para a morte a passos largos. "Esse está sempre assim, mal. Muitas vezes sai gritando pelas ruas como se alguém batesse nele", afirma Cocada, de 12 anos, menino de rua que ainda não trocou o esmalte e a maconha pelo crack.

Betão, hoje perto dos 40 anos, aparenta um sexagenário mal-cuidado e parece entender o que o garoto fala, mas não esboça reação. O ex-funcionário pontual da lanchonete está sempre à espera de uma pedra como recompensa por atender os desencorajados a entrar nas bocas de crack. Aguarda também a presença de uma outra alma viciada e caridosa que lhe ofereça o cachimbo para uma profunda pipada. Entra na rua dos Gusmões e sai de cena. Desaparece com sua sacola de plástico empoeirada onde guarda o que lhe restou: cachimbo para as pedras, dois, uma camisa suja, garfo, faca e um pequeno cobertor.

Vamos a São Mateus, o provável ponto de partida da aventura de Betão com a droga. Por coincidência, um dos primeiros "portos seguros" do crack em São Paulo. O interesse é resgatar sua história, ampliar seu perfil e conhecer mais detalhadamente o local onde as pedras fizeram os primeiros estragos. Ruas estreitas, córregos sujos e um emaranhado de linhas

"enfeitam" a fiação e postes das ruas, sinal da presença de crianças com suas pipas, papagaios e rabiolas. As casas parecem estar em construção há anos. Cerca de 600 mil pessoas moram neste bairro pobre da Zona Leste, uma caricatura dos becos do Bronx, em Nova York, que de tão grande e populoso foi dividido em três áreas administrativas: São Mateus, Parque São Rafael e Iguatemi. Crianças e adolescentes usam drogas sentados na calçada, traficantes nas esquinas e nas imediações das escolas. Fácil acreditar que não podia ser cenário mais apropriado para os primeiros passos do crack em São Paulo.

Numa rua, perto do centro comercial do bairro — avenida Mateo Bei —, um homem passa o tempo na janela. Observa quem passa pelo local, um dos pontos ocupados por traficantes e viciados em pedra. Nas bocas de crack do bairro, o único Betão conhecido foi morto no final de 1995 durante tiroteio com a polícia. O Betão de Cruz das Almas não deixou rastros por lá, assim como sua irmã, Silmara, e os dois filhos. Um homem com passado escondido pela fumaça.

SEGREDOS DA PEDRA

A partir de 1991, as "paneladas de crack de São Mateus" ganharam destaque na imprensa. Era a "maneira industrial" de fazer pedras e distribuí-las para toda a cidade. Os traficantes da região confirmam que cada ponto de venda do bairro — 20 só no distrito de São Mateus e outros 30 entre o Parque São Rafael e o Iguatemi — tem a sua cozinha, mas não se arriscam a afirmar que boa parte das pedras vendidas no Centro, por exemplo, tem o carimbo, "selo de fabricação" de São Mateus. Estratégia de mercado para afastar os holofotes do bairro e, assim, continuar a produção sem atropelos? Pode ser. "Fazemos tudo aqui nesses grandes painéis de alumínio. Não dá para distribuir. Essas pedras são vendidas por aqui mesmo. No começo, pensei que não fossem dar certo. As pedras têm aparência inofensiva. Me enganei. Elas não perdoam ninguém", comenta Nivaldinho, 23 anos e quatro como mestre-cuca do crack. Ele não fuma. Já experimentou, mas preferiu continuar com a maconha. Por mês, ganha US\$ 2 mil. Perdeu a conta de quantas pedras faz por semana. "Sei lá, deve ser algo assim em torno de três mil pedras, de vários tamanhos", arrisca satisfeito. Esconder o jogo — lucro, quantidade, distribuição, clientes — faz parte do negócio. Números imprecisos em contradição. O olhar, a expressão demonstra outra coisa. O traficante, com tino no comercial, sabe muito bem esconder seus negócios. Tem controle sobre tudo e todos os que fumam.

O segredo para fazer pedras "de qualidade", segundo o cozinheiro, está em dosar a quantidade de pasta-base ou cocaína em pó, água e um agente, normalmente o bicarbonato de sódio, comprado com facilidade em farmácias ou em laboratórios de manipulação. É o ingrediente mais simples de ser encontrado no mercado. "Tem gente que mistura tudo de

qualquer jeito", explica. "Para fazer uma pedra boa, campeã, precisa ter experiência", esnoba. As pedras de crack são feitas de duas maneiras: com pasta-base ou cocaína em pó, depende do produto disponível no mercado. As feitas com pasta-base — produto bruto, não refinado com éter ou acetona — apresentam uma coloração escura, entre o amarelo e o marrom. As pedras de cocaína em pó são mais claras. Os viciados afirmam que a pedra de pasta-base é mais forte e não esfarela com facilidade.

O processo de fabricação das pedras com a cocaína em pó é chamado pelos traficantes de "trabalho burro". Faz sentido. Com a mistura, a intenção é reverter o processo químico da cocaína refinada para deixá-la com a textura da pasta-base não "batizada", ou seja, sem refino. Em 1989, essas pedras passaram a ser chamadas de "crack caboclo", mas o termo ficou só entre os traficantes. Criar códigos linguísticos para a atividade é outra característica dos *experts* no assunto. Uma maneira de preservar o mercado e facilitar de maneira rápida a triagem dos novatos ou curiosos do assunto. Quem arregalar os olhos — ar de espanto — diante de termos como "roça" — local onde há muita droga —, "descabelar" — fumar durante um, dois dias seguidos, até o corpo suportar — e "dar uma de Medellín" — uma pipada (fumada) bem forte — estará denunciando a total falta de intimidade com a droga. Para complicar, os termos mudam a cada bairro, lugarejo, esquina. Como um dialeto. Os dois termos — "trabalho burro" e "crack caboclo" — integram o vocabulário dos traficantes de São Mateus. Difícil passar na sabatina.

Quando os traficantes dispõem de pasta-base, muitas vezes usam soluções como uréia ou manitol, espécie de glicose presente na fabricação de xarope, para aumentar a massa e promover, por meio da fermentação, a "multiplicação da pasta", como eles preferem. O resultado é mais massa para as pedras, porém com baixo teor de cocaína. Mais lucro para o traficante. O bicarbonato de sódio tem a função de reagir com a mistura para deixá-la mais consistente, como cristais, pedra, além de facilitar a combustão no momento de fumar. Nos Estados Unidos, viciados esfarelam a pedra feita com a pasta-base e misturam o crack com maconha, improvisando cigarros — *freebase*. Podem fazer a mistura também com cigarro normal. O resultado é conhecido na Bolívia, por exemplo, como *pitilo*.

Em São Paulo, essa derivação na maneira de fumar crack ganhou o apelido de "bazuca" — referência aos lançadores de artefatos explosivos da Segunda Guerra Mundial — outra denominação que não pegou. Chegou a ser chamado também de "bazuco". "As pessoas não fazem misturas desse jeito por aqui. Preferem fumar a pedra mesmo. Pedra por pedra", explica Nivaldinho. Sua feição muda quando seu assistente deixa a porta da cozinha entreaberta para ouvir melhor nossa conversa, que transcorria calmamente numa pequena varanda de madeira. "Aqui não pode entrar. O homem do negócio fica furioso", explica apontando para a porta da cozinha, numa tentativa de desarmar qualquer estratégia de aproximação ao tal fogão do crack. Ele conseguiu manter-nos à distância, como manda a regra.

Já na Baixada do Glicério, no Centro, ponto que divide as atenções dos viciados de Santa Cecília e da rua Guaianazes, os códigos não são tão rígidos. O local, degradado, se destaca pelos cortiços. Encravado na frente do rio Tamanduateí, entre a Liberdade, praça da Sé e o parque Dom Pedro, o comércio local de crack não tem hora. Seja ao meio-dia ou às 3 horas da madrugada, é possível observar a venda da droga nas calçadas das ruas São Paulo, dos Estudantes e Oscar Cintra Gordinho, que concentra boa parte dos prédios-cortiços da região. Lembra o comércio frenético dos camelôs, vendedores ambulantes da "falsa felicidade".

Na rua dos Estudantes, nome até bucólico, uma placa suja e empoeirada informa: Rua de Lazer. Isso mesmo. Lazer garantido para quem faz tudo por uma pedra. No local, cortiços minúsculos com portas quase coladas umas às outras. Basta bater três vezes e aguardar para que alguém pergunte: "Quantas vai?", dessa maneira mesmo. Na região, Soraia, uma mulher de 35 anos — aparenta 50 — e 120 quilos, reina absoluta. Também pelo tamanho, mas principalmente pelas paneladas de crack que faz em seu cortiço. Com outras três pessoas do bairro, divide a fabricação de pedras que abastece a região. Depois de muito relutar, convencer que nada seria gravado ou fotografado, veio a sentença: "Entra em casa se assar primeiro por uma revista, aí mesmo na rua, feita pelos homens que me dão segurança". Teste feito. Uma cena medonha, surreal, porém necessária. Aprovado. Permite a entrada em sua cozinha. Fogão quatro bocas — uma quebrada —, geladeira branca enferrujada, modelo antigo; armários em fórmica azul e uma mesa com três cadeiras, duas presas por um fio verde, daqueles usados como varal.

Ambiente sujo, abafado, com cheiro forte de material de limpeza. Um fio preto desce do teto com uma lâmpada fraca, chapiscada por fezes de moscas. O chão é de cimento batido. Na pia, mármore carcomido, panelas grandes, médias e pequenas. Mas não são elas que recebem a pasta-base de cocaína ou o pó, mas três panelas de pressão de sete litros cada, sem tampa, guardadas no gabinete embaixo da pia. São os maiores modelos do mercado. Soraia, atenta aos olhares curiosos do visitante, comenta: "Daqui a pouco vou reformar tudo isso". Uma mancha escura no teto, na direção da janela, indica o quanto o local é úmido. Todas as noites, assiste à televisão monitorando a mistura para o crack nas três panelas.

Trabalha sozinha e, com experiência, sabe o ponto certo em que o bicarbonato já reagiu com a pasta-base ou o pó e formou os cristais. Uma pequena tampa é colocada em cima da panela de pressão para abafar a mistura e permitir que ela fique empedrada mais rapidamente. O ponto certo é o tilintar da mistura rachando — crack!. Soraia está perto e distante da droga. Nunca experimentou. "Se um dia fizer isso estarei morta, não ganharei mais dinheiro. Essa droga é do diabo", desabafa meio sem jeito ao perceber a ironia de estar contribuindo para a droga continuar em alta no mercado. A contradição, em todos os sentidos, faz parte da vida dessas pessoas. Algumas, até com conceitos moralistas, mudam o foco da conversa quando percebem que o discurso não combina com a realidade. Exemplo: garantem não vender pedras para menores. "Isso não faço. E contra meus princípios", afirma Soraia. Mas é desmascarada

quando um garoto de 12 anos bate na porta e encomenda cinco pedras. O suor escorre pela testa e molha a "face de anjo barroco". Os menores, tanto como consumidores como aviões do tráfico — *office-boys* do crack — formam o batalhão mais lucrativo.

A panelada de uma noite — trabalha seis horas seguidas —, rende pelo menos 700 pedras. A média é de dez paneladas por dia, mas isso depende da entrega da cocaína em pó ou pasta-base, que ela não revela a origem. "Tem dia que faço apenas quatro paneladas", explica. O seu forte são as pedras feitas direto da pasta-base. "Dizem que são mais fortes do que as feitas só com o pó", comenta. Quando coloca um pouco de água na mistura, sobe um cheiro forte, ácido. A pequena janela da cozinha é providencialmente aberta. Em 45 minutos, a panelada de crack está pronta. E hora de emborcar a panela de pressão na pia e cortar os pedaços com estilete. As pedras são cortadas com o "tijolo" ainda morno. "Tem o ponto certo. Se esperar esfriar, esfarela tudo", explica Soraia, cansada com o término da jornada do dia. As pedras são cortadas de Vários tamanhos. A que custa R\$ 20,00, por exemplo, tem quase seis centímetros de comprimento. É o famoso "tijolo santo". Todas as pedras são enroladas em papel de seda e envolvidas num pequeno plástico transparente.

Soraia distribui as pedras para três revendedores, seus funcionários, e o que sobra vende tudo. "Vem gente de tudo quanto é lugar. O chato nessa área é que craqueiro não tem hora. Aparece aqui quatro, cinco da manhã. É um inferno, mas não posso me queixar", afirma. Há cinco anos no ramo, a "gorda da pedra", seu apelido na região, consegue faturar R\$ 9 mil por mês, livres, já descontada a caixinha de R\$ 3 mil por semana para policiais civis e militares que, segundo ela, dão cobertura ao seu negócio. "Se não pagar pra eles eu estou frita. Fecham minha bocada e vou presa. Mas são todos amigos, alguns até são clientes", revela. Ela não é empregada de nenhum traficante. Comanda seu próprio negócio. Antes de se dedicar ao crack, Soraia era funcionária de um escritório de contabilidade na rua 7 de Abril, no Centro, onde não ganhava mais de três salários mínimos.

Foi convencida por amigos a abrir o próprio negócio. Não foi difícil. Afinal, tinha amizade com entregadores de matéria-prima e traficantes. Fez seus contatos e, desde então, só vende crack. Aprendeu com um traficante da Zona Leste os segredos da receita da pedra, guardados a sete chaves. O cheiro de material de limpeza tem razão de ser. Não é para enganar os vizinhos. Todos sabem da sua atividade. "Como aqui tem sempre muita gente não sei se são informantes, coisa assim. Prefiro não me arriscar", explica. Com o dinheiro que ganha mensalmente, poderia mudar para outro bairro. "Nada disso. O dono do pedaço não pode se ausentar. Caso contrário, perde o reinado. Não saio daqui por nada", brinca. Gosta de trabalhar sozinha, sossegada. Homossexual assumida, Soraia não permite nem que Wanda, sua namorada, fique na cozinha enquanto está envolvida com as paneladas. "Ela sabe disso e está lá dentro, escutando música", aponta para o pequeno quarto anexo. O comércio corre solto em todas as ruas do bairro, dia e noite.

LAMENTO MATERNO

Dona Terezinha Rosa, de 42 anos, mora no meio deste comércio desde 1978. Criou seus três filhos no meio de caminhoneiros, estudantes e vendedores da região. Não era o lugar ideal, mas o que seu salário como enfermeira podia pagar. Em 1992, seu filho mais velho, Daniel, de 17 anos, ficou três dias fora de casa. "Fiquei apavorada e pensei que ele tivesse morrido", lembra. Não trabalhou esses dias e iniciou uma maratona pela cidade para encontrá-lo. Quando o pânico a dominava, Daniel entrou pela porta da sala, meio desconfiado. Estava queimado do sol, com as roupas sujas e abatido. A única explicação foi: "Estava com uns amigos". A partir desse momento, Terezinha notou um movimento estranho no pequeno apartamento. O sumiço de cargas de canetas. Deixava uma caneta na mesa da sala, por exemplo, e no dia seguinte a carga linha sumido. Pensou: "que brincadeira mais sem graça". Por um amigo, soube que Daniel e Afonso, um ano mais novo, estavam envolvidos com o crack. Depois de algumas explicações bem superficiais sobre a droga — "um cigarro um pouco mais forte que a maconha" —, ligou o sumiço das cargas das canetas com o vício dos filhos. O tubo da caneta virava canudo para o cachimbo onde eles queimavam as pedras.

Afonso conheceu o crack, mas optou pelos diários baseados de maconha. Daniel, no entanto, está até hoje no crack. Já roubou, vendeu roupas, pegou aparelhos domésticos para transformar em pedra e costuma passar dias, semanas longe de casa. Parou de estudar há quatro anos. Não chegou a concluir o ginásio. Vive para o crack. O pai, separado, não se preocupa com os filhos e não liga para a batalha árdua da ex-mulher, a enfermeira dedicada aos plantões noturnos no Hospital São Paulo. Daniel já ficou internado um mês na Febem e apronta uma nova história quando ela menos espera. Uma vez, pediu carona para a mãe até a avenida Paulista. Terezinha concordou, mas o deixaria com os amigos na avenida Brigadeiro Luis Antônio, onde faria compras num supermercado com o filho menor, Guilherme, de 13 anos.

Daniel e dois amigos foram com ela até o supermercado. Quando estava no caixa, percebeu uma agitação na ala dos aparelhos eletrônicos. Guilherme se aproximou e, afobado, disse: "Mamãe, o Daniel está pedindo a chave do fusca". Deu sem saber o que estava acontecendo. O movimento voltou ao normal. Colocou as compras no carro e ouviu de Guilherme que Daniel e os amigos estavam num ponto de ônibus ali perto. Passou pelo ponto e os três entraram. "Estávamos dando um tempo aqui", explicou o filho mais velho. Ao chegar na garagem do prédio, descobriu uma filmadora, último modelo, perto do extintor de incêndio do carro. Daniel confessou o roubo, vendeu a filmadora e dividiu o dinheiro com os dois amigos. Com a sua parte, comprou pedras. "E se a polícia parasse o carro? Eu estava carregando um produto roubado. Chorei, conversei com ele, mas não tem jeito", lamenta.

Em dezembro de 1995, ela decidiu pintar o apartamento. A idéia era reformá-lo, mas o dinheiro curto — só ela trabalha — adiou o projeto. Três meses depois, as paredes pintadas de branco estão sujas, cinza, cheias de marcas de mãos, dedos. A explicação: quando sai para trabalhar, Daniel convida os amigos para fumar pedras em casa. Desnorteada, chamou a polícia numa das sessões domésticas. Todos — oito jovens — foram para a delegacia, exclusive seu filho. Levaram uma bronca do delegado de plantão e foram dispensados. "Ela é linha-dura mesmo, classifica Daniel. O irmão mais novo, Guilherme, está começando com as drogas. Quando encontra Afonso, dá uns "pegas" no baseado, e pipa quando cruza com o mais velho na rua. "É só de brincadeira", garante. A mãe, atônita, não sabe como dominar os três. Uma pergunta ilustra o quanto a enfermeira Terezinha está perdida. "Crack é cheirado?". Fica desapontada quando escuta explicações detalhadas sobre o efeito da droga. Faz logo uma ligação das tosses insistentes do filho Daniel com o excesso de droga.

As roupas que compra para ele ficam guardadas num armário do hospital. "Ele vende tudo se ficar aqui", explica. Daniel passa dias embaixo de um viaduto com um amigo fumando. Já ficou cinco dias inteiros pipando no seu esconderijo. Numa das vezes, lembra ter tomado apenas uma garrafa de refrigerante. "Não sei o que acontece. Quando fumo uma pedra não consigo parar", confessa. Num final de tarde, estava sozinho em casa com a namorada. A moça, nua, o aguardava na cama quando o interfone tocou. Era um amigo dizendo que tinha conseguido pedras. Não pensou duas vezes. Deixou a moça no quarto e desceu para fumar. Apareceu no dia seguinte. "Não tenho vontade de nada, nem de transar", confessa.

O apartamento, bem no meio do comércio frenético de pedras da Baixada do Glicério, reflete o ritmo de vida dos filhos de Terezinha. A janela da sala, quebrada por eles durante uma briga, está coberta por um pano. O sofá, rasgado, é forrado por um cobertor colorido. Na cozinha, as marcas de Daniel. Deixou uma panela queimar e quase incendiou o apartamento. Ela foi obrigada a colocar uma porta de aço na entrada do apartamento. Outras duas, de madeira, foram derrubadas pelos filhos. "Quando esquecem a chave, derrubam a porta", conta. Daniel, um rapaz magro, olha ara a mãe com ar de reprovação por revelar "sua intimidade a um estranho", mas se cala enquanto observa os dois gatos que escalam mesa para alcançar um bule de café e alguns pães. Ela sai da sala vai até o quarto onde Daniel dorme. Levanta o travesseiro e volta trazendo o cachimbo na mão. Daniel não se mexe. "Jogo aberto. I Ia sabe que eu fumo, que quero parar, mas não consigo", afirma. Dona Terezinha olha para o cachimbo feito com antena de carro e bocal de lâmpada, olha para Daniel, para o cachimbo, para Daniel de novo. Com a voz embargada, olhos cheios de lágrimas manda o milésimo recado para o filho. "Sua vida é muito mais que isso. Será que você não entende, meu filho?" Daniel, inquieto numa cadeira, balança a cabeça. Não diz uma palavra. Almoça e sai. Fuma quantas pedras aparecerem à sua frente. Em 1994, roubou uma pochete com US\$ 1 mil. Comprou tudo em pedra. Gosta de fumar com um amigo. "A paranóia é tão forte que preciso de alguém do lado. Acho que vou

morrer, sinto alguém mandando eu pular da janela do apartamento, que minha mãe está chegando, coisas do tipo", afirma antes de pegar o elevador. A mãe, com olheiras, magra e nervosa, planta os joelhos no chão e reza diante de um aliár budista. "É a minha luz. É onde consigo forças para suportar tudo isso. Rezo para ele voltar vivo para casa".

Nas ruas do bairro, jovens deitados no chão com respiração folha. A cada inalação, são tomados de grande excitação. Mas quando a pedra se esgota, ficam exaustos. O corpo amolece e a pessoa entra em sono profundo, semelhante ao desmaio. Caem no chão vencidos pela droga. Daniel já passou por isso e quem cruza as ruas da Baixada do Glicério ou as do Centro já se acostumou com a cena. Crianças, homens e mulheres de todas as idades desmaiados nas esquinas, no meio das calçadas, entre sacos de lixo. Tudo por causa das pedras. Degradação física e moral estampada nas ruas. Um cenário de destruição humana já tão integrado à agitação da cidade quanto os vendedores de doces nos cruzamentos. Marca de que em pouco tempo a droga saiu do reduto da periferia e avançou em direção a todos os bairros. Por ordem, chegou primeiro aos locais freqüentados por mendigos e pessoas de classe baixa. Depois se espalhou como fumaça por todos os cantos.

O crack atraiu os consumidores de cocaína por pelo menos três motivos: dificuldade de encontrar cocaína pura ou com pouca mistura; o preço da nova droga, até a metade de um papelote de pó, além do efeito superior, como ao de uma bomba. "Chegou uma hora que o pó começou a faltar. A situação hoje está melhor, mas o crack predomina", observa um desconfiado traficante do Parque Savoy City, nas imediações de São Mateus. "Aqui é reduto do crack. O pó que aparece, a gente mistura e faz pedra. Rende mais", esclarece com tom de poucos amigos. Cada grama de pó — entre R\$ 15,00 e R\$ 20,00 — é transformado em pelo menos quatro pedras de crack. O preço de cada pedra varia de R\$ 5,00 a R\$ 20,00, no caso das "ponto oito", como os traficantes classificam as pedras maiores.

Parque São Lucas, Itaim Paulista, Jardim Romano, Jardim das Oliveiras também foram fisgados pelo crack logo no começo de 1988. A febre daquela época continua até hoje. "Pensando bem, acho que está bem mais forte agora", comenta Augusto Mendes da Silveira, comerciante no Jardim das Oliveiras, ao lado do Itaim Paulista. Com um bar e uma quitanda no bairro, ele acompanhou, a distância, o avanço do crack na região. "Meninos começaram a passar dias fora de casa. Preocupadas, as mães entravam na venda perguntando por eles", lembra. Em pouco tempo, as pessoas já conheciam o crack e seus efeitos.

De fato, os jovens mais pobres, principalmente os moradores de rua e de favelas da Zona Leste, foram os primeiros a experimentar. A pedra, também produzida de forma rudimentar — cocaína em pó, bicarbonato de sódio e um pouco de água numa colher aquecida por um isqueiro —, se alastrou em razão da própria cocaína. Os "aviões" — viciados em pó usados pelos traficantes para fazer entregas a domicílio — passaram a produzir o crack desta maneira a partir da própria cocaína disponível nos pontos de venda. Uma maneira de

incrementar os negócios. Ninguém sabe como aprenderam o "segredo da colher", que faz uma pedra por vez. Em seguida, o crack conquistou as camadas ainda mais baixas da população, como os meninos de rua e mendigos do Centro. Aos poucos, os traficantes deixaram de investir na cocaína em pó e passaram a comprar a pasta-base da coca para o preparo das pedras, por uma medida econômica. Afinal, para o refino do pó são necessários produtos químicos como éter e acetona, além de "mão-de-obra especializada". No caso do crack, a operação é simples. Basta misturar bicarbonato de sódio e levar ao fogo.

MATÉRIA-PRIMA

Em pouco tempo, muitos pontos de venda de cocaína em pó passaram a vender apenas pedras de crack, estratégia inicial para divulgar a nova droga que acabou dando certo. Uma estratégia habilidosa, pois acabou criando uma demanda assídua. Embora aparentemente o preço do crack seja mais acessível, a manutenção do vício por longo tempo torna-se cara, o que significa mais lucro para o traficante. A maior parte da pasta-base da coca que chega a São Paulo vem da Bolívia, principalmente das cidades de San Matias e Porto Quijaro. Um relatório da Divisão de Entorpecentes da Polícia Federal, em Brasília, apontava, em 1993, a cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, como o centro de distribuição de crack para São Paulo. A cidade, conhecida como "a porta de entrada do Pantanal", está distante apenas seis quilômetros da fronteira com a Bolívia. Policiais federais listaram mais de cem pontos de distribuição de drogas e verificaram que 40 farmácias da cidade forneciam éter e acetona aos traficantes, produtos necessários para o refino da cocaína. A "porta de entrada" de Corumbá continua aberta. A proximidade com a Bolívia facilita os negócios da droga até hoje.

Muitos traficantes trazem a pasta de carro ou ônibus, no chamado tráfico "formiguinha". Para os pedidos entre 100 e 200 quilos de pasta de coca, o transporte é feito por aviões que pousam em pistas clandestinas, muitas vezes no meio de plantações de cana-de-açúcar. O esquema boliviano de mandar pasta para o país está superando o da Colômbia, que chegou a ser o principal fornecedor do Brasil, Estados Unidos e Europa até o início da década. Depois da morte do chefe Pablo Escobar, os cartéis de Medellín e Cali reduziram o volume de exportação. Parte da pasta-base de coca entra no Brasil pela fronteira com a Bolívia e Colômbia. Os traficantes dos dois países também compram pasta-base do Peru para o mercado brasileiro, principalmente o de São Paulo. A mercadoria enviada ao Rio de Janeiro é refinada em laboratórios improvisados para o preparo da cocaína em pó. "A maior parte de pó que chega a São Paulo segue para o Rio ou exterior. Aqui, costuma ficar mais pasta-base para virar pedra do que pó", explica o delegado Marco Antonio Novaes, do Departamento Estadual de Investigações sobre Narcóticos (Denarc).

Outro delegado, Alberto Corazza, da Divisão de Prevenção e Educação (Dipe), órgão do Denarc, com mais de 20 anos de estudos em entorpecentes, dá mais detalhes sobre o caminho da pasta-base. Ele defende a idéia de que a droga surgiu nas fazendas de plantação de papoula da Bolívia e Colômbia. Em uma fase da produção de cocaína, é preciso amassar as folhas da planta com os pés. Como tempo, os funcionários dessas fazendas começaram a perceber que o bagaço — refugo — que sobrava dessa operação, que era desprezado, poderia ter alguma utilidade. "Foi daí que surgiu aquilo que viria a ser o crack", acredita.

Nos anos 80, o governo americano tentou controlar a produção de drogas na Colômbia, Peru e Bolívia. A operação, lembra o delegado Novaes, consistia em pagar pequenos agricultores desses países para que parassem de plantar matéria-prima para as drogas. Ganhavam incentivo para iniciar outras plantações, como milho e arroz. No final da década passada, os americanos perceberam que a estratégia não havia surtido efeito. "Foi quando o governo americano decidiu reprimir o refino da pasta de forma mais direta, invadindo esconderijos e estoques", explica.

Como nos Estados Unidos existem poucos locais para o refino da droga, o Brasil acabou se firmando como o principal mercado para o tráfico. Ganhou papel de destaque na rota do refino e distribuição da droga. "A maior parte das pedras de crack é impura por ser feita a partir dessa pasta-base não refinada", esclarece. Ele acredita que o preço baixo do crack foi o principal fator para atrair os primeiros consumidores. Outro detalhe: uma pedra encorpada mais um jargão dos vendedores para indicar as pedras de cinco centímetros de largura e comprimento — pode ser quebrada e fumada aos poucos. Essa possibilidade tornou a droga atrativa. No começo, um pouco de água era colocado no cachimbo improvisado - copo de iogurte — para amenizar a temperatura. Hoje, a **pedra** é queimada sem nenhum auxílio, o que deixa o viciado mais próximo de uma queimadura nos dedos, rosto e lábios, devido à proximidade com a chama do isqueiro ou fósforo.

Nos cinco mil pontos de venda de droga em São Paulo, catalogados pelo Denarc — parece ironia, mas os policiais têm informações sobre esses locais —, 80% só vendem crack. É a prova maior do poder da droga na cidade. A polícia calcula em 150 mil o número de usuários de crack só na capital. É como se nos últimos oito anos, 51 pessoas por dia passassem a integrar a legião de adeptos à droga. Mas esses números precisam ser vistos com reservas. O exercício da estatística é feito com base em apreensões, prisões e análise da região onde a droga foi encontrada. O resultado pode não expressar a verdade. O número de pontos de vendas e usuários pode ser maior ou menor que o divulgado. A estimativa serve para dar uma "cara", dar dimensão a este mercado ainda desconhecido. Por esta mesma análise, a compra e venda do crack é um negócio pra lá de lucrativo.

As estimativas do Denarc apontam um mercado que movimenta diariamente na capital cerca de R\$ 5 milhões. A explicação para a cifra milionária pode estar no fato de que um

viciado em cocaína em pó pode se contentar com um grama da droga e passar a noite abastecido. No entanto, um dependente de crack é um comprador assíduo e precisará consumir pelo menos 20 pedras numa noite para se sentir satisfeito. O preço médio da pedra de crack, tanto no Centro como na Zona Leste, é R\$ 10,00. A cocaína fumada — crack — acaba levando "vantagens" sobre outras formas de consumir a droga. No caso da cocaína aspirada, a pessoa pode ter lesões do septo nasal. Com o uso endovenoso, não é raro ocorrer total comprometimento vascular, o que obriga o viciado a interromper a sessão. Ele corre ainda o risco de ser infectado pelo vírus da Aids.

O perfil inicial do craqueiro do final dos anos 80 era: pobre, com menos de 30 anos, passado de drogas, vivendo em bairro degradado, em família desestruturada, caso do Betão de São Mateus. Esse perfil foi alterado com o ingresso de pessoas de classe média nas filas dos pontos de venda para conseguir uma pedra *{mais detalhes no capítulo Jardins de Pedra}*.

Os delegados do Denarc divergem quanto à primeira apreensão da droga em São Paulo. Para Alberto Corazza, da Dipe, que foi menino de rua, roubou roupa em varal para livrar-se do pijama da Febem, o primeiro caso de crack foi registrado no início de 1988. Uma mulher na faixa dos 40 anos foi encontrada no Centro com uma porção de crack. "Apesar de não ser comum ainda no país naquela época, estávamos atualizados com o que acontecia no exterior e sabíamos que se tratava de crack", garante. A mulher era uma professora que disse ter largado a profissão para se prostituir em troca da droga. Foi encaminhada para tratamento psicológico. "Pelo estado em que se encontrava, ela já deve ter morrido por causa do crack", acredita. Até o final dos anos 80, os casos de crack eram identificados nos boletins de ocorrência como cocaína, o que impossibilita até hoje uma radiografia mais fiel da droga na cidade. O cromatógrafo, aparelho do Instituto Médico Legal (IML) que classifica os tipos de droga, não diferenciava o crack da cocaína, por terem a mesma base.

No entanto, nos arquivos da Divisão de Investigações sobre Entorpecentes (Dise), consta que a primeira apreensão oficial de crack na cidade aconteceu na Zona Leste, dois anos depois, em 1990, com a prisão do barbeiro José Rodrigues de Neto, conhecido como Zito ou Zico. Ele foi preso em flagrante num quarto do Motel Bataklan, na estrada João Neri, no Itaim Paulista. Zito tinha 56 anos, era natural de Campos da Cunha, interior do Estado. O boletim de ocorrência trazia a seguinte observação: encontrado no local uma concha com material de cor marrom e uma tampa de marmitta com o mesmo material. Em depoimento, ele "confessou que vendia contrato de crack". Ele havia sido preso durante a madrugada. Em outro quarto, a polícia prendeu José Morales, sócio do motel. Com ele foram encontradas espingardas, revólveres e televisores roubados. Morales negou conhecer o traficante e foi liberado. Zito tinha passagens pela polícia por roubos e furtos. Morreu em fevereiro de 1991, antes de ser julgado.

"ABERTURA DE MERCADO"

Em Cidade Tiradentes, onde vivem cem mil pessoas num pesadelo arquitetônico formado por milhares de blocos da Cohab, no extremo da Zona Leste, os negócios do crack são prósperos há muito tempo. Os traficantes, separados por duas horas e meia de ônibus daqueles que agem no Centro, aceitam mercadorias como forma de pagamento para a compra e venda da pedra. Um botijão de gás vale cinco pedras. Televisão, geladeira, cama e colchão também são bem-vindos. Hoje, essa "abertura de mercado" existe também na Zona Sul e nos pontos do Centro, mas em Cidade Tiradentes serve de atrativo para que um traficante consiga vender, sem dificuldades, mil pedras num único dia. "Isso acontece normalmente nos finais de semana. Não tenho tempo pra descansar. As pessoas entregam a mercadoria e está tudo certo", explica Edinho, de 17 anos, um dos mais influentes traficantes na região. Não existe regra. Uma geladeira pode valer uma ou 15 pedras, depende do estado de conservação e da fissura do viciado. "Tudo aqui vira dinheiro, vira pedra", dita a regra local.

Mas a pedra não está presente apenas nas ruas e avenidas da capital. A partir de 1990, passou a ser encontrada também no interior do estado. O crack já representa hoje cerca de 60% do volume de drogas consumidas em Ribeirão Preto, conhecida como a "Califórnia brasileira" por sua população endinheirada. A próspera cidade de 500 mil habitantes integra a "Rota Caipira" de distribuição da droga. Pelos cálculos da Dise, o consumo mensal atinge 60 mil pedras e movimenta R\$ 5 milhões por ano aos traficantes da região. Em junho de 1995, a maior apreensão de pasta-base do estado. O delegado Antônio Luiz Buranelli encontrou 11 quilos da droga no meio de um carregamento de madeira. O caminhão estava na entrada da cidade e era dirigido por Wagner Brandão do Pardo, de 46 anos. Seus filhos Marcelo, de 22 anos, e Cristiane, de 23, acompanhavam o pai na viagem e também foram presos. A polícia prendeu ainda o chefe do negócio, João Antonio Lopes, de 39 anos, mais conhecido como Toinho, de Pontes e Lacerda, no Mato Grosso, fronteira com a Bolívia. O volume de pasta-base daria para fazer 20 mil pedras de crack. Os quatro foram condenados a seis anos de prisão.

Por estar localizada na passagem obrigatória entre os laboratórios bolivianos e o eixo Rio-São Paulo, Ribeirão Preto tornou-se importante centro de consumo e distribuição de drogas. Os traficantes da região abastecem viciados e pequenos distribuidores da região de Campinas, Baixada Santista e Triângulo Mineiro. A "Califórnia brasileira" convive com as pedras de crack há três anos. Em 1995, a polícia apreendeu quase 17 quilos da droga, volume muito próximo ao encontrado no mesmo período em cocaína — 19 quilos. O forte na região continua sendo maconha — 283 quilos apreendidos, segundo o mesmo relatório. Nos três primeiros meses de 1996, a apreensão de crack não chegou a três quilos. "Mas a situação é preocupante. O meu medo é um grupo organizado se mudar para cá e comandar a expansão do crack na região",

confessa Moysés José Cocito, delegado seccional responsável por 26 unidades da polícia em Ribeirão Preto e em mais 11 cidades.

Apenas 12 homens, entre investigadores, delegados e escrivões são responsáveis pela região de 800 mil habitantes. "Tenho certeza que o percentual de crack apreendido até agora é inferior ao volume que circula nesta região", lamenta. A droga no interior não é consumida apenas por pessoas de baixa renda. "Cada vez mais", explica o delegado Ernesto Renan de Moraes, "o crack vem seduzindo pessoas de bom nível social". "E o combustível para as festas que acontecem nas fazendas e nos bailes", explica. O telefone para denúncias — 144 — recebe 20 chamadas por dia, mais da metade para indicar os pontos de venda de crack.

As delegacias de Campinas, Sorocaba, Araçatuba, Presidente Prudente e Bauru, no interior de São Paulo, também já registraram apreensão da droga. Só em Sorocaba, nos quatro primeiros meses de 1995, a polícia fez mais de 200 apreensões de crack, que juntas somaram 620 gramas, o dobro do total da droga apreendido em todo o ano anterior. Além do eixo Capital-Interior, a droga começa a preocupar também no Sul do país. A polícia de Santa Catarina, por exemplo, já tem planos para impedir a expansão do crack. A droga foi incluída no cardápio do tráfico de drogas dos morros do Horácio e da Caça, na periferia de Florianópolis. Há três anos, os "aviões" começaram a fumar casquinha de crack — mais bicarbonato de sódio que pó de cocaína. "Não sabíamos o que era aquilo", lembra Hildo Raimundo da Rosa, do Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen).

Com ajuda de livros e relatórios americanos, identificou a casquinha como crack. Dependendo da mistura, a casquinha era mais compacta ou não. Os efeitos da droga surgiram no segundo semestre de 1993, quando vários "aviões" foram assassinados. "O plano dos traficantes era segurar estes meninos no negócio com a dependência do crack, mas eles acabaram não cumprindo suas funções e passaram a roubar papelotes para transformar cocaína em pó em pedra", explica. Os líderes do tráfico tentaram abortar o esquema com uma onda de execuções que assustou a cidade. Mas a predileção pelo crack passou a fronteira das favelas e acabou agradando não só "aviões", mas os consumidores da cocaína em pó tradicional.

Como Santa Catarina não integra nenhuma rota de tráfico, a apreensão de 400 quilos de cocaína pura em 1995 fez com que a polícia chegasse à conclusão de que boa parte dela seria destinada à fabricação de crack. O volume, pelos cálculos de Rosa, daria para 4 milhões de carreiras. "Este volume de cocaína indica um incremento fantástico para todo e qualquer tipo de inovação com a droga. O crack é uma delas, não podemos descartar", comenta. A suspeita da polícia é que o *know-how* do crack foi levado ao estado por paulistas viciados que frequentam a região do balneário de Camboriú, reduto dos "bem-nascidos" nos verões. O fato é que Blumenau, Joinville, Palhoça e Itajaí, onde funciona um porto, já foram fiscadas pelo crack. Essa região é rica e a variação da cocaína na forma de crack consegue bons resultados junto àquela população que tem poder aquisitivo para comprar pó.

O crack é apresentado como novidade. "Como o efeito é maior e custa a metade do preço de um grama de pó, acaba conquistando clientela", explica Rosa, que sai nos finais de semana para essas cidades para alertar a população sobre os efeitos do crack na esperança de brevar o avanço da droga. "Quando me deparo em lugares afastados onde o crack já faz parte do cardápio de drogas, fico com a sensação de que cheguei atrasado", lamenta. Por outro lado, o traficante Miguelzinho, de 32 anos, não tem nada do que reclamar. Comanda boa parte do negócio da droga em Camboriú. Com a ajuda de dez homens, fabrica as pedras e as vende no balneário, atividade que começou em 1994. Conhece a determinação do dedicado conselheiro Rosa, que sempre passa pela cidade, mas se orgulha de estar na frente nesta corrida. Vende crack e maconha e não revela por nada quanto fatura com a atividade.

Sempre mantive contato com pessoas que vendiam drogas. Isso desde a adolescência, quando ganhava dinheiro fazendo baseados para amigos. Na minha família, outras duas pessoas mexem com esse negócio. Uma no Paraná e outra em São Paulo. Esse meu primo que está morando no interior de São Paulo me deu um toque sobre a venda de crack. Disse que era lucro certo e que não teria dificuldades para fazer das carreiras de pó pedras. Passei duas semanas lá na casa dele. Aprendi tudo. Fiz contatos para também estar recebendo pasta-base, que fazem as melhores pedras.

Mercado não falta por aqui. Tem muita gente e a população de férias consome muita droga. Para apresentar o crack, tive que parar um pouco com a venda da cocaína em pó. Meu primo fez a mesma coisa lá na cidade dele e deu certo. A pessoa chegava aqui para comprar pó e só encontrava pedra. Na segunda vez, a pessoa não vinha mais atrás dos papalotes, mas das pedras. É fácil. Hoje, vendo cocaína e crack, mas as pedras me dão mais dinheiro. Quem é viciado compra muitas pedras para fumar. Meu irmão mexe com drogas no Paraná, onde o crack também chegou. Como não sabia fazer direito, minhas primeiras pedras eram como uma casquinha branca e esfar-lenta. Parecia uma Unha, tanto que acabei levando este apelido por isso. Hoje, as pedras são de todos os tamanhos e não esfarelam com facilidade.

Na época de alta temporada, isso aqui ferve. Trabalho direto. A polícia não incomoda. Acho que nem sabem que eu existo. Melhor assim. Como aqui tem muitas pessoas envolvidas com droga, fica fácil não ser perturbado. Deixei a maconha de lado. De vez em quando vem alguém aqui procurando. Cocaína é o forte mesmo. Não falo quanto ganho nem quantas pedras vendo para não ter olho gordo no negócio. Só posso falar uma coisa, meus dois filhos estão ficando com o futuro garantido. Olha só, estou falando com você de um telefone celular e tenho uma casa bonita e grande. Acho que isso responde tudo.

Freguês é o que não falta. Tem aos montes, principalmente turista de São Paulo. Tem até surfista que trocou a maconha pelo crack. Eram pessoas que cheiravam de vez em quando e agora estão direto no crack. Uma pessoa quando cai no crack não se levanta fácil. Não

conheço um que conseguiu. O crack não tem volta. É droga de sucesso. Deu certo em todos os lugares que apareceu. Aqui não é deferente. O bom é que até agora poucas pessoas dominam a técnica de fazer as pedras. Aprendi e não ensino ninguém. Quem quiser fazer em casa com uma colher que faça, mas duvido que fiquem boas.

A conversa com Miguelzinho, interrompida duas vezes pela queda de sinal do telefone celular dele, ilustra bem que a fumaça do crack promove um suíngue nervoso por onde passa. Segue a receita de viciados descontrolados como sinônimo de lucro certo para traficantes. O crack chegou rápido, age rápido e já está no topo da lista do cardápio de drogas disponíveis no mercado, mas ainda não conquistou lugares prósperos no consumo de drogas, como o Rio de Janeiro. Mistério carioca.

MISTÉRIO CARIOCA

Não tem essa de vender pedra.

Que negócio é esse?

Pedra aqui só para construir casa.

Faísca, traficante no Morro do Dendê

Um jovem de cabelos compridos desce do ônibus lentamente em direção ao largo de acesso ao Morro Dona Marta, em Botafogo, na Zona Sul carioca. Calça verde de sarja, camiseta branca, orelha esquerda com brinco e cavanhaque fino compõem o visual de "garoto de *shopping*". Olha para os lados e começa a subir as escadarias. Antes, cumprimenta os "soldados do tráfico" — rapazes com menos de 20 anos que observam, armados, o movimento de entrada e saída do local. Dez minutos depois, Fernando, de 19 anos, faz o caminho inverso em direção ao ponto de ônibus. Foi se abastecer de maconha e cocaína. Na compra, gastou R\$ 150,00. Faz esse trajeto pelo menos uma vez a cada dez dias. Com os pape-lotes, incrementa a mesada que ganha do pai, um oficial reformado da Marinha que não desconfia dos negócios feitos pelo filho com os frequentadores dos bares agitados do Baixo Leblon, São Conrado e Barra da Tijuca. Para a entrega das encomendas costuma usar o carro do pai, um Vectra, dispensado quando precisa ir "à boca" encher a mochila.

Ninguém sabe de nada, ninguém desconfia de nada. Fernando é discreto. Conhece os fregueses e só aceita novos com apresentação. Na agenda, mais de 50 nomes. Separa sua parte da droga para consumo e vende o restante. Costuma ter lucro nas negociatas. Atende a pessoas não dispostas a se infiltrar nos morros. Em 1993, conheceu um estudante de publicidade de São Paulo, de férias na Barra da Tijuca, reduto dos novos ricos. Ele estava num quiosque conversando com seus amigos após uma partida de frescobol. Vinte minutos de conversa, ficou à vontade para lhe vender três papелotes de cocaína. Negócio fechado ali mesmo, sob o sol das três da tarde. Empolgado, o turista convidou toda a turma — cinco pessoas — para ir até o apartamento onde estava hospedado. Queria sentir a diferença do pó paulista do carioca. Todos cheiraram e, pouco tempo depois, o anfitrião fez uma surpresa. "Sabem o que é isso?", perguntou mostrando um papелote branco na mão. O grupo se entreolhou e ficou aguardando a resposta. "É crack. Muito mais interessante do que a cocaína", explicou.

Por dois papелotes a mais, Fernando experimentou a droga. Cachimbo, isqueiro, tragadas. O estudante de publicidade aproveitou para ensinar à turma como fazer pedra da

cocaína em pó. Colher, bicarbonato de sódio, um pouco de água e fogo. Nunca mais Fernando viu o "paulista exótico", como ficou conhecido na turma o rapaz de roupas multicoloridas. Em compensação, a cena da pedra queimando e o efeito não saíram de sua cabeça. Fez uma pedra em casa para se certificar de que tinha aprendido a receita. A primeira não deu certo, esfarelou. Mas foi só a primeira. Aprendeu a fazer e chegou a vender quatro pedras naquela semana para um estudante durante passeios no Baixo Leblon. "Quem fuma, gosta do efeito e pede mais. Eu não gosto. Prefiro um baseado ou uma carreirinha", garante. Um dia, abastecendo a mochila no Dona Marta, Fernando iniciou uma conversa com o traficante sobre o crack. "Não dá para vender aqui no Rio? Em São Paulo é o maior sucesso e quem vende não se arrepende. E dinheiro certo", ponderou. Como resposta ouviu um sonoro "não". "Essa droga é do diabo. Quem vende perde tudo fácil e não queremos isso por aqui, desmantela tudo." Nunca mais tocou no assunto.

Os anos passaram e as poucas pedras que circulam pelo trecho asfaltado do Rio são feitas artesanalmente por curiosos como Fernando. Ele não gosta do trabalho que o crack dá e desconhece outro repassador de drogas que perca tempo com a receita do crack. "Tudo bem que não tem cheiro, mas perde-se muito tempo na fabricação. Vender maconha ou passar cocaína é mais fácil. Vem ensacado, pronto e é só pegar o dinheiro. Não tenho certeza, mas devo ser o único a fazer pedra por aqui, mas é tudo pouco. Vez ou outra é que fico envolvido com a receita da droga", pondera. Até hoje, quando algum cliente pede, ele faz, mas cobra caro por cada pedra. Com isso, os pedidos não ultrapassam a marca das cinco pedras por mês. Cada pedra é vendida a R\$ 20,00, o dobro do valor cobrado em São Paulo. "Não gosto do efeito. Deixa a pessoa muito alucinada e por isso cobro caro mesmo. Aqui não tem pedra como em São Paulo", confessa. Em outras palavras, o crack não pegou no Rio e o "trabalho" de Fernando pode ser visto como exceção.

Os traficantes cariocas, sejam ligados ao Comando Vermelho (CV) ou ao Terceiro Comando, têm explicações semelhantes para o fracasso do crack na terra do Corcovado. Desvendam o mistério carioca com argumentos interessantes. A primeira versão vem de Faísca, um rapaz moreno, magro, de 24 anos, há seis na liderança do tráfico no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, na Zona Norte. Ele controla sessenta soldados, armados com fuzis AR-15, granadas de efeito moral e vende aproximadamente 140 quilos de maconha e cocaína em pó por mês:

Aqui só tem arroz e feijão. Cocaína e maconha. Tudo de qualidade. Não tem essa de vender pedra. Que negócio é esse? Pedra aqui só para construir casa, reformar barraco. O crack não chegou no Rio e nem vai chegar porque não tem clientela. A gente não deixa essa droga subir o morro. Pode ter gente lá embaixo que se mete a fazer, mas o que o cara faz com o pó que compra aqui não me interessa. Fumar aqui é que ele não vai. Aqui é um trabalho como

outro qualquer. Quando um funcionário começa a dar mancada no serviço o que o patrão faz? Dá um pito ou manda embora, né isso? Aqui é a mesma coisa. Os soldados são pessoas de confiança nossa. Andam na linha. Têm horário, ganham salário e tudo mais. É como uma empresa. Se alguém aqui aparecer com uma pedra, dança feio. Não tem perdão. Não sei nem o que faço.

Essa droga acaba com tudo, não deixa nada no lugar. Vê bem, como posso confiar num soldado que fuma crack? O cara fica tão alucinado que não tem mais cabeça para o trabalho. Vai fazer pedra das carreiras de pó que estão aqui pra vender. Vai cobrar uma figura e ficar com o dinheiro. Não dá. Funcionário ruim tem que ir pra rua. A lei aqui é essa. E tem outra coisa, cocaína e maconha é tudo muito prático. É só fazer as carreiras e os papelotes e passar pra frente. Esse negócio de crack tem que ficar numa cozinha preocupado com medida, fogo, essas coisas. Com a polícia no nosso pé, dá para ficar com um negócio desse? Não temos estrutura para isso. Nunca vi uma pedra e nem quero saber como é. Se me mostrarem uma, piso e jogo fora. Traficante esperto não fuma e se cheirar é só para ficar mais ligado. Essa pedra deixa a pessoa ruim, com cara de caveira. A pessoa não tem mais controle de nada. Não serve pra nada. Essa droga não serve pra gente.

Separadas por apenas 400 quilômetros, as duas maiores cidades do país — Rio e São Paulo — são mercados férteis para a experimentação e o comércio de droga. Mas as diferenças são visíveis. O mercado carioca é taxado pelos próprios traficantes como conservador: pó e maconha nos morros e asfalto. O sentido de empresa imposto pelo tráfico organizado ao longo dos anos controla o que entra e sai. Protege os morros do avanço de drogas diferentes das que estão expostas no cardápio tradicional. Os outros tipos de drogas, como o *skank* — maconha de laboratório, 30% mais forte que a normal; comprimidos de *ecstasy* — a "droga do amor" —, fabricados na Alemanha e Holanda, além dos ácidos, encontram mais espaço na terra do corre-corre. Em São Paulo, o tráfico não é organizado como no Rio. É o que os traficantes cariocas classificam de "tráfico mosca", muitas pessoas fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo e em vários lugares. "Aqui no Rio, o comércio é controlado por grupos fortes e organizados. Essa falta de organização dos paulistas faz com que tudo o que é novo vá bater lá. É uma cidade imensa que oferece todo tipo de droga com facilidade. Não acharia graça se o mercado do Rio fosse assim. Desorganiza, desmantela demais", reitera Faísca.

Isso não significa que as "drogas diferentes" não façam parte do roteiro badalado de cariocas "descolados". "Aqui tem de tudo também. O problema é encontrar. Em São Paulo é tudo mais fácil. É só ir a um barzinho ou danceteria para se abastecer", comenta Fernando, que experimentou a "droga do amor" num badalado bar dos Jardins, na Zona Sul de São Paulo. "No Rio é meio difícil encontrar esse tipo de droga. Normalmente chega com pessoas que estavam

no exterior. O consumo é limitado àquela turma conhecida do cara que trouxe. Não tem assim fácil para vender", comenta.

MERCADO PRÓSPERO

Pelos cálculos do Serviço Reservado da Polícia Militar carioca, o Rio tem 344 pontos de tráfico de drogas que vendem mensalmente duas toneladas de maconha e cocaína em pó. Quinze locais se destacam pelo forte comércio, todos na Zona Norte, caso do Complexo do Alemão, em Ramos (255 quilos/mês), Morro do Adeus, também em Ramos (97 quilos/mês), São José Operário, em Campinho (88 quilos/mês) e Jacarezinho (77 quilos/mês), além do Morro do Dendê, território do Faísca (140 quilos/mês). O poderio dos traficantes também já foi estimado e detalhado pela polícia. Pelo relatório policial, o "batalhão inimigo" teria 11300 homens, divididos assim: 4 800 traficantes-chefes, 4400 soldados, 1400 olheiros e a diferença — 700 —, passadores de drogas. Suas armas — cerca de 5 mil — seriam fuzis AR-15,FAL, M-16, usados por militares, escopetas calibre 12, lança-granadas, além de morteiros, projéteis antiaéreos e a grande vedete, o fuzil suíço Sig Sawyer, com capacidade para 700 tiros por minuto.

Com a palavra, Neguinho, gerente do tráfico de drogas do Morro do Adeus, que integra o Complexo do Alemão, território de Ernaldo Pinto de Medeiros, o Uê, preso pela polícia em março de 1996 após anos de buscas. Neguinho, de 22 anos, lidera 42 homens. Além de Neguinho, ele atende por mais quatro apelidos: Fofoca, Napa, Pezão e Betume. O recurso dos vários apelidos faz sentido: é arma para despistar a polícia. "São tantos apelidos que às vezes até esqueço, mas isso é bom porque me protege", acredita o gerente "mão-de-ferro".

Um dia um avião veio aqui no meu barraco querendo conversar sozinho. Isolei a área e disse, vamos, fala, o que é? Queria mostrar uma pedra que havia aprendido a fazer com um bacana que havia comprado quatro carreiras de pó com ele. Saquei aquele negócio estranho na mão dele. Perguntei onde tinha arrumado o bagulho. Disse que tinha feito numa colher, no barraco dele. Saquei que o moleque era perigoso. Depois de responder que tinha fumado aquilo não deu outra. "Senti o quê?" "Um barato diferente", ele falou. Bati feio na cara dele. Gritei feito um louco. "Essa porra que tá na tua mão é crack, cara. Cê sabe o que acontece com alguém que entra nessa?". "O moleque, tonto de tudo, ficou assustado. Pensou que eu fosse gostar da novidade. Caiu do cavalo. Tava me tirando de trouxa. Nunca fumei essa porra, mas sei bem o que pode fazer com os meus negócios".

O moleque trabalhava comigo uns dois anos. A mãe dele, da comunidade, era gente boa, mas era muito gananciosa. Queria que o filho levasse cada vez mais dinheiro para casa. Porra, isso aqui não é banco! Esse negócio de crack tinha o dedo dela. Ah!, fiquei furioso e

mandei a mulher e o moleque procurar outro terreiro pra morar. Essa droga é pra paulista babaca que quer inventar moda. Só sei que a mulher e o filho dela saíram daqui rapidinho. Dei uma semana pra eles se mandarem. Não quero essa droga aqui. Não quero nem que meus homens falem em pedra. Tenho um grupo bem organizado, ligado mesmo, de repente se essa porra começa a invadir o território vou ficar sem ninguém. Já vi na televisão como os caras ficam chapados. E a maior escravidão.

Traficante esperto pensa longe, enxerga lá na frente. Esse troço não pegou aqui porque formamos uma barreira mesmo. Não vem querer vender pedra dizendo que dá mais grana que essa não cola. O cara fica tão chapado que morre logo. O negócio da maconha e do pó tem clientela de vida longa. O crack mata rápido. O que adianta o cara encher o nosso bolso de dinheiro em três, quatro meses e depois morrer. Prefiro o negócio mais seguro, certo. Quando pinta paulista na área fico só de olho. Se vier numa de ensinar a fazer pedra prós meus homens, leva chumbo. Não quero nem saber. Pode até ter pedra em algum morro. Pode ser. Ora, tem cara meio louco, né, mas aqui não tem vez.

A gente demora pra montar um esquema e depois vem uma porra dessa e estraga tudo. Em São Paulo o bicho pega porque só tem laranja lá. Quer ficar esperto e acaba dançando. Gasta tudo o que tem e depois fica na rua feito louco catando migalha no chão. A lei aqui é essa. Aqui no Rio é questão de cultura, cara, tem pó e maconha. Quem quer sair dessa que vá procurar longe daqui. A gente vende isso há muito tempo e tá bom de grana. Não tem que ficar inventando moda não que não dá certo. Duvido que alguém dos outros morros esteja vendendo essa porra. Ninguém é doido. No morro, boa parte do povo fuma e cheira, mas o estrago é menor. Aqui, cara, só tem cara esperto. Não é como lá em São Paulo, um bando de laranja metido a besta que vende qualquer porcaria que aparece.

Em novembro de 1995, Jorge Luiz dos Santos, então homem forte do tráfico de drogas da favela de Acari, se manifestou sobre o assunto falando em um *walkie-talkie*. Não quis ser visto e só falou por insistência de um gerente do tráfico.

Crack não pega no Rio. Pelo tempo que essa droga está em São Paulo já era para ter chegado aqui com força. Se tiver pedra por aqui é quase nada. Pode ser que tenha lá a Zona Sul, mas é difícil de encontrar. Não chegou aqui porque temos certeza que essa droga acaba com qualquer organização. Nossos homens ficariam doidos e não renderiam mais nada. O comércio é certo e não pode ser mudado assim, de uma hora pra outra. Vendemos maconha e coca e isso sustenta bem o negócio. Uma droga mais forte que essas duas poderia colocar a gente em risco. Já pensou se esse negócio pega aqui? Não ia dar certo não. Quem vende crack pode ganhar muito dinheiro, mas é por pouco tempo. O cara morre logo. Fica louco e é capaz de te assaltar para comprar pedra. Aqui tudo caminha bem. Deixa assim. Esse negócio de

crack não é pra carioca. Já me ofereceram um caminhão com pasta de cocaína. Não serve pra nada aqui. Mandei voltar com a mercadoria. Deve ter ido parar em São Paulo. Essa droga-louca combina mais com São Paulo. O povo corre demais e precisa de uma droga desse jeito. Deixa o crack pra lá. Essa droga não presta.

Poucos meses depois da conversa à distância, Jorge Luiz, um dos homens mais procurados pela polícia carioca, fugiu para a Bahia. Em março de 1996 foi preso numa operação comemorada e divulgada pela imprensa. Logo depois, foi encontrado enforcado numa cela da delegacia da Barra da Tijuca. Negão, como era conhecido, impunha respeito em Acari, tanto que ganhou um cruzeiro onde os traficantes do local veneravam sua fotografia e de seu antecessor, Tunicão. O cruzeiro foi descoberto pela polícia e as fotos foram substituídas pela imagem de Jesus Cristo. Os conceitos de Jorge Luiz ainda imperam em Acari. "Não vamos mudar nada. Deixa tudo como está, como ele deixou. Temos nossa organização e não vamos permitir que seja alterada por uma droga qualquer, como o crack", avisa o "gerente" Fininho, atual líder de Acari.

A polícia carioca pouco ou nada sabe sobre o crack. A prova disso está no movimento na superintendência da Polícia Federal que não registrou nenhuma apreensão de crack no Estado até abril de 1996. A Polícia Civil encontrou no final de 1995 uma pedra pequena com uma prostituta em Copacabana, na Zona Sul. Ela havia recebido a pedra de um turista paulista como pagamento pelo programa. Foi dispensada, após convencer os policiais de que desconhecia a droga. Aceitou o pagamento inusitado porque o freguês não tinha dinheiro. O volume de droga apreendida no Rio demonstra que a procura pela maconha é superior a qualquer outra droga. Em 1994, foram apreendidas duas toneladas de "feijão" e quase cinco vezes mais — 9,9 toneladas — no ano seguinte. Em relação à cocaína, os números são: 170 quilos em 1994 e 275 quilos em 1995. Nesses dois anos, foram presas em flagrante 5 047 pessoas por tráfico, posse ou uso. Nenhuma por causa do crack. Polícia e traficantes têm o mesmo discurso para explicar a ausência de crack em terras cariocas.

VERSÃO OFICIAL

O delegado Marcos Reimão, da Divisão de Repressão a Entorpecentes, órgão da Polícia Civil, conheceu o crack em 1995 durante perseguição ao seqüestrador Nelson Gabino, escondido na favela do Buraco Quente, na Zona Sul de São Paulo. No Rio, nunca tinha visto ou apreendido uma pedra de crack.

A cultura do tráfico no Rio é definida. O fato do crack não ter entrado no Estado é uma prova da força desta cultura. A população carente, instalada nos morros, seguem à risca os mandamentos dos líderes locais. Moram em zonas de exclusão onde o governo está pensando agora em se aproximar. Essas pessoas pedem tudo ao traficante e os respeitam como autoridades. O crack é visto pelos líderes como uma droga maldita. Aliena quem fuma. O tráfico é organizado e essa droga tem poder para destruir a organização. Com isso, o território de um grupo ficaria vulnerável para o ataque e domínio de outro grupo. No caso do crack, o traficante não vê o lado econômico, o quanto de dinheiro poderia ganhar se vendesse pedra, mas a questão da continuidade dos negócios.

Há consenso em que o mercado paulista é mais fértil em termos econômicos. "Essa disposição de São Paulo faz com que todo tipo de droga consiga espaço. Sempre vai ter alguém para vender e outro para comprar. Essa dinâmica atrai mais vendedores, favorecidos pelo tráfico de drogas não muito organizado. São Paulo é um mercado rico, promissor, mas nem tudo o que é testado lá pega aqui ou em outra parte do país, caso do crack", comenta o coronel Helmo Dias, subsecretário de Planejamento Operacional, da Secretaria Estadual de Segurança do Rio de Janeiro. Desde 1991, quando as primeiras reportagens sobre crack em São Paulo começaram a ser publicadas, o Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen) do Rio, o primeiro do país, ficou sob alerta. A droga poderia ser encontrada, a qualquer momento, nas mãos dos meninos de rua do Centro ou na casa de moradores de favelas, fenômeno parecido com o registrado em São Paulo.

Coube à Secretaria Executiva do Conen, criada em 1989 e composta por representantes da comunidade, médicos, especialistas e educadores de rua, colocar em prática o plano de se aproximar das pessoas que, a princípio, poderiam ser fisgadas pela nova droga. Essa população estava nas ruas, nas favelas e morros. Afinal, a droga em São Paulo atraiu primeiro pessoas com esse perfil. "Falamos abertamente sobre o crack. Explicamos o que acontece no organismo, qual a aparência da droga e seus efeitos", lembra Aurélio Santo Sé, presidente do Conen. Ele credita a esse trabalho o fato de o crack não ter sido disseminado no estado. Nas entrelinhas, menospreza a visão mercadológica do tráfico organizado nessa questão. Em seis anos, o conselho atendeu apenas dez pessoas viciadas em crack, encaminhadas para as clínicas de recuperação que somam 50 no Grande Rio. O curioso é que eram pessoas de idades diferentes, níveis sociais distintos, nenhum morador de rua.

Os viciados cariocas moravam na Barra da Tijuca, Botafogo, Campos, Olaria, Copacabana e Nova Iguaçu, universos distantes e sem ligação. O mais novo do grupo tinha 16 anos e o mais velho, um comerciante, 42 anos. Dos dez, quatro faziam o crack a partir do pó de cocaína e os outros seis com pasta-base comprada de traficantes ou conseguidas com encomendas feitas a outros estados. Todos se recuperaram, mas um em especial, que tinha o 2º

grau completo, decidiu agradecer a ajuda de forma interessante. Passou a ajudar o Conen como voluntário e hoje trabalha num instituto de pesquisa sobre drogas em Portugal. Não quer falar sobre seu envolvimento com o crack. Santo Sé sabe que a batalha para manter o crack distante do Rio ainda não foi vencida.

Os casos de crack que temos aqui não são significativos, mas isso não significa que estamos tranqüilos. Nosso trabalho com a comunidade carente deu resultado, mas precisa ter continuidade. Temos muitos casos de crack em clínicas particulares, mas são pessoas de outros estados que buscam tratamento por aqui. Não são cariocas viciados na droga. Tanto nos Estados Unidos como em São Paulo, as pedras são encontradas principalmente em locais pobres, deteriorados. O crack aqui não conseguiu espaço. Não motivou a classe de baixa renda. Curiosamente, os meninos de rua do Rio usam pouca droga. Estão mais com cola e esmalte, diferente da realidade paulista. Em contato com as dez pessoas que nos procuraram nos últimos anos, percebemos que não existia a formação de gueto. Que continue assim, longe, mas não podemos descuidar.

Nas clínicas cariocas de recuperação — 60 no estado — o número de viciados em crack não é significativo. Em Vila Serena, um dos principais centros para tratamento de dependência química do Rio, foram registrados 11 atendimentos desde 1993, em sua maioria, jovens. Apenas cinco cariocas. "Tratamos muitas pessoas que vêm de outros estados, grande parte de Minas Gerais e São Paulo", conta Luiz Eduardo Bontempo, conselheiro da clínica, criada há 14 anos. Localizada em Santa Tereza, a clínica tem capacidade para atender 24 pessoas de uma só vez. Ele lembra o caso de uma executiva paulista que procurou a clínica em 1993. Tinha usado crack por seis meses. Havia abandonado o tratamento em uma clínica no interior do estado e se transferido para a Vila Serena. Queria ficar longe da pedra. Ficou 40 dias internada, voltou para São Paulo e nunca mais deu notícias. Quando fala em crack ele lembra dessa moça. Loira, muito bonita, de família com dinheiro, mas corroída pelo crack. "A pessoa com o crack fica transtornada, sem memória, sem referências", afirma. As internações cariocas são motivadas principalmente pelas cocaína aspirada ou injetável. "O poder de sedução do crack não pegou essas pessoas", acredita Bontempo.

Em junho de 1994, o *Jornal do Brasil* trazia matéria sobre o assunto com o título: "Crack chega de vez ao Rio e já é ameaça para os jovens". Permeada por adjetivos, do tipo "pedra da morte", "a droga mais perigosa deste fim de século", a matéria associava a entrada do crack no Rio ao receio dos usuários de drogas injetáveis em contrair Aids. Tratamento superficial para uma matéria com toques alarmistas. Por sorte, o recado do professor James Inciardi, então diretor do Centro para Estudos de Drogas e Álcool da Universidade de Daleware, nos Estados Unidos, citado na mesma matéria, não surtiu efeito. Ele considera o crack "a droga

mais sedutora dos últimos 30 anos". Em 1989, durante visita ao Rio, afirmou que a cidade, naquela época, "já poderia estar no início de uma epidemia de crack". Sua tese não se confirmou.

Um outro especialista, Marcelo José Lopes de Souza, de 32 anos, professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor pela Universidade de Tübingen, na Alemanha, não faz discurso futurista, mas derruba a tese fechada de traficantes organizados sobre o assunto. Para ele, não é exatamente verdade que o crack não tenha entrado no Rio de Janeiro. Revela mais: "há consumo de crack no Rio, inclusive em favelas, e traficantes que vendem a droga". A base de sua polêmica análise está em estudos minuciosos sobre tráfico de drogas e seus efeitos sobre a sociedade. O crack estaria nas mãos de usuários-revendedores ou de pequenos grupos dissidentes do Comando Vermelho e Terceiro Comando, formados após brigas. Ou seja, o crack estaria escondido nas brechas da desorganização do tráfico.

Souza faz diferentes abordagens do tema e tem trabalhos publicados em revistas européias sobre violência e urbanismo. Não fica trancado numa sala, criando teorias acadêmicas frágeis. Seu trabalho de campo, com enormes dificuldades de execução — traficantes nem sempre o vêem como um estudioso e bloqueiam o acesso — começou há vários anos. O que fala tem peso no meio acadêmico. Suas conclusões valem para discussão e reflexão. Souza coordena atualmente o Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Socioespacial (NuPeD), da UFRJ, além de liderar o projeto O Tráfico de Drogas e seus Impactos Socio-espacialmente Desordenadores/Reordenadores nas Cidades Brasileiras, apoiado financeiramente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Há traficantes que vendem crack sim. É verdade, porém, que há uma grande resistência por parte da maioria dos "dono" de "bocas de fumo" — líderes de quadrilha — a comercializar essa droga. Resistência que parece comum às duas principais redes — organizações — do tráfico de tóxicos no Rio de Janeiro, o Comando Vermelho (CV) e o Terceiro Comando. Essa parece ser a razão pela qual o crack, de fato, é muitíssimo pouco conhecido no Rio de Janeiro, em comparação com São Paulo.

A principal razão para essa resistência não é difícil de entender: uma grande parte dos traficantes de maconha e cocaína — especialmente "soldados", que na gíria do tráfico carioca são os que fazem a segurança, e "gerentes", que são aqueles que supervisionam uma ou mais "bocas" para o "dono" e cuidam da contabilidade — é, hoje em dia, também consumidora da droga. E se considerarmos os escalões mais baixos da hierarquia do tráfico de favela — vigia ou "olheiro" e entregadores de droga ou "aviões" — é comum os seus integrantes receberem pagamento também em drogas.

Ocorre que, diferentemente da maconha — que é uma droga leve — e mesmo da cocaína — de tão adulterada tem seu efeito bastante diminuído —, o crack possui um avassalador poder desestruturador da personalidade, agindo em prazo muito curto e criando enorme dependência física e psicológica. Um "soldado" ou um "gerente" que se viciassem em crack iriam se tornar, rapidamente, imprestáveis, e mesmo perigosos para o negócio. Na verdade, considerando que o viciado é uma "galinha dos ovos de ouro" a ser explorada pelo traficante, o crack, ao destruir rapidamente o viciado, apresenta, também sob esse aspecto, menor interesse para os traficantes que o cloridrato de cocaína.

Este aspecto é um indicador importante do nível de organização do tráfico de varejo. Se, por um lado, não se deve exagerar esse nível de organização, uma vez que o Comando Vermelho não é uma estrutura coesa e rigidamente centralizada, como uma família mafiosa — diferente da imagem falseada difundida pela imprensa — por outro lado, a despeito da pulverização do tráfico de favelas, sobretudo nos últimos anos — dissidências e conflitos internos ao CV, brigas entre o CV e o Terceiro Comando — há uma certa ordem.

O tráfico de tóxicos é um negócio que, em relação à sua dimensão e "desordem", expressa pelas guerras de quadrilhas e pela instabilidade de suas redes no varejo, exige uma boa dose de coordenação logística e entrosamento funcional entre os diversos atores sociais que, nesse âmbito, desempenham algum tipo de papel. Isso para não falar da crescente complexidade tecnológica — bélica, de comunicações — que vem caracterizando o tráfico baseado em favelas no Rio nos últimos dez anos. O crack, assim, ao que tudo indica, se ajusta mais ao universo dos usuários-revendedores ou dos grupelhos de pequenos traficantes do que ao mundo do tráfico um pouco mais organizado. Ainda que essa organização seja mais descentralizada e imperfeita do que o grande público imagina.

Enquanto estiver fora do interesse das grandes organizações, as pedras de crack continuarão a ser vistas pelos cariocas como uma droga tipicamente "paulista", como eles preferem, de "paulista babaca". Estará em patamar inferior, abaixo da maconha e cocaína enquanto continuar alijada ao submundo desorganizado do tráfico de drogas. Com todos os problemas sociais amplamente divulgados, a "cidade maravilhosa" está livre, escapou, da dominação total da "bomba química do crack". Pedra de sucesso, no Rio, por enquanto, só a do Arpoador. Melhor assim.

FURACÃO INTERNO

Fico tossindo o tempo inteiro. Sinto uma fraqueza grande. Estou tão fraco que passarei mal se comer uma feijoada agora.

Guilherme, 22 anos, dois de crack

Ao perguntar a um viciado em crack o que sentiu na primeira vez que usou a droga, a resposta vem quase sempre de forma abstrata e positiva. Um jogo de imagens fortes que, traduzidas, revelam a intensidade, a violência da droga no organismo. A fumaça aparentemente inofensiva tem o efeito de um furacão violento varrendo uma área complexa, grande, cheia de segredos, meandros: o corpo humano. Nada fica no lugar. Derruba tudo. Por onde passa, deixa marcas, algumas profundas. Tem efeito devastador e, muitas vezes, irreversível.

Me levou às nuvens... uma sensação única de bem-estar, felicidade...

Pedro, estudante de 17 anos, seis meses de crack

Quando puxei a fumaça, deu um "tuim" no ouvido. Adormeceu minha cabeça, adormeceu tudo... Parecia que estava dentro de um vulcão cheio de cores...

Daniela, 21 anos, auxiliar de escritório, viciada há dez meses

Me senti um ser do outro mundo, um ET.

Joaquim, 43 anos, pintor de paredes, quatro meses de crack

Senti como se eu tivesse captado toda a energia elétrica do mundo... o azul ficou mais azul... um colorido diferente... excitação como nunca tinha sentido antes. Prazer puro, intenso... energia forte...

Fernando, 24 anos, publicitário, fuma crack há um ano

O subproduto da cocaína é implacável no organismo. O viciado mostra externamente como está o organismo vítima da "bomba química" de efeito fulminante. Pupilas dilatadas, tremores, tosse insistente, magreza, palidez e nervosismo são os sinais externos, visíveis. Uma

outra série de efeitos acontecem internamente, que ajudam a refletir no rosto, corpo, os danos causados pelos dias, meses e anos de consumo de crack. Quando falam dos sinais da droga, os viciados esquecem a euforia, o brilho, a sensação de bem-estar. Falam como escravos, aniquilados, presos e atolados nas pedras. Nada de discurso positivo e abstrato. Agora, tudo concreto, palpável, sinistro. A cor da primeira "viagem" desencadeia doenças, sinais de cansaço emitidos por neurônios lesados, pulmão fragmentado, coração descompassado. Um vaivém de baixas graduais que podem levar à hemorragia cerebral, convulsão, infarto agudo e morte.

Meu rosto está assim, chupado. Minha pele perdeu o brilho. Olho para a fumaça e penso: se estou assim, por fora, imagina como estou por dentro. Meu organismo denuncia tudo o que faço com ele....mostra tudo.

Antônio, 32 anos, dois de crack, metalúrgico

O crack é brochante. Outro dia parei pra pensar e fazia uns quatro meses que eu não tinha uma relação com uma mulher. Não era nem o caso de transar... era de conversar, dar um beijo.

Ricardo, 18 anos, office-boy, oito meses de crack

Não consigo dormir. Tenho medo de tudo... até da minha imagem no espelho. Não consigo mais achar beleza no meu corpo... ele está surrado de tanta droga... olha minha pele. Se pudesse, trocava de corpo e de cabeça. Como não posso...

Alessandra, 23 anos, um de crack, desempregada

Meu organismo está pagando um preço alto... Não memorizo mais nada... Esqueço o que falo e até... estou assim, totalmente tomado e passado.

Daniel, 34 anos, torneiro mecânico, viciado há seis meses

O "tuim" descrito por Daniela para explicar a primeira "sensação" sentida com o crack pode ser entendido também como um estalo, um relâmpago, um clique. Algo tão forte e com o poder de ligar e desligar ao mesmo tempo todos os sentidos, todas as emoções, tudo de uma vez. Um turbilhão que desencadeia uma série de sinais, exteriorizados nos passos apressados, na inquietude. Um furacão interno. Tudo ao mesmo tempo. Vibração total. O crack é uma armadilha. Oferece uma sensação inicial que na segunda vez não aparecerá mais. Esse "tuim" é sentido apenas na primeira vez. Ao término da "pedra de iniciação", começa a busca pela mesma emoção, pelo mesmo efeito. Na segunda investida, no entanto, esse mundo "cor-de-rosa" não vem e cede lugar à paranóia, dependência e, um pouco mais tarde, aos problemas de saúde que podem levar à morte. É como um "falso doce", uma armadilha. Quando a pessoa procura o

mesmo gosto do doce numa segunda vez é surpreendida por algo ruim, sem gosto, mas que dá uma vontade incontrolável de continuar no jogo, na procura. Armadilha que fisga e coloca a pessoa numa encruzilhada. Diferente da cocaína em pó. A segunda cheirada numa carreira de pó é igual a primeira e será parecida com a terceira. Evidente que esses "sintomas" dependem de fatores como pureza, quantidade, mas as sensações são semelhantes.

No caso do crack é diferente. "Tuim" mesmo só na iniciação, só na primeira vez. As pessoas ficam em busca daquele "resultado" inicial e acabam fisgadas. Dessa procura, vem a compulsão de fumar mais e mais. É a droga pela droga. Em muitos casos, fumam para contornar os efeitos da dependência: taquicardia, sudorese, irritação... Após a aspiração da fumaça o organismo reage em segundos. É como se toda a rede elétrica de um edifício, do chuveiro aos elevadores, fossem ligados ao mesmo tempo. Tamanha sobrecarga queima os fusíveis e desliga o sistema. No cérebro de um viciado em crack, acontece a mesma coisa. Tudo ligado de uma só vez e, depois, breu, escuro, apatia profunda. Pane geral. Cada tragada é um novo estímulo, mas a euforia do "tuim" ficou lá atrás.

O crack leva de cinco a dez segundos para ir do pulmão ao cérebro. Viagem rápida, quase instantânea. Seu pico de ação é entre dois e três minutos. O êxtase não ultrapassa dez minutos. O coração fica descompassado. Pode chegar de 180 a 240 batimentos por minuto, dependendo da quantidade de droga. A potência do crack em relação à cocaína cheirada ou endovenosa (injetável), por exemplo, pode ser medida pelos efeitos, velocidade de ação no organismo. No caso da cocaína injetável, o "back", os efeitos surgem depois de três, quatro minutos e duram de meia hora a 45 minutos. Entre dez, quinze minutos começa a fazer efeito a cocaína em pó, cheirada. A "viagem" pode durar uma hora. O crack é veloz tanto no tempo de início de ação, que acontece em segundos, quanto na duração do "barato", poucos minutos. Daí a explicação para o termo "*fast-food* da cocaína", como os americanos costumam chamar a droga, cinco a seis vezes mais potente que a cocaína em pó.

Para os usuários de crack, a droga fumada parece mais inofensiva do que a injetada, por exemplo. Mas é um engano, pois a cocaína fumada vai dos pulmões direto para o cérebro, sem escalas. Quando cheirada, a cocaína passa primeiro por filtros do aparelho respiratório. E quando injetada, passa antes pelo fígado, seguindo depois para o coração, pulmão e só depois é que atinge o cérebro. Por que o crack vicia tanto? Um exemplo: um viciado em cocaína em pó impregna os vasos da mucosa nasal, joga a droga no cérebro e libera a dopamina, substância neurotransmissora encontrada nos feixes nervosos e responsável pela transmissão dos impulsos elétricos entre os neurônios, possibilitando a passagem de informações, especialmente relacionadas à aprendizagem e à emoção. Uma cheirada liga menos de um terço dos circuitos do cérebro. A excitação, no entanto, permite que uma pessoa se julgue mais inteligente, talentosa. "Tuim", furacão interno, nem pensar, só com o crack.

O craqueiro usa a cocaína num estado diverso, misturada a uma substância alcalóide — bicarbonato de sódio — que, uma vez aquecida, endurece. Ao fumar a pedra, espalha a droga pelos alvéolos pulmonares, o maior e melhor absorvente do organismo, com uma área 200 vezes maior que a da mucosa nasal. Os alvéolos são pontos do sistema respiratório que estão mais próximos da circulação sanguínea, onde é feita a troca de gás carbônico e oxigênio. Atinge as câmaras esquerdas do coração e atua nos órgãos mais irrigados do corpo humano, especialmente o cérebro. Tamanha mudança na quantidade de cocaína levada ao cérebro determina uma alteração na qualidade do efeito. A pessoa não se sente mais inteligente ou talentosa. Da pipada resulta apenas a vontade de fumar mais e mais. Está completamente ligada à necessidade de ficar drogado, de fumar outra vez e em quantidades cada vez maiores. A ação rápida do crack é a responsável pela compulsão.

AÇÃO NO SISTEMA NERVOSO

Em uma pessoa normal, a dopamina é liberada entre uma célula e outra — os chamados espaços sinápticos —, fazendo uma espécie de ponte para a passagem da informação. Uma vez transmitida a mensagem, a dopamina é recapturada. Vai e volta em seguida. Nos usuários de crack, a droga bloqueia o mecanismo de recaptura da dopamina na fenda sináptica, superdimensionando os receptores moleculares. Essa substância de efeito estimulante fica mais tempo na região de comunicação entre dois neurônios, um trabalho hiperagitado e desgastante. Outros dois neuro-transmissores— norepinepharina e serotonina —, que junto com a dopamina, estão envolvidos no controle do temperamento e das funções motoras, também são vítimas do bloqueio provocado pelo crack. Com isso, os efeitos normais dessas substâncias químicas são multiplicados. No sistema nervoso central, o crack age diretamente nos neurônios. São eles que, diante de uma mensagem elétrica, liberam os neuro-transmissores químicos que atravessam os hiatos — sinapses — entre os nervos, mandando a mensagem pra frente.

Repetidas doses de crack produzem uma escassez temporária dos neuro-transmissores na medida em que sua reabsorção para uso posterior é bloqueada. O corpo os degrada mais rapidamente sem tempo para a fabricação de substitutos. Assim, depois de algum tempo já não existe uma quantidade suficiente de neuro-transmissores para manter as sensações normais da pessoa, o que resulta em depressão, ansiedade e a "fome" de obter mais pedras para aumentar a eficiência da quantidade disponível de neuro-transmissores, esgotados pelo uso prolongado da droga. A depressão se torna inevitável por causa desse jogo.

Fico com uma sensação de vazio enorme. Nada me completa, só as pedras...

Anselmo, 22 anos, estudante de Física

Não consigo pensar direito, falar direito. Fico todo torto. Nada me preenche. Fico trancado no meu quarto... Só o crack me deixa melhor. Fumo outra vez para compensar esse estado...

Ramiro, 28 anos, camelô, viciado há um ano

Quando a depressão bate... Fico derrubada. Tento não fumar outra vez, mas a vontade é maior. Fico amuada num canto. Infelizmente, só uma pedra pode me trazer à tona de novo...

Adriana, 25 anos, química, dois anos de crack

O crack diminui a fome, aumenta a atividade psicomotora e também altera o funcionamento dos chamados centros límbicos do cérebro, responsáveis pela sensação de prazer. Os resultados imediatos são euforia, desinibição, agitação psicomotora, taquicardia, dilatação da pupila, aumento da pressão arterial e transpiração. Um viciado em crack, parado, sua tanto quanto um corredor de maratona. A droga provoca paranóia, a nóia como os viciados chamam, reproduzida na forma de alucinações visuais, delírios. Exemplo: alguém está me seguindo; estão batendo nas minhas costas; estou vendo policiais subirem aqui, pela janela, no décimo andar...

Mas como em todas as drogas, a euforia dura pouco. No caso do crack, pouquíssimo. O que faz com que a pessoa fume cada vez mais. Por isso, a dependência vem em dias, traduzida por um sintoma conhecido como *crawing* ou fissura, que é uma incontável vontade de consumir mais droga. A intensidade do prazer obtido e o contraste entre o estado normal e a euforia experimentada levam a pessoa a querer repetir a "viagem". Em menos de dez minutos, já quer outra dose, mais uma pedra. O uso contínuo da droga sobrecarrega e provoca danos nos sistemas nervoso e cardiovascular. Entre os efeitos crônicos são comuns, inicialmente, as dores de cabeça, tonturas e desmaios. É que o crack, depois de superestimular, leva os neurônios à exaustão completa. Com meninos de rua e mendigos, mal alimentados, esse efeito é mais visível. Depois de pipar, caem no chão em sono profundo, como se estivessem desmaiados. Pode ser causa de morte, também, o infarto agudo provocado pela *overdose*. A morte pelo crack pode vir em meses, semanas ou mesmo dias, dependendo da frequência do uso, da quantidade, do estado físico da pessoa.

As conseqüências físicas e psicológicas em usuários crônicos podem ser a hemorragia cerebral, fissura, delírios, alucinação e depressão. Com o tempo, a pessoa apresenta problemas respiratórios, como congestão nasal, tosse e expectoração de mucos negros, ou seja, danos gerais aos pulmões. Os efeitos do crack num iniciante e num dependente apresentam algumas diferenças, porém pequenas. Na primeira fase — de nove horas a quatro dias após o uso — a pessoa sente agitação, depressão, anorexia e compulsão. No entanto, de uma a dez semanas após

o uso, o dependente sente nesta primeira fase: pouca ansiedade e pequena compulsão. A segunda fase de um iniciante é composta por fadiga, depressão, insônia. Um dependente nesta fase apresenta ausência de prazer, perda de energia, ansiedade, compulsão. O organismo já está habituado à droga. Um iniciante passa a sentir os efeitos de um dependente no prazo curtíssimo de uma semana. Por isso, os especialistas costumam dizer que uma pessoa fica viciada logo nas primeiras vezes. Para os viciados a regra é ainda mais cruel: pipou uma vez, está fisgado.

Depois de aumentar a pressão arterial, alterar a frequência dos batimentos cardíacos, o que pode ocasionar derrame cerebral - em *overdose* os efeitos podem se prolongar levando ao coma e causando sérias lesões nos neurônios —, o crack é distribuído para outros órgãos, via circulação. No fígado, é metabolizado. Vai até o rim, que o elimina pela urina. Um processo rápido. Externamente, o craqueiro pode apresentar queimaduras nos lábios, na língua e no rosto por causa da proximidade da chama do isqueiro no cachimbo, onde a pedra é colocada e fumada. O resultado de toda essa "viagem" é perda de peso e, não raro, desnutrição profunda, o que desencadeia uma série de doenças.

Fico tossindo o tempo inteiro. Sinto uma fraqueza grande. Estou tão fraco que passarei mal se comer uma feijoada agora...

Guilherme, 22 anos, dois de crack

Quando consigo dormir, molho toda a cama. Transpiro tanto que fico até com vergonha da minha mãe...

João, 20 anos, desempregado, viciado há três meses

Sei lá... Estou magra, muito magra, mas não sinto fome. O dinheiro que faço vai tudo pra pedra... Estou feia, mas quem disse que já fui bonita?

Gabriela, 14 anos, um de crack, menina de rua

Já desmaiei um monte de vezes. Fico muito fraco, mas não consigo parar. A agitação do crack é boa, mas depois preciso de mais pedra pra não ficar maluco. Acho que está todo mundo me olhando, querendo me bater...

Joaquim, 32 anos, desempregado, viciado há nove meses

Especialistas não discordam que o crack é uma das drogas mais potentes e mais viciantes que já chegou ao cérebro humano. Mas existe uma polêmica médica em torno do tipo de dependência desencadeada pelo consumo de crack. O médico toxicologista Anthony Wong, coordenador do Centro de Atenção Toxicológica do Instituto da Criança, do Hospital das Clínicas de São Paulo, acredita que a droga causa dependência psíquica e não física. Ou seja, o

corpo do viciado em crack não sinaliza "carência" da droga no organismo, como acontece com a heroína. Este sinal é apenas psíquico. "A falta do crack ou mesmo da cocaína no organismo não causa a síndrome de abstinência com crises convulsivas", explica. Wong também coordena o Centro de Controle de Intoxicação do Hospital do Jabaquara, na Zona Sul, onde, por telefone, orienta médicos nos prontos-socorros mais distantes da cidade em como proceder de forma correta para tirar viciados em crack do estado crítico, da emergência. Quando os primeiros casos de crack apareceram nos prontos-socorros, em 1990, o telefone dele não parava. "Hoje está tão comum que o telefone pouco toca. Os médicos já sabem exatamente o que fazer. Infelizmente estão acostumados à cultura do crack", comenta.

Para o psiquiatra Arthur Guerra, coordenador do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (GREA), também ligado ao Hospital das Clínicas de São Paulo, de tão forte que é a dependência psíquica, ela acaba sendo física também. "A dependência psicológica é tão grave que acaba piorando a física. Isso faz com que o usuário fique a serviço do crack", comenta. No dependente, as formas mais comuns de doenças físicas, além da psicológica que atinge altos níveis de depressão, são: pneumonia, tuberculose e hepatite. "O crack, quando entra na corrente sanguínea, entra nas artérias que produzem o sangue bom, agindo principalmente no cérebro e pulmão. Depois o crack vai para todos os outros órgãos do corpo. Não se sabe ainda com certeza se acaba afetando diretamente esses outros órgãos", afirma. A parada cardíaca pode acontecer na primeira vez de uso. O derrame cerebral é outro efeito comum. O olhar de quem fuma apresenta características de "zumbi", perdido, ao mesmo tempo que parece estar desconfiado. Os medos e a insegurança causados após o uso dependem do lugar e da vida pessoal de quem consome.

O crack e a cocaína em pó geram as mesmas consequências, acarretam problemas parecidos no organismo. Tanto o crack, como a cocaína aspirada, "querem" atingir o cérebro. A meta das duas drogas é atuar no órgão responsável pelas sensações. Americano tem dessas coisas. Em 1986, quando Arthur Guerra estava nos Estados Unidos — pós-doutorado pela The Johns Hopkins University —, presenciou duas passeatas. Uma pela legalização da maconha e outra pela legalização do crack. "É evidente que uma pessoa em sã consciência não iria compartilhar da teoria de que o crack faz bem e, assim, pode ser consumido livremente. Isso é loucura, mas as pessoas podem se manifestar. É um direito", afirma. A partir de 1992, ele passou a tratar os primeiros pacientes brasileiros viciados em crack.

De lá até hoje, tanto no Hospital das Clínicas como em seu consultório, 95% dos casos recebidos para tratamento são de pessoas dependentes da droga. Classe média e baixa no hospital e classe alta no consultório. "É uma droga nova no país, mas de efeitos devastadores. Seu poder de sedução é forte e começa a sair da capital para se expandir no interior e em outros estados", comenta. Outro psiquiatra, Pêrsio Gomes de Deus, dirige o Hospital Água Funda, um antigo manicômio na Zona Sul de São Paulo, entidade pública que presta hoje atendimento a

dependentes químicos gratuitamente. Para ilustrar a devastação do crack no organismo costuma fazer um jogo de imagens com seus pacientes. No final, assustados, todos entendem o recado.

Vamos comparar o nosso cérebro a uma máquina. O nosso corpo seria um automóvel. O cérebro, o motor desse carro. Podemos imaginar um puro-sangue, uma Ferrari, uma BMW, um Mercedes. De que adianta um carro tão maravilhoso, com um motor ótimo, mas sem combustível? Não sairia do lugar. O motor sequer funcionaria. O combustível do nosso motor (cérebro) é chamado de "mediador químico cerebral". Esse mediador é que vai ser "queimado" ou gasto e, assim, produz funcionamento do nosso cérebro. Assim, todas as nossas emoções, pensamentos, memória, sensações, ações, dependem desses mediadores químicos cerebrais. A ordem é essa: quanto mais mediador químico é liberado, mais esse cérebro funciona.

Da mesma forma que, às vezes, colocamos aditivos no combustível para aumentar o funcionamento ou a velocidade do motor, também colocamos aditivos em nosso cérebro para aumentar a liberação dos nossos mediadores. O crack é um desses aditivos que são usados para aumentar a velocidade do nosso motor. No momento em que o crack chega ao cérebro, produz liberação intensa dos mediadores químicos. Todo o combustível armazenado para fazer essa máquina funcionar por uma semana é gasto em apenas dez minutos, Overdose de energia. O cérebro é inundado por toda a sorte de sensações, pensamentos, emoções que ocorreriam num tempo maior. Tudo acontece em segundos, minutos, de uma só vez. É tão violento o que ocorre que a pessoa sente um estalo dentro da cabeça — o "tuim". Haja coração e pulmão para agüentar o super esforço. Vários não agüentariam.

Depois do "tuim", da super velocidade, o que vem? O cérebro pode não agüentar e, como as máquinas, apresentar quebras — loucura, paranóia, confusão. Uma outra possibilidade é ficar sem combustível uma vez que todo o disponível foi gasto em tão pouco tempo. Vai faltar combustível para os outros dias — depressão, falta de pique, motivação. Não adianta colocar mais aditivo, pois o combustível — os mediadores químicos — acabou. A fonte secou. A pedra — o crack — é um aditivo extremamente perigoso ao nosso combustível — mediadores químicos — e podem danificar seriamente nosso motor — o cérebro.

A linguagem simples, de forma ilustrativa, é a primeira explicação que um viciado recebe no Hospital Água Funda antes de iniciar o tratamento de desintoxicação. Precisa ser assim. Os pacientes são de classe baixa, muitos analfabetos, sem instrução. Se teorizar muito, perde a força que os especialistas precisam dar logo no primeiro contato com o paciente. Funciona. As pessoas passam a entender melhor, com imagens, aquilo que sentem no dia-a-dia da droga e não sabem explicar. "É preciso falar de forma direta para alcançar objetivos. No final da conversa, eles terão entendido o que acontece internamente, o que a fumaça do crack é capaz de fazer", explica o dinâmico Gomes de Deus, considerado um dos maiores especialistas na

área. "Tratamos todos de forma igual, sem distinção. Essa maneira direta, sem atalhos, também ajuda muito", acredita.

MORTE RÁPIDA

O analista de sistemas Renato Alves Costa, de 34 anos, começou a se envolver com drogas a partir dos 14 anos. Primeiro foi seduzido pelos baseados de maconha e, um pouco mais tarde, pelas carreiras de cocaína. A "curtição" com os baseados acontecia normalmente nos finais de semana. Considerado dinâmico, centralizador e competente não era, porém, muito estável nos empregos. Quando não era demitido por faltas e atrasos, pedia demissão. Mesmo assim, era considerado importante, eficiente no departamento. Tinha cursos de especialização na área e se destacava por ser curioso. Ninguém de sua família sabe como, mas a partir de setembro de 1995, Renato passou a fumar crack. A relação da cocaína em pó com o crack é estreita. Os dois são, normalmente, encontrados no mesmo lugar. Em três meses, a droga o tornou escravo e o matou. De funcionário cumpridor de suas tarefas, passou a funcionário-problema. Nunca trabalhava às segundas-feiras, quando começava a se recuperar das intermináveis baladas dos finais de semana. Muitas vezes, um carro da empresa ia buscá-lo em casa para resolver um problema de sistema de informática.

Acabou não dando certo. Foi demitido em setembro, quando passou a fumar. Ganhou US\$ 8 mil de indenização e pelo menos US\$ 6 mil foram desviados para o crack. Comprou tudo em pedra. Fumava em casa. Horas e dias seguidos. O corpo não resistiu. Morreu por causa de complicações pulmonares provocadas por *overdose* de crack. Seu irmão mais velho, Murilo Alves Costa, de 40 anos, gerente de sistema de processamento e informática de um banco, lembra a primeira vez que viu o irmão depois que passou a fumar crack. "Ele estava muito magro e com problemas respiratórios. Não conseguia respirar direito", conta. Vendo o irmão naquela situação, levou-o ao pronto-socorro mais próximo, no Hospital e Maternidade Indiana, em Itaquera, na Zona Leste. Renato morava num apartamento da Cohab com a segunda mulher e a filha de dois anos na Cidade Tiradentes, um dos focos principais de crack na Zona Leste de São Paulo.

Depois de vários exames, o médico chamou o irmão mais velho e disse: "Seu irmão está com o vírus da Aids, o HIV". "O mundo caiu, mas pensando bem, ele trilhou esse caminho. Não conseguia ficar sem drogas. Por mais que irmão, mãe, mulher falasse, ele não conseguia parar. Na adolescência, chegou a ser preso e liberado em seguida por causa de 30 gramas de maconha. Meu mundo caiu quando soube que ele estava com o vírus", afirma. Debilitado — não conseguia se alimentar — foi internado com urgência no Hospital Emílio Ribas, centro de tratamento de doenças infecto-contagiosas. "Melhorou um pouco e, na primeira visita, pediu

uma televisão. Respirava sem aparelhos. Tinha consciência que tinha exagerado daquela vez", conta. Não deu detalhes de como conheceu o crack, onde comprava.

O fato é que Renato sabia desde 1988 que estava com o vírus da Aids. Guardou segredo. Não contou nem para a mulher. Mexendo em suas coisas, após a morte, em dezembro de 1995, Murilo encontrou um exame antigo de laboratório onde constava "positivo" para o vírus HIV. Antes de morrer, disse ao irmão que contraiu o vírus durante relação com uma mulher que morava com um bissexual infectado. "Tudo bem que ele tinha o vírus há muito tempo, mas o crack abreviou sua vida. Essa droga o levou em três meses", lamenta. A mulher, Maria Aparecida, e a filha, Mayara, de 2 anos, já fizeram dois testes. Negativo. "Essa droga aniquila a pessoa. O corpo não resiste. É muito forte. Uma pena que ele não tenha conseguido resistir, uma pena. Agora, só a saudade. Aconteceu com ele e acontecerá com mais pessoas. Essa droga faz vítimas a cada dia", afirma.

A faxineira baiana Maria Aparecida Gonçalves, de 45 anos, é o semblante do sofrimento, rosto enrugado, marcado pela dor, pela batalha. Viúva, mudou para São Paulo há 20 anos com os dois filhos pequenos. Trabalhou como doméstica por 15 anos e juntou dinheiro para comprar um cômodo e cozinha no Itaim Paulista, na Zona Leste. No início de 1996, os dois filhos morreram — Fernando, de 21 anos, e Augusto, de 20 — por *overdose* de crack. A droga acabou com o sonho de ver os filhos "doutor, gente de bem". Fernando morreu em janeiro e Augusto menos de um mês depois. Os dois com pneumonia e tuberculose.

Eles eram bons moços. Nunca gostaram de estudar, isso é verdade, mas eram bons filhos. Não tinha parentes e ninguém da minha família por aqui. Eles eram tudo o que tinha na vida. Mas começaram a andar com umas pessoas erradas do bairro. O que eu podia fazer, meu filho? Precisava trabalhar e não tinha como ficar o tempo inteiro do lado deles. Quando tinham uns 15 anos, os dois começaram a fumar cigarro. Fiquei chateada. Sabe como é mãe, mas eles passaram a trabalhar como empacotadores num supermercado. Ganhavam um dinheirinho que já ajudava em casa. Compravam cigarro com o dinheiro deles e sempre traziam alguma coisa pra casa, um pacote de feijão, um litro de leite. Mas os amigos daqui estragaram eles. Ninguém tira isso da minha cabeça.

Pedi a tudo que foi santo para largarem dessas amizades. No meio da madrugada, batiam na porta e eles levantavam do colchão e saíam. Não falavam pra onde. Eu ficava sem dormir, desesperada, mas não tinha controle sobre eles. Eram homens, com barba e bigode. Pensei até em vender tudo e comprar outra casinha num outro lugar. Quem iria comprar minha casa? Com o dinheiro curto, não tive nem tempo de rebocar e pintar a fachada. E casa de pobre, de lutador. Chegou uma hora que percebi que o pior estava para acontecer. Os dois largaram o emprego no supermercado e passaram a chegar em casa com roupas novas. Meu Deus, só dava pra comprar uma peça nova no final do ano, quando o patrão dava o 13^a salário.

Como é que eles estavam com dinheiro? Não falavam onde conseguiam. Diziam que eram uns rolos que eu não ia entender. O meu coração dizia que eles estavam fazendo alguma coisa errada. Mas sabe como é mãe. E sempre a última a saber das coisas! Descobri que eles vendiam droga. Ganhavam uma parte em dinheiro e outra em droga mesmo. Sabia que os dois fumavam maconha, mas pensei que fosse só isso.

Fazia comida e eles nem mexiam na panela. Estavam magros, magros. Tossiam o tempo inteiro e o Fernando vivia sentindo falta de ar. Olha, acabei descobrindo com um amigo deles que eles vendiam e fumavam crack. Nem sei como é isso até hoje. Fazia muito tempo que eles estavam estranhos. Suavam muito e viviam assustados. Acho que fazia tempo que eles estavam com esse negócio. Nunca me falaram quando começaram. Por mais que pedisse pra falar, eles nunca falavam. Diziam que eu não ia entender nada. Passavam dias sem aparecer em casa. Não conseguia dormir. Quando voltavam pareciam mendigos. Os dois andavam sempre juntos. Um encobria os erros do outro. Estava no trabalho quando uma pessoa ligou dizendo que Fernando estava internado em estado grave no hospital. O Augusto estava lá quando cheguei. Oh! Meu Deus, não gosto nem de lembrar. Ele estava numa maca no corredor todo se tremendo, sem poder respirar direito. Acho que nem me reconheceu. Ele morreu. Os médicos dizem que foi problema no pulmão. Foi por causa do crack.

Depois da morte do irmão, Augusto sumiu de casa. Quase fiquei louca. Uma dor no peito de ter perdido um filho e o outro sumido. Augusto chorava muito e sumia. Poucas semanas depois teve o mesmo destino. Morreu também por causa dessa droga. Agora estou aqui. Velha, tendo de trabalhar para comer e sem meus dois filhos, que podiam me ajudar a ter uma vida melhor. Essa droga levou eles. Dizem que eles fumavam muito. Nunca fumaram em casa. Minha vida perdeu o sentido. Não tenho ninguém nesta cidade. Eles estavam tão magros, tão magros que até assustava. Os olhos estavam sempre esbugalhados. Os dois eram muito parecidos. Eram amigos e aí terminou assim. Deus chamou os dois de uma só vez. Olho para as fotos deles e choro todo dia. Quem sabe não foi para melhor, né? O mundo aqui na periferia é triste, meu filho. Muita pobreza e muita violência. Pelo menos não foram assassinados, o que eu mais temia. Deus os ilumine onde estiverem.

OS FILHOS DO CRACK

Nos Estados Unidos o fenômeno é mais comum, mas em São Paulo, onde a droga "reina" desde o final dos anos 80, começam a aparecer os primeiros sinais de uma geração classificada pelos médicos como "os filhos do crack", crianças filhas de mulheres viciadas que não largaram as pedras durante a gestação. O crack pode induzir o aborto e o nascimento prematuro. Mesmo assim, alguns casos de crianças que driblaram todas essas possibilidades já

foram registrados em hospitais públicos de São Paulo, como o Hospital das Clínicas. A criança nasce doente. Sente dores insuportáveis no corpo ao simples toque na pele. Algumas têm tremores nos primeiros meses de vida. Têm dificuldades para dormir, são suscetíveis a infecções pulmonares, nascem com menos de dois quilos e com o crânio menor. A luz do dia faz os olhos encherem de lágrimas. Este é o quadro dos bebês que nascem com a "síndrome de hiperexcitabilidade". São crianças agitadas, irritadiças. O crack e a cocaína provocam os mesmos sintomas no recém-nascido.

A psicobiologista Solange Nappo, do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), ligada à Universidade Federal de São Paulo, antiga Escola Paulista de Medicina (EPM), notou durante pesquisa com viciados a tendência de nascerem cada vez mais crianças de mães usuárias de crack. "Apesar de o crack diminuir o desejo sexual, a gravidez acontece muitas vezes porque estas mulheres têm que se prostituir para poder comprar o crack", explica. Para o toxicologista Antony Wong, os casos no Brasil ainda são considerados raros, mas os problemas dessas crianças não são decorrentes apenas da ação da droga no feto. "As mães se alimentam mal e os bebês têm problemas decorrentes da desnutrição, como baixo peso e deficiência mental", pondera. A cocaína permanece no organismo do bebê durante uma semana após o nascimento, provocando irritação, fortes berreiros.

Fora isso, o problema mais comum entre as crianças expostas à droga é um distúrbio do sistema nervoso central que as deixa rapidamente sobrecarregadas pelas sensações comuns do dia-a-dia. Algumas choram quando ouvem música ou vozes, ou quando estão em salas muito iluminadas. Outras crianças apresentam todos esses sintomas, mas conseguem mergulhar em sono profundo. Depende de cada organismo. Nos Estados Unidos, os primeiros a conviverem com os "bebês do crack", experiências com essas crianças são feitas na Faculdade de Medicina de Northwestern University, em Nova York. Os estudos revelam que, crianças sobreviverem, passarão do tempo de falar, andar, ir ao banheiro sozinhas e terão dificuldades no aprendizado. Não ficarão confinadas ao leito de um hospital ou em estado vegetativo, mas terão problemas.

Marisa, de 22 anos, não conseguiu parar de fumar crack durante a gravidez de Marina, que nasceu prematura, com 1,2 quilo. Doente, com problemas respiratórios, a criança morreu duas semanas depois do parto. Viciada em crack há quase dois anos, Marisa tentou parar assim que soube que estava grávida de um traficante, que a abastecia com pedras. Não conseguiu. "Não fiz pré-natal porque tinha vergonha de chegar num hospital com a cara abatida, tremendo. Sou viciada, mas ainda sei muito bem distinguir o certo do errado. Seria reprovada por todos. Estava matando o bebê na minha barriga", conta. Procurou um hospital apenas quando entrou em trabalho de parto.

Sabia que a criança ia nascer com problema. Tentei parar, mas não consegui. Sempre sonhei em ser mãe, mas essa droga rouba todos os nossos sonhos. O sentimento de mãe foi

deixado de lado. A droga não permite isso. Pensei em abortar, mas meu namorado disse não. Queria que a criança nascesse. Pensei no aborto porque tinha certeza que não conseguiria parar. No começo, parei dois dias, mas não deu mais pra segurar. Quando cheguei ao hospital, uma enfermeira me perguntou se tinha usado alguma droga durante a gravidez. Fui obrigada a dizer. Vi na cara do médico, o ar de desapontamento quando falei que fumava crack. Foi logo dizendo que a criança poderia nascer com problemas. Sabia disso o tempo inteiro. Pensei que ela fosse escapar. Durou duas semanas. Chorava direto, tinha falta de ar e não comia nada. Ficava só no soro. Acho que foi melhor assim.

Se ela tivesse conseguido viver, o médico disse que seria uma criança com problemas mentais. Não queria isso. Sei que matei minha filha. Fico arrependida, mas a droga já acabou com tudo o que tinha. A culpa é minha, mas o que posso fazer se não consigo parar? Minha família já tentou de tudo, mas nada é tão bom quanto a sensação de estar com a pedra num cachimbo. Conheço um monte de garotas que estão grávidas e fumam direto. Tá pensando que é fácil parar? Não é. O bicho pega mesmo é com as mulheres, que sofrem mais. Os homens continuam fumando e tudo bem. Se um dia tiver que ter outro filho, espero que tenha conseguido parar. Não sei se quero engravidar, mas pode acontecer de novo. Não tomo nada. Se vier outra criança, fazer o quê?

Não é difícil encontrar jovens grávidas viciadas em crack perto da casa de Marisa, no Capão Redondo, bairro violento da Zona Sul. Flávia, de 18 anos, amiga de Marisa, está grávida de seis meses. Fuma pelo menos dez pedras por dia há um ano. Para conseguir a droga, se prostitui. Tem dúvidas sobre o pai da criança. Pode ser o dono de um bar, um feirante ou um ex-policial com quem saiu nos últimos meses. "Não importa. Os três são bonitos. Acho que vai dar uma criança linda", se diverte. Longe da família, passa o tempo num cômodo e cozinha onde moram seis pessoas. "Aqui é tudo amigo, pode entrar", convida.

Que futuro vai ter a criança? Sei lá. Se eu não tenho futuro, você acha que ela vai ter? Claro que não. Nem sei quem é o pai. Saio com uns caras aí até hoje. Não quero saber. Transo grávida mesmo. Dizem que não faz mal mesmo. Se tem dinheiro na parada, estou nessa. Preciso de grana pra comprar comida e as pedrinhas. Fico legal com elas. Nem vejo nada o que acontece por aqui. Matam um monte de gente e nem estou aí. Não mexo e não devo nada pra ninguém. Se eu já procurei um médico? Pra quê? Não estou doente. Minha mãe sempre dizia que gravidez não é doença. Quero ir para um hospital só pra ganhar a criança. Não quero nem saber de remédio, essas coisas. Ele mexe um pouco. Dá pra sentir. É sinal que tá vivo.

Eu queria que fosse homem. A vida é dura para as mulheres. Os homens aproveitam, deitam, rolam e depois caem fora. Mulher não serve não. Se for homem, vai se chamar Edmundo. Adoro aquele jogador com cara de macho bravo. Se encontrasse ele, daria um beijão

na boca dele. Acho que vai ser homem. Se for mulher, deixa pra lá... Nem pensei no nome. Vai ser qualquer um. Sei que estou prejudicando a criança. A Marisa me falou sobre isso. Mas se ela, que é mais velha, não conseguiu parar de fumar crack, você acha que eu vou conseguir? Não quero nem tentar, meu. Estou legal assim. Uma mulher aqui do bairro disse que vai me dar umas roupinhas quando a criança nascer. Viver é isso. Um dia a gente tem as coisas. No outro, pede emprestado, espera ganhar.

Meus pais morreram faz tempo e meus irmãos... Sei lá onde eles estão. Estou por aqui. Não tenho pra onde ir. Aqui, quando tem comida, a gente come junto. E como uma família. Todo mundo é viciado em crack. Semana passada, me deu uma falta de ar, né não, Agnaldo? Mas logo passou. Nem precisou ir pro médico. Não gosto de hospital. Só vou mesmo quando for pra ter bebê. Deixa essa criança chegar pra gente vê como fica. Ele vai dormir aqui no meio do colchão. Tem uma moça aí que disse que vai me dá um berço. Mas vou colocar onde? Olha aqui, tá vendo? Não tem espaço pra mais ninguém. Deixa, quando ele chegar vai dormir aqui no meio do colchão. A gente se vira. Dá um jeito. Aqui é tão quente que não vai passar frio. Vai é morrer de calor.

A conversa com Flávia aconteceu em fevereiro de 1996. Ela ganhou roupas e berço para a criança. Edmundo nasceu de oito meses, em abril, com um quilo e meio e morreu por insuficiência respiratória. "Aconteceu a mesma coisa com a criança da Márcia. É assim mesmo. A gente que está nessa não espera muita coisa. Sabia que ele não ia nascer com saúde. Quer saber, nem chorei. Chorar pra quê? Sabia que isso ia acontecer. Estava escrito. Pelo menos acertei que era homem, lembra que te falei? Foi Edmundo mesmo, tá vendo?" A moça magra e desinibida não parou de fumar crack. "Ih!, sei lá quantas fumo por dia agora. Apareceu, já era" é o seu lema.

Dona Guilhermina, de 56 anos, mora em Guaianazes, na Zona Leste. Sua filha, Maristela, morreu em agosto de 1995 aos 25 anos. "Morreu do crack", se emociona a mãe ao falar. "Deixou uma criança para eu cuidar", mostra a pequena Janaína, de nove meses, que nasceu prematura e apresenta a "síndrome de hiperexcitabilidade". Maristela não abandonou o crack durante a gravidez. "Sofro, só Deus sabe. A criança chora quando a gente pega nela. Não come nada e o médico já disse que terá problema de cabeça. O que eu posso fazer? Sou avó. Minha filha não parou de fumar aquela desgraça e prejudicou a criança, que não pode nem tomar sol que chora como se alguém tivesse batendo nela. Não sei se vai agüentar. Tem problema de pulmão e vive tomando remédio. Tive cinco filhos, só a mãe dela me deu problema. Deus queira que essa criança viva normal. É o que eu mais quero na vida".

JARDINS DE PEDRA

Conheci o crack em festas nos Estados Unidos.

Lá, é droga de gueto, mas gente com dinheiro também fuma. Quem disse que droga de pobre não é boa?

Fabiano, de 20 anos

Cerveja, uísque, tequila com sal e limão. Para acompanhar, tábua de frios e salgadinhos. Jovens de sorriso branco, alguns com aparelho corretivo nos dentes, em volta de uma mesa num bar badalado da rua Oscar Freire, nos Jardins, o nobre bairro dos nobres em São Paulo. Um lugar em nada parecido com os brejões da periferia da cidade. Trânsito parado e coalhado de carros novos e importados. Gente bonita de telefone celular pendurado na cintura. Um batalhão de bem-nutridos que sobe e desce a rua com a nítida intenção de desfilar as roupas de grife que cobrem os corpos esculpidos em horas de academia. Homens e mulheres no mesmo jogo. Seguem a moda, a senha que separa a classe média das demais. Giovanni, de 18 anos, descendente de italianos e portugueses, se destaca no grupo. Enquanto todos gesticulam e falam freneticamente, ele fica quieto. Olha para os lados, demonstra certo desconforto com o infernal barulho e acende um cigarro de cravo, como manda o "manual da classe média".

Camisa xadrez, calça americana de cintura baixa, cinto com apliques e cabelo curtíssimo. Dá a última tragada no cigarro e começa o ritual de saída. Beija uma, abraça outra, dá um leve tapa nas costas dos outros dois rapazes da mesa. Está na hora de abandonar o local. O relógio alemão marca duas da manhã. Mas é sexta-feira abafada, lua cheia, e o final de semana está só no começo. Acompanhar de longe o movimento do grupo é um exercício curioso. As moças comentam os detalhes do último desfile de moda que abalou a cidade. Criticam a tal modelo magra demais que lembra o chassi de um carro na forma de mulher, definição emprestada de Sebastião Salgado, o papa da fotografia. Nada de assuntos densos. Deixa isso para as páginas de jornais. Frases dignas das que são reproduzidas com destaque, negrito ou itálico, nas colunas sociais. Os rapazes estão mais atentos aos lançamentos dos carros da Jaguar e Mitsubishi. Chegam a fazer uma pequena lista verbal dos conhecidos que circulam pela cidade com esses exemplares de tecnologia e poder. São muitos. Giovanni está na lista, mas ultimamente anda meio alheio a tudo isso.

Entra no carro importado, um Mitsubishi que ganhou do pai como recompensa por ter sido aprovado no vestibular de administração de empresas da Fundação Getúlio Vargas. Início do caminho para suceder o pai nos negócios de franquia de lojas de serviços, alimentos e na área

da construção civil. Suas irmãs, mais novas, não ligam para números, produção, preço do cimento ou investimentos. Mais um cigarro, agora normal. Acelera e em pouco tempo sai do cenário do mundo moderno, antenado com as tendências de Londres e Nova York. Enfrenta trânsito para chegar à rua da Consolação, importante via de acesso ao Centro e caminho natural para a Zona Leste da cidade. No rádio, música barulhenta, digitalizada. O volume é alto, maneira de chamar atenção no meio de tantos outros carros. Entra na rua Amaral Gurgel, ponto tradicional de prostitutas e travestis. Em pouco tempo, está na rua Guaianazes, o reduto dos viciados em crack. Um lugar escuro, sujo, sem *glamour*, onde tequila e tábua de frios não têm vez. Cachaça, pinga e, de acompanhamento, coxinhas escuras mergulhadas em óleo ou ovos coloridos, salpicados de anilina.

Giovanni começou a frequentar este lugar no começo de 1996. Foi levado por um amigo, filho de industrial, que hoje tenta se livrar do vício das pedras nos Estados Unidos. Estaciona o Mitsubishi na esquina. Enquanto trava as portas do carro, escuta comentários vindos de prostitutas e bêbados. "Ih, chegou o bacana pra encher o tanque!" Já reconhecem o "burguês" pela placa do carro que leva suas iniciais — GPL. As prostitutas, com maquiagem carregada e ávidas por dinheiro e pedras, nem se aproximam mais da "carne nova". Sabem que ele não procura companhia. Os acenos são de meninos de rua e bêbados. Dois meninos mirrados meio que se atropelam para se aproximar do magnata que veio se abastecer de pedra. A figura do rapaz alto, dos olhos claros e sobrancelhas grossas, não combina com aquele lugar. A cena surreal parece ser ensaiada para compor um longa-metragem satírico com a marca do espanhol Pedro Almodóvar. Mocinho indefeso, com cara de bobo perdido, cercado por mulheres com roupas multicoloridas e barulhentas ao lado de rapazes magros, a antítese do bandido forte, musculoso. Contrastes de todos os lados.

No começo, não descia do carro. Nas primeiras vezes, por exemplo, deixava o carro na garagem e ia de táxi. Tinha se assustado com o cenário e não esquecia os comentários sobre marginais e violência feitos pelo amigo. Depois de três meses de consumo diário de pedras, fechou os olhos para o perigo. Estaciona o carro sem preocupações. Qualquer problema, a companhia de seguros paga, o pai paga. Tenta despistar os meninos que antes compravam pedras para ele nos hotéis e bares da região. Não precisa mais de guia no quadrilátero dominado pela droga. Conhece quem vende e negocia o preço na hora. Paga com dinheiro. Os intermediários não se conformam de ter perdido um bom cliente em tão pouco tempo. "No começo esses bacanas passam de carro, bem devagar, falam quantas pedras querem e dão a volta no quarteirão. Quando passam de novo, diminuem mais a velocidade, entregam o dinheiro, conferem o número de pedras e dão a gorjeta, em pedra", explica Márcio Xavier Barbosa da Silva, de 18 anos, que faz questão de falar o nome completo para evitar que o apresentem como Marica, apelido que ganhou na rua por causa de seus trejeitos e voz fina. "Né, não, bacana.

Quando você veio aqui sozinho com seu carro pela primeira vez não foi assim que você fez?", pergunta a Giovanni. A resposta é seca: "Foi".

Agora é diferente. Giovanni liga do telefone celular para um traficante da região, conhecido por Pedrinho, referência às minúsculas pedras de pasta-base que costuma vender, e faz a encomenda. Costuma passar duas vezes por semana na cracolândia, como ficou conhecido o reduto de venda de crack das ruas Guaianazes, Triunfo, Vitória e trechos das avenidas Cásper Libero, Duque de Caxias e Ipiranga. No local, só crack. Nada de maconha ou cocaína em pó. O crack é a única droga que conseguiu demarcar território em São Paulo. Outros dois lugares conhecidos no Centro dividem a fama de exclusividade de crack: ou predominância da droga, caso de Santa Cecília e Baixada do Glicério. Mendigos e meninos de rua ocupavam as ruas desses locais quando o crack chegou. Foram fígados pelas pedras e, a partir deste momento, passaram a ser seus anfitriões. A operação de compra de pedras dura 20 minutos. Giovanni caminha rapidamente pela calçada, pilhada de lixo, e entra na rua do Triunfo. Mais alguns passos, chega a um hotel. Sobe as escadas estreitas, passa por um corredor escuro e com cheiro forte de urina. Bate na porta de um quarto e entra.

O nível do hotel pode ser medido pela taxa cobrada por uma noite: R\$ 10,00, o preço de uma pedra de crack, para descansar o corpo num beliche com colchão sujo e rasgado, sem direito a lençol ou cobertor. O quarto tem banheiro entupido e lixo nos quatro cantos. Mesmo assim, a procura pelo lugar é grande. Na maioria das vezes, a produção de crack é feita nos quartos desses pequenos hotéis, espeluncas, pardieiros. A fabricação de pedras também acontece em hotéis e bares da rua dos Andradas, rua General Osório, avenida Cásper Libero, em toda a região, visitada com frequência pela polícia. As pedras feitas a partir da cocaína pura dominam a região, mas estão em alta as pedras misturadas, vendidas especialmente para mendigos e meninos de rua. São chamadas de "crack preto", onde são adicionadas à cocaína em pó e ao bicarbonato de sódio, doses de creolina e pólvora misturada com vodca ou gim. O resultado é uma bomba.

A inalação da creolina, por exemplo, lesa o tecido pulmonar e seu uso prolongado causa enfisema pulmonar. A pólvora contém 90% de nitrato de potássio e quando ingerido provoca sensações semelhantes às do ópio ou heroína: estímulo cerebral seguido de forte depressão. O nitrato de potássio impede que a hemoglobina transporte oxigênio para o sangue, o que provoca na pessoa a sensação de alienação. É o efeito do crack normal elevado à décima potência. As misturas começaram a ser feitas pelos traficantes para economizar o volume de cocaína em pó e pasta-base. Com R\$ 7,00 é possível comprar um "crack preto", enquanto uma pedra feita pelo processo normal custa mais R\$ 3,00.

Giovanni sai do quarto de Pedrinho meio desconcertado. Na mochila, esconde o pacote com 20 pedras de crack — sem misturas. Inicia o caminho de volta. Passa novamente na porta dos bares. Agora com passos mais largos, quase correndo. Todos entenderam. O bacana está

abastecido. Dá uma pedra para cada um dos seus ex-guias, que o aguardam encostados no Mitsubishi. Antes de entrar no carro, pega o cachimbo — comprado em Amsterdã — e fuma duas pedras na rua mesmo, sem se preocupar com nada. É acompanhado pelos meninos. Giovanni se transforma. Começa a andar atabalhado de um lado para outro, as pupilas dilatam e os olhos viram quando traga a fumaça. Discute com uma moça maltrapilha que insiste em pipar em seu cachimbo. Outros dez minutos no local. Quando braços e pernas começam a tremer, se encosta na porta de aço de uma oficina de mobiletes. Fica inerte por alguns minutos. Meio tonto, entra no carro e acelera.

A cabeça parece que vai explodir. O cérebro lateja. Cruza a avenida São João, sobe a avenida Angélica e chega a seu apartamento, num prédio antigo e suntuoso da rua Maranhão, em Higienópolis, mesma rua onde fica o apartamento do presidente Fernando Henrique Cardoso. Giovanni tem poder e está próximo dele. Pai, mãe e irmãs dormem. Ele fecha a porta do seu quarto e se tranca no banheiro, onde pipa outras cinco pedras seguidas. "Me encontro quando estou aqui, sozinho. Não consigo pensar em nada e penso em tudo ao mesmo tempo. É engraçado. Quando termino de fumar, me arrependo, chego a chorar, mas isso logo passa e volto a ter vontade de fumar cada vez mais", confessa. Em 1994, ficou três meses internado numa clínica para se livrar do vício da cocaína injetável — back, na gíria dos traficantes. O tratamento saiu por R\$36 mil — R\$ 400,00 a diária. Seguiu as recomendações médicas à risca. Presenciou cenas de desespero do pai, da mãe e das irmãs. Prometeu mudar, trabalhar com o pai e continuar os estudos.

A promessa se manteve até desaparecerem as marcas esverdeadas em seu braço, símbolo do desespero para encontrar uma veia em condições de ser a porta de entrada para a cocaína em seu organismo. Injetava cocaína na veia com amigos em rodadas de conversas nas belas praias do Litoral Norte, onde sua família tem casa. Após sair da clínica, ficou dois meses distante das drogas. "Mas a vontade bateu de novo. Esqueci a promessa, terminei o namoro e descobri o crack", conta. Ele não queria mais o ritual da seringa, sangue e o risco de pegar Aids. Queria droga, mas algo mais seguro. Até que foi apresentado às pedras. "Peguei na mão e quis saber qual era o barato. Tinha ouvido falar da cocaína fumada. Não deu outra. Pensei, é essa. Vou ficar com essa para não correr riscos", lembra.

A família já notou as mudanças de comportamento do filho mais velho. Come e dorme pouco e está sempre irritado, assustado. Sai de casa e não diz se vai para a praia com amigos ou se está com alguma namoradinha. Já chegou a ficar dois dias longe de casa. Como era um fim de semana, deu a desculpa de viagem para Campos do Jordão. Na verdade, ficou na casa de um amigo fumando pedra. Em casa, fica trancado no banheiro, onde passa a maior parte do tempo. "Penso em parar com isso, mas não consigo. Por mais que eu queira, é difícil não gostar da sensação de prazer que o crack dá. Chega a ser tão bom quanto transar", garante. Ele ainda não precisou roubar, vender roupa ou o computador último modelo para sustentar o vício. Ganha

US\$ 1,5 mil de mesada para comprar roupas e custear as saídas, viagens e pagar o combustível do carro importado. A mesada havia sido cortada quando os pais se certificaram do seu envolvimento com a cocaína. O dinheiro voltou a ser depositado em sua conta quando prometeu mudar.

Por dia, fuma dez pedras. Em três meses, são quase mil. Na faculdade, começou empolgado, mas agora já não tem disposição para as aulas teóricas do primeiro ano. Às vezes entra na sala. Os pais estão confiantes que o filho está se dedicando às estratégias de administração. "Estou meio desanimado com essa rotina. Não sinto que estou me prejudicando. Só não quero que meus pais descubram que reatei com a cocaína", comenta. Tem sempre uma desculpa para justificar atrasos em compromissos familiares ou para dormir fora de casa. A mais nova foi a invenção de um namoro com uma moça de pais recatados e sérios. Mentira. Moça é como ele chama a cocaína fumada. Giovanni foi fisgado pelo crack com quem mantém um relacionamento turbulento e sem data para terminar.

FUMAÇA NA SALA DE ESPERA

O efeito do crack na classe média pode ser sentido pelo movimento nos consultórios de psicólogos e psiquiatras. A partir de 1992, as salas de espera desses profissionais começaram a ser visitadas por famílias de viciados que dispõem de dinheiro para pagar as salgadas consultas e tratamentos. Pessoas com perfil muito diferente daqueles da periferia, os primeiros fisgados pelo crack. O psicólogo Ruy de Mathis, que dá assistência às boas e renomadas escolas de São Paulo, atende por mês 5 a 6 pacientes novos com esse perfil. A maioria homens, entre 13 e 25 anos, que representam hoje 20% do número de consultas. Jovens acompanhados de seus pais, namoradas e amigos. Na sala fechada, relatos de desespero por flagrar o filho fumando crack no quarto ou por vê-lo sair de casa na direção de favelas para ficar mais perto das pedras. A droga pode ser encontrada com facilidade e já chegou ao ambiente que esses jovens frequentam. Em outras palavras, transformou os Jardins floridos, das cores e do luxo aparente em Jardins de Fumaça ou Jardins de Pedra. Giovanni não está sozinho.

O que mais surpreende Ruy de Mathis é o fato de a grande maioria desses jovens viver numa família aparentemente estruturada, com diálogo, compreensão, jogo aberto, o que derruba a tese de que um problema dessa ordem pode acometer apenas famílias desestruturadas, disfuncionais, seguras apenas por um fio moral. "Minha experiência em consultório demonstra exatamente o contrário", afirma. Seus pacientes frequentam boas escolas, viajam com frequência para o exterior e moram em espaçosas casas ou apartamentos. Entre os jovens de classe média, o comum é comprar pedras em favelas. "Eles acham mais seguro, pois imaginam

que no alto dos prédios da rua Guaianazes, por exemplo, estará uma câmera de alguma televisão ou um fotógrafo. Isso queima o filme, como eles falam", explica.

Um outro detalhe, não é comum flagrar cenas como a de Giovanni fumando numa esquina. Mais seguro fumar em casa ou no carro durante passeios noturnos intermináveis pelas marginais do Tietê e Pinheiros. Mathis atendeu o primeiro caso de jovem de classe média em seu consultório em 1992, logo após voltar de um curso sobre drogas na University of Califórnia San Francisco, nos Estados Unidos. Aproveitou a viagem para conhecer o Harlem e o Bronx, reduto do crack em Nova York. Se assustou com as cenas de viciados nas esquinas e trouxe na mala o alerta de especialistas americanos: o crack vai se multiplicar em São Paulo. Ao voltar para o consultório, começou a rotina de atendimentos. Hoje, com uma média de 60 novos casos por ano, consegue traçar um perfil desses jovens.

O adolescente, não necessariamente só o de classe média, costuma verbalizar as novas sensações que está experimentando. Ao fazer isso, se sente diferente e, muitas vezes sem querer, influencia os amigos, impulsiona os outros da turma a buscar essa mesma sensação. Começam no crack seduzidos pela novidade, curiosidade e imaginam que conseguem parar a qualquer instante. Por outro lado, os jovens de classe média vivem o dilema de se distinguir a todo instante do jovem pobre. Fazem isso com roupas de marca, tênis importados e perfumes caros. Ao mesmo tempo, sonham em se aproximar das camadas mais altas, os verdadeiramente ricos. Resultado: ficam no meio, ensanduichados. Normalmente, procuram fumar crack em locais protegidos, como o quarto ou o banheiro de casa. Muitas vezes, já saem de casa turbinados. Preferem comprar crack em favelas. Acham que chama menos atenção. Costumam fumar entre o meio da tarde e início da noite, durante as atividades extracurriculares, como inglês, academia. Essas atividades paralelas muitas vezes facilitam a vida de um viciado. Servem de álibi. Podem faltar ou nem ir que o custo disso será pequeno.

Nem sempre a família erra. Cansei de atender famílias organizadas, estruturadas. Nestes casos, a culpa fica dissipada. O crack, como qualquer outra droga, exerce um fascínio muito grande sobre os jovens. E visto como um desafio. O crack não é visto por eles como uma droga perigosa. Perigo, na cabeça deles, está na heroína, nas anfetaminas e na cocaína injetável. A fumaça do crack se mistura aos gases poluídos da cidade e some. Não deixa rastros. Pensam assim. Por causa das inúmeras misturas na composição das pedras, antes os jovens fumavam menos pedras e ficavam em estado crítico em pouco tempo. Hoje, eles fumam mais e adoecem por causa da droga um pouco mais tarde. O medo nesta história está restrito ao fato de ser roubado ou morto ao sair do ponto de venda, a bocada. A mesma apreensão vivida por aquela pessoa que sai de um caixa eletrônico.

No caso das meninas, poucas se arriscam a comprar crack nas favelas. Os aviões fazem a entrega na porta de clubes ou das escolas. Recebem tratamento diferenciado. Na escola, os

craqueiros são estigmatizados. Quando se aproximam, escutam o coro "os ratinhos chegaram", referência aos tremores dos ratos em laboratórios de pesquisas. Todos tremem, ficam inquietos, como os ratos de laboratório mesmo. Mas esse grupo impõe respeito pelo medo. Afinal, normalmente são arredios e têm contatos com marginais. Por um momento, parecia loucura associar crack e classe média. Infelizmente, não é uma paranóia social. A droga chegou mesmo e faz grandes estragos.

O crescimento do consumo de crack entre jovens abastados pode ser recente, mas é avassalador. O psiquiatra Rubens de Campos Filho conta que até o final de 1994 de cada 100 pacientes apenas cinco ou seis eram usuários de crack. Em menos de dois anos, de cada grupo de 100 pessoas que o procuram, cerca de 70 fumam pedras. "Muitos desses jovens começaram cedo nas drogas. Não estão vivendo a adolescência. É preciso, primeiro, resgatar essa pessoa, fazer com que se goste para tentar reverter o quadro", explica.

Por mês, Campos Filho atende 400 pessoas com os mais diversos distúrbios, como depressão, estresse e fadiga. Problemas com as representam um terço do movimento do seu consultório, 70% fumam crack, todos da classe média e alta. "Não adianta o psiquiatra querer ajudar se essa pessoa não se dá qualidade de vida. O desafio é fazer com que ela perceba a importância disso. Assim, o trabalho fica mais fácil", acredita. Na frente do elegante consultório, no Brooklin, na Zona Sul da cidade, carros importados com motoristas e senhoras bem-vestidas, acompanhadas de seus filhos com roupas da moda. "O mais difícil é aparecerem aqui famílias desestruturadas. O comum é aquele casal integrado, mas que ainda não encontrou o caminho para falar abertamente sobre sexo ou drogas", comenta.

Como o crack chegou à classe média entra no mesmo rol de mistério de quem atirou a primeira pedra da droga na cidade. Quem foi o primeiro a experimentar? Não se sabe. Uma coisa é certa. O crack jamais será rotulado como droga da classe média. Ela fisga seus "representantes". Fato comprovado. Se for fisgado pela fumaça deixará, em pouco tempo, seus códigos sociais de lado em nome da pedra. Quando isso acontece, o viciado deixa de pertencer a essa classe diferenciada e ingressa imediatamente na "classe social do crack pelo crack, da droga pela droga", com códigos e valores diferentes. O crack tem o poder de "pipar" a classe social de uma pessoa. Nas esquinas, jovens de famílias endinheiradas e daqueles habituados com a pobreza e alimentação precária, dividem na mesma calçada a ansiedade pela próxima pedra. As roupas, a perturbação os tornam iguais, embora sejam de origens distintas. O crack consegue desestruturar e, ao mesmo tempo, criar um amontoado de zumbis "desclassificados" que seguem à risca as regras ditadas pelos cachimbos e fumaça. Quando um integrante de família de classe média chega a esse ponto não pode mais ser identificado como de classe média. O que pode diferenciá-lo é a mesada. Quando ela é cortada e a rua passa a fazer o papel de casa, sua classe social ficou de vez no passado. Essa é a verdade.

Os motivos para essa conquista podem ter respostas na curiosidade, pois o fator preço da droga não é convincente. Um jovem de classe média e alta que ganha mesada ou trabalha e não precisa ficar barganhando preço de droga com traficante. Compra o quanto quiser. "Os pacientes falam em curiosidade, novidade e vontade de experimentar sensações diferentes, além do risco zero de contrair uma doença grave, como a Aids. Acabam se esquecendo das outras doenças decorrentes do uso prolongado", afirma Campos Filho. Ele e 20 sócios, entre psicólogos, terapeutas e assistentes sociais, coordenam há dez anos em São Paulo os trabalhos no Centro de Estudos Karl Kleist, também no Brooklin, entidade de orientação a viciados em drogas. Entre 200 e 300 pessoas passam pelo centro, 30% por causa de crack.

O grupo faz palestras e leva peças de teatro sobre o tema para escolas de nível A de São Paulo. Tudo com a intenção de fazer com que os jovens falem abertamente sobre o assunto. Muitas vezes precisam conter os alunos mais exaltados e francos de colégios tradicionais, que expõem suas experiências e assustam tanto as como professores. "Cada escola tem um perfil diferente e adaptamos a forma do nosso trabalho a essa realidade, mas nunca iludamos o conteúdo", explica o psiquiatra. O normal é o jovem de classe média negar o uso do crack. O motivo está no estigma das pedras, sempre associadas às pessoas de baixa renda, pobres. Bastam dez minutos de conversa para o profissional desmascarar o tímido consumidor de pedras. Alessandro, de 17 anos, filho de um advogado conceituado na área tributária, é o caso típico.

Após ser flagrado pelo pai fumando crack no banheiro, foi com ele até um psiquiatra amigo da família. Pediu para entrar sozinho. O pai concordou. Foi logo falando de suas dificuldades com a maconha e cocaína, mas em nenhum momento disse que o crack era o motivo da visita. Em dez minutos de conversa, Alessandro estava dando detalhes ao psiquiatra do local onde comprava as pedras. "Dá vergonha, pois é uma droga muito ligada à marginalidade. Como não sou, mas estou no meio disso, procuro me preservar mentindo", explica. O psiquiatra perguntou sobre as reações, o que sentia depois e pediu para ver seus dedos, manchados. Em seguida, atirou: tudo bem, seu problema é com cocaína mesmo, acredito no que você está falando, mas é a cocaína fumada, o crack. Pálido, o rapaz balançou a cabeça e concordou que o pai entrasse na sala para participar da conversa. Alessandro fumou durante dois meses. Conheceu a droga durante uma festa na casa de um amigo no Morumbi, outro bairro nobre da Zona Sul. Todos fumavam e viviam falando dos efeitos, reações. "Fiquei curioso e aceitei experimentar, pois não estava encontrando mais pó onde costumava comprar", conta. Por imposição do pai, Alessandro foi transferido no início de 1996 para uma outra escola, onde um amigo da família é o diretor. A idéia era afastá-lo dos antigos amigos. O telefone foi mudado e Alessandro é monitorado dia a dia pela mãe, por um tio e pelo diretor da escola. Uma pressão que parece estar surtindo efeito. "Sinto que sem isso já teria voltado para o crack, pois nessa

nova escola já sei quem fuma e onde comprar pedra", confessa. Nos finais de semana, a família sai de São Paulo para evitar que ele encontre a antiga turma.

O primeiro sinal significativo de que a classe média estava envolvida com crack foi dado em outubro de 1995 com a morte de Cristiane Gaidies, uma moça de 20 anos, filha de uma psicóloga e um dentista. Ela e um amigo tentavam roubar um toca-fitas de um carro estacionado na rua Frei Caneca, na região central, quando disparou o alarme do carro. Do 12º andar de um prédio em frente ao local onde o Fiat Tipo estava estacionado, o comerciante Ronaldo de Lima atirou seis vezes na direção dos ladrões com sua pistola 7.65. O rapaz escapou. Cristiane foi atingida nas costas e morreu. Ela estava envolvida com cocaína e crack havia quatro anos. A família tentou de tudo — diálogo, internações, mudança de bairro —, mas ela sempre saía de casa e ficava semanas, meses sem aparecer.

Antes de ser assassinada, a moça de cabelos cor de mel, olhos expressivos e sorriso claro morava com outros viciados em crack num casarão abandonado na mesma rua onde morreu. No local, uma sacola de plástico com duas camisetas e uma calça. O casarão, sujo e úmido, é a referência de crack nas imediações da avenida Paulista e abriga mendigos, prostitutas, travestis e viciados. Para comprar crack, Cristiane entrou na criminalidade. Havia sido presa três vezes em flagrante, roubando e furtando toca-fitas. Estava condenada, em dois processos, a quatro anos e quatro meses de prisão. O terceiro processo ainda estava em andamento quando foi assassinada. Na confortável casa de sua mãe — os pais são separados —, No Butantã, na Zona Oeste de São Paulo, ficavam seus brinquedos, e uma agenda escrita em código para que só uma amiga, que mudou para a Itália, pudesse entender. Em caixas, fotografias da infância, lembranças de viagens, bilhetes e juras de amor. Nenhuma referência ao crack.

No quarto, o ursinho de pelúcia com que dormia abraçada quando estava em casa permanecia à sua espera em cima da cama. Sempre comentava com os irmãos — quatro — o seu sonho de viver na Itália. Dominava a língua. Na sala, discos do grupo Legião Urbana, seu preferido, e muitos discos italianos. "Foi da maconha ao crack". comenta Marli Gaidies, a mãe, que cansou de sair de carro à noite para procurar a filha pelas ruas do Centro. No começo, ficava com viciados em crack em Santa Cecília, onde a família morava, depois passou a frequentar as rodadas de crack da rua Frei Caneca. Em 1994, seu namorado, um traficante, havia sido assassinado. Cristiane ligava, de tempo em tempo, para casa. "Mãe, não quero mais essa vida", dizia. "A gente falava que ia buscá-la, mas ela não dizia onde estava", lembra o irmão Eduardo Gaidies. Não era raro Cristiane pegar objetos em casa para vender. Relógios, roupas, *walkman* eram transformados em fumaça. A família culpa os amigos. "Ela se deixou envolver e perdemos esta batalha", desabafa a mãe, que vive o dilema de, como psicóloga, não ter conseguido entender o que se passava na cabeça da sua única filha.

A partir desse caso, que ganhou as páginas dos principais jornais, as pessoas passaram a discutir a questão do crack na classe média. Um choque para os que acreditavam que a droga estava ilhada nos bolsões de pobreza da cidade. O Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (Proad), órgão criado há dez anos e mantido pela Universidade Federal de São Paulo, é uma referência na cidade para jovens viciados que, muitas vezes, estão a um passo de entrar na criminalidade por causa das drogas. A média é de 21 pacientes novos por mês, 252 por ano, 70% com envolvimento com o crack. Os casos de crack começaram a aparecer em 1990, quando 20% das pessoas atendidas estavam envolvidas com a droga. Esse número dobrou no ano seguinte. Já em 1992, metade das consultas eram por causa do crack. O perfil é semelhante ao dos consultórios particulares. Maioria homens — 89% — com idade entre 13 e 23 anos.

No começo, quem procurava o serviço de orientação morava na periferia da cidade. A partir de 1993, jovens de classe média também passaram a ser atendidos pelo grupo de 30 pessoas, entre psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais. Hoje, esses jovens bem-vestidos representam 60% dos atendimentos no programa. A procura pelo serviço é tão grande que em 1993 o Proad criou o Grupo de Acolhimento para evitar que os viciados, cansados da espera, fossem embora. Em grupo de 20 pessoas, se reúnem diariamente para falar sobre as dificuldades de largar as drogas antes de serem encaminhados para a triagem, o que pode demorar dois meses. "Percebemos que com essa dinâmica, muitos param de se drogar e continuam freqüentando o grupo para ter o atendimento individualizado", afirma o psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, fundador do Proad.

Um caso de crack no programa é sempre visto como urgência. Essa pessoa passa rapidamente pelo Grupo de Acolhimento e segue para a triagem quando é feita avaliação diagnóstica de personalidade, estado mental e padrão de uso da droga por meio de entrevistas e testes. Dependendo do caso, o viciado em crack pode ser encaminhado para terapia em grupo, individual, ocupacional ou familiar, além dos exercícios com teatro, expressão corporal e artes plásticas. Os casos mais graves são tratados com atendimento clínico, onde são receitados antidepressivos, como a imipramina, que diminui a vontade de se drogar — fissura — sem causar dependência ou efeitos colaterais.

Um tratamento no Proad pode durar de três meses a dois anos. Em seu consultório, os casos de crack começaram a aparecer por volta de 1992. Xavier da Silveira atende cinco casos novos por semana. 20 por mês. Deste total, 40% viciados em pedras. As reações dos pacientes são interessantes. Muitos que cheiram cocaína emitem conceitos fechados sobre o crack: "Deus me livre! O crack é muito degradante" ou "O nível de escravidão é muito grande e não quero isso". "Existe uma repulsa muito grande por esta droga, mas ela continua cada vez mais forte", avalia. Quando os efeitos do crack começaram a ser discutidos, profissionais ligados às pesquisas sobre Aids consideraram que a debandada, por exemplo, de viciados em drogas

injetáveis para a nova droga poderia diminuir o número de casos de contaminação pelo vírus da Aids.

O fundador do Proad, com base em entrevistas com pacientes da periferia e da classe média, chegou à conclusão de que existe sim uma relação estreita entre crack e Aids, apesar de as pedras serem um forte inibidor sexual. "Para conseguir a pedra chega um ponto que a pessoa passa a roubar e até a se prostituir. Com isso, ela fica exposta ao vírus da Aids embora não sinta desejo sexual. Acaba transando só para conseguir a pedra", explica. Essa sua tese, procedente, serviu de base para discussões no Congresso Mundial de Aids, no Canadá, em 1996. "Fiz isso uma vez, mas estava louca demais. Queria pedra de qualquer jeito e não tinha mais dinheiro. Tinha vendido tudo e não queria pegar nada de casa. Fiquei me insinuando para um rapaz só para conseguir dinheiro para a droga. Nem lembro se ele usou camisinha", confessa Juliana, uma moça de 24 anos, loira e alta, filha de um empresário e uma promotora de eventos. Ela visitou o Proad uma vez, mas decidiu nem se aproximar do Grupo de Acolhimento por não se considerar em estado crítico. Foi por curiosidade. Juliana garante estar sem fumar há dois meses.

ALUCINAÇÃO FEDERAL

Mesmo com sinais evidentes, os órgãos estaduais e federais ainda não foram comunicados oficialmente sobre o ingresso da classe média no crack. Luiz Matias Flach, presidente do Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), órgão ligado ao Ministério da Justiça, tem um panorama do poder do crack em São Paulo formado por meio de conversas regulares com especialistas no assunto. Sabe da migração de pessoas de classe média aos consultórios e aos programas de orientação a dependentes, mas oficialmente não sabe de nada. "Ainda não temos documentos sobre essa nova realidade. Nos relatórios de atendimentos psiquiátricos não aparece esse quadro", comenta. Para o governo federal, crack é um problema típico de São Paulo e que atinge uma população miserável. No entanto, a radiografia do crack na cidade é bem diferente. Flach acredita que essa carência de informações se deve ao fato de a classe média procurar consultórios e institutos particulares. Os psiquiatras, em nome do sigilo, não repassam informações para as secretarias de saúde, que informam o governo federal. Para os psiquiatras, o sigilo médico está acima das estatísticas governamentais. Com isso, a marca do crack como a "droga de pobres" deve persistir por mais tempo.

Em 1994, a Organização Mundial de Saúde (OMS) encomendou a pesquisadores brasileiros uma radiografia sobre o consumo de cocaína e seus derivados no país. O resultado apontou o avanço do crack em direção à classe média paulistana. É o primeiro documento que atesta essa mudança de perfil do usuário de pedra. A investigação internacional, patrocinada

pelo Instituto Inter-regional das Nações Unidas de Pesquisas sobre Crime e Justiça, foi feita simultaneamente em outros 24 países, como Bolívia, Canadá, Colômbia, Equador, México e Itália. A escolha dos países seguiu o critério da disponibilidade de cocaína, produção e rota de tráfico. O Brasil foi escolhido com o argumento de que despontava como produtor da droga, visão míope de especialistas internacionais em drogas. Os técnicos da OMS suspeitavam do grande consumo de cocaína injetável no país, o que acabou não se confirmando. São Paulo e Rio de Janeiro foram as cidades escolhidas. O Rio por causa do tráfico organizado e São Paulo por seu tamanho e importância na economia brasileira. A inclusão do crack na investigação internacional foi sugestão brasileira.

O projeto foi desenvolvido pela psicobiologista Solange Nappo, do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), ligado à Universidade Federal de São Paulo, antiga Escola Paulista de Medicina (EPM). A idéia era traçar um perfil do viciado em cocaína e seus derivados. O relatório final da OMS apontou aumento do uso de crack em dois países: Brasil e Nigéria. A conclusão do trabalho: "Uso do crack em São Paulo: fenômeno emergente?", sugere que as campanhas de prevenção desenvolvidas no estado, que em relação à cocaína têm focado apenas seu uso endovenoso, devem ser revistas "no sentido de que crack também seja abordado, descaracterizando esse uso aparentemente inofensivo". De prático, o documento não conseguiu muita coisa. Nenhuma campanha com esse enfoque foi feita pelo governo estadual ou federal, mas serviu para traçar um breve perfil do usuário de crack na cidade, divulgado internacionalmente.

Das 100 pessoas selecionadas pela equipe brasileira, 25 preencheram questionários divididos em 16 blocos e subtemas. As perguntas focavam o conhecimento prévio sobre o crack, o que sentiram na primeira vez, quando começaram a fumar e a disponibilidade da droga na cidade. Esse grupo de 25 pessoas foi formado por usuários e ex-usuários, mais da metade ainda envolvida com o crack e com menos de 20 anos. O critério era que o usuário tivesse usado crack, no mínimo, 25 vezes. A regra para os ex-usuários da pedra era que tivessem parado de consumir seis meses antes da entrevista. Cada pessoa ficava, em média, três horas com um especialista. Os que usavam a droga chegavam a ficar transtornados em falar tanto sobre a droga e por muito tempo, sem poder usá-la. "Muitos tinham reações que caracterizavam o estado de fissura, como sudorese, inquietação e aceleração do ritmo cardíaco", comenta Solange.

Para chegar a essas pessoas e poder ter representantes de todas as classes sociais no trabalho, os pesquisadores entraram em contato com profissionais de saúde, instrutores de meninos de rua, casas de ajuda a usuários de drogas e pessoas da noite, como seguranças e *barmen*. Do total de entrevistados, 28% eram de classe média e 16% tinham nível superior, completo ou incompleto. Todos afirmaram que experimentaram crack motivados pela curiosidade. Pelo estado de degradação física do grupo, a dificuldade estava em ter certeza de que aquela pessoa pertencia, de fato, à classe média. "Os viciados parecem pertencer a uma

mesma classe, sem distinção, com os mesmos valores de vida e grau de entrega total às pedras", comenta a pesquisadora. Para chegar à classe social real, além do bairro e profissão foram agregadas especificações de moradia, como a estrutura da casa dos pais ou do lugar onde morava. No começo, houve uma certa confusão. Procurava-se em São Paulo um grande número de viciados em cocaína injetável e, no Rio, os adeptos do crack. "Batemos um pouco a cabeça até perceber que a situação era contrária", lembra Solange Nappo, que acabou convencendo os técnicos internacionais da mudança. Ela ficou assustada com os depoimentos, as histórias e a presença da classe média na pesquisa. Pelas características da droga — ela tinha conhecimento da situação do crack nos Estados Unidos — imaginou que o assunto fosse ficar restrito à periferia da cidade. "Fui surpreendida com essa mudança e ampliação do perfil em São Paulo, afirma.

O desafio imposto pela OMS era encontrar usuários eventuais de crack. "É uma droga que impede este tipo de autocontrole. O crack desgraça vidas e transforma as pessoas em escravos do Vício", conclui. No estudo, o crack foi apresentado como uma das formas mais arrasadoras do uso da cocaína. "Se durante o trabalho de pesquisa, a classe média estava bem representada, hoje a situação deve ser ainda mais complicada. Os traficantes desenvolvem mecanismos de fazer com que a droga chegue aos locais frequentados por este público", comenta. Pelo relatório, ficou claro que o crack não é uma droga inicial. Normalmente, o usuário de crack passou antes pela cocaína inalada ou pela via endovenosa. O comum é ter iniciado com drogas fumando maconha. "A busca da euforia inicial produzida pelo crack torna-se tão dominante que sexo, nutrição, segurança, sobrevivência, dinheiro, passam a não ter mais valor com o passar do tempo" foi a conclusão do relatório final encaminhado no começo de 1995 para a Organização Mundial de Saúde (OMS).

O Brasil é membro efetivo da Comissão de Entorpecentes da ONU. O encontro da 39ª sessão aconteceu em 1996, em Viena, na Áustria, e avaliou a situação mundial da produção e tráfico de drogas ilícitas e a aplicação de programas de redução da demanda. O Brasil voltou a ser membro efetivo da comissão da ONU em 1995. Desde 1991, o país era membro observador das reuniões. Retornou a ter efetividade porque o problema das drogas está entre as prioridades do governo Fernando Henrique Cardoso. A representação brasileira foi feita pelo Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), abastecido por informações da Polícia Federal e Ministério da Saúde. Por falta de dados concretos — números —, a questão de crack não foi colocada em pauta.

Enquanto os órgãos oficiais se debatem com a questão, jovens de classe média encontram novos lugares para comprar crack. Além do tradicional ponto das mas Guaianazes, Triunfo, Vitória e nos bairros de Santa Cecília e Baixada do Glicério, as pedras podem ser compradas com facilidade nas ruas tranqüilas da Vila Mariana, Perdizes, Pompéia, Vila Madalena, Pinheiros e Lapa, redutos da classe média de São Paulo.

"DISK CRACK"

Emanuel, de 21 anos, se abastece de crack de uma maneira prática. Liga para a casa de um traficante na Vila Mariana, bairro da Zona Sul, onde mora, e faz a encomenda. Em menos de 20 minutos, uma pessoa bate em seu apartamento e entrega um embrulho com a quantidade pedida. O "serviço" começou em 1995 e foi criado pelo traficante, a princípio, para atender à clientela de amigos. Aos poucos, as pessoas deixaram de ir à sua casa e passaram a fazer as encomendas *by phone*. Emanuel brinca que é mais um *serviço fast-food* da cidade, o Disk Crack, que funciona 24 horas. Uma outra maneira de encomendar pedras é por meio do bip do traficante, com mensagens cifradas, do tipo: "P 20/17 Hoje". Tradução: Entregar hoje vinte pedras de crack para o cliente número 17.

O telefone não é revelado. O viciado pode sofrer represálias se divulgar o número. "O traficante avalia o potencial da pessoa. Verifica quantas pedras compra por semana e só depois é que ele entrega um cartão com o número do telefone ou bip. O serviço é restrito aos fiéis amigos do traficante. Os compradores eventuais ficam de fora", detalha Emanuel, viciado em pedras há cinco meses. Neste período, abandonou o emprego numa empresa estatal e trancou a matrícula num curso da Escola Pan-Americana de Arte, onde foi apresentado ao crack. "Esse serviço de entrega é uma maravilha. Quando estou na fissura, nem preciso me preocupar com sol ou chuva. Pego o telefone e falo quantas quero. Em pouco tempo estou abastecido", comenta. As pedras são entregues em caixinhas pequenas, do tamanho de uma fita cassete, embrulhadas com papel branco ou colorido para dar a impressão de brinde de alguma loja. "Ninguém desconfia", garante. O serviço de entrega a domicílio de crack atende também os viciados de Pinheiros e Vila Madalena, este último com a fama do mais "alternativo" dos bairros da Zona Oeste de São Paulo.

Freqüentadores dos Jardins também podem ser vistos com seus carros possantes nas laterais do Mercado da Lapa, onde o crack passou a ser vendido em 1995. O mesmo acontece nas imediações da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (Ceagesp), na Vila Leopoldina, na Zona Oeste. No meio de flores, frutas e cereais é possível adquirir crack, ou visitando uma pequena favela na lateral da Ceagesp. "Aqui tem menos violência que naquelas ruas do Centro. É mais seguro. Os passadores ficam no meio dos trabalhadores e das pessoas que vêm aqui comprar. Me sinto mais seguro aqui", conta Wagner, programador de sistemas de 24 anos, que se diverte com os amigos nos Jardins e se abastece de pedra nos galpões da Ceagesp. "Passo por aqui pelo menos duas vezes por semana. Aproveito e levo alguma coisa para casa só para disfarçar", confessa. Ele fuma crack há seis meses. Antes, cheirava cocaína.

Além da família, os amigos sofrem com o envolvimento de uma pessoa com o crack. No caso de um jovem de classe média, acostumado a participar de excursões, viagens em grupo, o efeito do crack cai como uma bomba na cabeça dos que observam de perto a mudança de comportamento de um membro do grupo. Tatiana, de 16 anos, estuda num dos colégios mais tradicionais de São Paulo, onde estudaram políticos influentes e empresários bem-sucedidos. Em um ano, dois de seus melhores amigos se perderam no meio do crack. Um influenciou o outro. Rodrigo e Fernando, ambos com 17 anos, pararam de estudar. As famílias se conheciam e decidiram se unir para tentar recuperá-los. Pai, mãe, tios, não querem falar sobre o assunto. Mandam um recado: "Estamos chocados com tudo isso. Fomos pegos de surpresa. Não pensei que isso pudesse acontecer conosco. No momento, não temos condições de falar. Um pouco de vergonha assola nossa rotina, não podemos negar. Eles sairão dessa, tenho certeza. Desculpe a maneira que encontramos para falar alguma coisa sobre esse pesadelo. Queremos nos preservar". O bilhete, assinado pela tia de Rodrigo, a médica Mary Ingrid, foi entregue a Tatiana, que acompanhou de perto a mudança feita pelo crack na vida dos dois amigos.

Eles sempre foram meio avançadinhos. Nas discussões em sala de aula sobre drogas eles se destacavam. Eram a favor da liberação da maconha e também da cocaína. Defendiam a tese com mão-de-ferro de que cada pessoa era responsável por seus atos e o estado não deveria interferir. Um discurso frágil, mas eles acreditavam nisso. Sempre soube que eles e outros amigos fumavam maconha. Uma vez, durante uma exposição de arte na escola, ficaram num canto fumando e cheirando cocaína. Fiquei superbrava. Poxa, se querem fazer isso, tudo bem, mas não assim, às três horas da tarde e com um monte de gente em volta.

Mas nunca pensei que fossem se envolver com crack, uma droga macabra, cruel. As pedras estavam sempre associadas a pobres, marginais da periferia. Em nenhum momento passou pela minha cabeça que alguém do meu círculo de amizade pudesse se envolver com isso. Afinal, ninguém era pobre, morava na periferia ou era marginal. Rodrigo foi o primeiro. Foi comprar cocaína em pó numa favela e só encontrou crack. Experimentou e depois levou o Fernando nessa. Os dois só andavam juntos. O pior de tudo é que os pais nunca desconfiam de nada. Até o dia em que Fernando passou mal no banheiro e a mãe descobriu tudo.

Os dois já não freqüentavam mais as aulas. Mentiam direto para os pais. Emagreceram muito e ficavam tremendo o tempo inteiro. Hoje, estão internados numa clínica, mas confessaram que sentem muita falta das viagens alucinantes que faziam com o crack. Não sei se vão largar. Nunca pensei que essa droga pudesse fazer tão mal, pudesse estar presente, de uma maneira ou de outra, na minha vida. Meus amigos não conseguiram parar. Tentei falar com eles, mas não teve jeito. Queriam sempre mais e mais. Espero que consigam sair dessa, mas acho difícil. O pior é que outros conhecidos meus também estão se envolvendo com essa droga.

Não sei o que passa na cabeça deles. Estão caminhando para a morte. É duro falar assim, mas num caso como esse é preciso ser franca, sincera, sem fantasiar situações.

A família do estudante de engenharia, Cleber Santiago, de 21 anos, também passa pela mesma situação. O rapaz introvertido e tímido ficou desinibido depois que passou no vestibular. Seus amigos de curso, todos muito festivos, o consideravam o mais animado de todos, uma surpresa para os pais, um engenheiro elétrico e uma nutricionista que sempre viram o filho único como um "poço de timidez". O filho tinha mudado muito, a princípio, para melhor. Arrumou uma namorada e passou a viajar sozinho. Na adolescência, Cleber chegou a fumar maconha com os primos na casa da avó. "Pensei que essa fase da curiosidade tivesse passado", lamenta Bernadete, a mãe. Cleber e os amigos de curso começaram a usar cocaína na época de provas. No seu grupo de estudo, todos fumavam maconha e cheiravam regularmente. Os trabalhos da faculdade eram feitos em sua casa, na Chácara Flora, bairro arborizado da Zona Sul onde costumam morar executivos estrangeiros de multinacionais. A passagem da cocaína para o crack foi um pulo.

Em fevereiro de 1996, seu pai, Norberto, o encontrou caído na cama, tremendo. Às pressas, levou o filho a um pronto-socorro onde chegou com respiração falha, batimento cardíaco acelerado e queda de pressão. O médico diagnosticou início de *overdose* por cocaína. O filho havia misturado uísque e altas doses da droga. Pouco tempo depois, foi informado pelo médico que a droga era o crack. Os pais internaram Cleber numa clínica no interior de São Paulo, mas ele não conseguiu parar. Fica dias longe de casa e já vendeu o carro — Peugeot 305 — que ganhou do pai quando foi aprovado no vestibular. O dinheiro foi aplicado em pedras.

O coração de um pai fica apertado, apertado quando passa por uma situação desse tipo. Nunca, mas nunca mesmo pensei que meu único filho fosse cair numa história dessa. Quando ele fumou maconha na casa da avó e nós descobrimos, pensei que fosse coisa normal de moleque, uma aventura da idade. Tinha 15 anos. Ele sempre foi muito estudioso e quieto. Quando entrou na faculdade, fizemos festa, ganhou um carro. Cleber tinha mudado muito. Estava falante, com namorada firme, interessado no curso. Não sabia que seus amigos cheiravam cocaína. Não sei o que aconteceu com ele. Acho que não conhecia meu filho. O certo é que se deixou levar pelo crack, que fumava há três meses até aquele dia em que o encontrei passando mal na cama. Foi um choque. Meu mundo desmoronou.

A mãe dele adoeceu. Nem sei como ainda tenho cabeça para trabalhar Preciso ficar aqui, de pé, firme e forte para ampará-lo quando for necessário. Tentei de tudo. Psicólogo, internação, mas parece que optou por esse caminho. Fico me perguntando onde errei. Era orgulhoso de ver meu filho seguindo a carreira que abracei. O pesadelo pode ser que passe, mas já deixou marcas profundas, muito profundas. Uma droga marginal está matando pessoas.

Nunca pensei que essa droga devastadora fosse chegar perto da minha casa, um bairro diferenciado, com pessoas de nível. Acho que por muito tempo fechei meus olhos para o que acontecia depois do meu portão de aço. Aprendi a lição. O crack está em todos os cantos, leva os nossos filhos e nos deixa assim, sem esperança, desolados. Gostaria que tudo fosse diferente, que fosse um sonho, mas infelizmente é uma realidade dura que vou ter que enfrentar não sei como.

Cleber abandonou o curso de engenharia. Passa quase todos os dias da semana numa favela de Diadema, cidade industrial na Grande São Paulo. Fuma de 10 a 20 pedras por dia. Saiu da clínica de recuperação no começo de abril de 1996 e voltou a fumar. Suas idas à favela perto da fábrica da Coca-Cola têm um motivo: não consegue mais ficar distante do crack. É bem-vindo. Boa parte do dinheiro que conseguiu com a venda do Peugeot foi aplicado lá. Virou fumaça. Magro, com tiques nervosos, o rapaz de classe média alta não lembra nem um pouco um rapaz de cultura diferenciada descrito pelo pai. Chega-se ao ponto de desconfiar que está mentindo quando fala onde seus pais moram. Sua fisionomia lembra um jovem viciado da periferia. Mas Cleber leva uma vantagem, tem uma magreza protéica, o que o diferencia de um viciado pobre que nunca teve proteínas e carboidratos em quantidade à mesa.

"Você pensa que não fico chateado com toda essa situação? Fico sim, mas o que posso fazer se não consigo parar. Já tentei, mas não consigo. Já vendi roupa, o carro, tudo. Tudo o que cai na minha mão é pra comprar pedra. Sempre fui muito fechado. Quando experimentei cocaína senti que tinha mudado para melhor. Quando fumei a primeira vez o crack tive essa mesma sensação, mas multiplicado por de:.. Foi muito bom. Não quero que meus pais sofram, mas sinto que não tenho condições de sair dessa. Por isso passo o tempo aqui, na favela. Saí de casa para não chocar meus pais. Aqui, estou mais perto das pedras. Outros amigos também estão nessa. Não sinto falta de nada, nem da comida de casa, da minha cama, do meu carro, sinto falta só de viajar e viajar no pensamento. Não culpo ninguém por nada. Aconteceu. O crack é bom e não tenho culpa dessas pedras terem sido colocadas no meu caminho.

Fabiano mora numa mansão no bairro mais elegante de São Paulo, o Morumbi, símbolo de *status*, poder. Circula em festas fechadas e costuma estampar seu rosto nas colunas sociais. Algumas vezes, frequenta o círculo fechado de eventos com seu pai, um banqueiro conhecido pela lucidez ao analisar o sistema financeiro do país. Três encontros em locais diferentes, conversas por telefone até decidir falar sobre seu envolvimento com o crack. Como os rapazes da sua classe social e idade — 20 anos —, planeja viagens seguidas para Nova York, Aspen, Londres e Amsterdã. Se não fosse pelo vestuário "correto", a história de Fabiano bem que poderia ser contada por um rapaz pobre da periferia. Com o crack, as histórias se encontram

sempre em algum ponto. Como numa peça de teatro. Mesma história, mas com elenco, personagens diferentes.

Ninguém pode desconfiar de nada. O que vou te contar é segredo de família. Fui educado para dar certo na vida. Meu pai, dono de um banco conceituado, apostou todas as fichas na minha educação. O sonho dele é me ver de terno e gravata atrás de uma mesa coordenando os negócios, desvendando, como ele, os meandros do mercado financeiro. Até acho tudo isso interessante, mas não sou determinado como ele ou meu irmão mais velho, que trabalha com meu pai. Quero uma vida diferente, com emoções que ultrapassassem a linguagem das aplicações e investimentos. Não quero ter infarto ou ponte de safena. Fumo crack há um ano e meio. Antes, fumava maconha e cheirava cocaína. Fui internado por meu pai numa clínica super famosa em Nova York, onde morei e estudei por um tempo.

Conheci o crack em festas malucas nos Estados Unidos, mas sabia que São Paulo também tinha. Lá fora, crack é droga de gueto, de pobre, mas quem disse que droga de pobre não é boa? Tem muita gente de grana que fuma crack lá no exterior. Sabia de todo o risco, mas estava atrás de emoções fortes. O crack propicia isso. Tudo isso que estou contando parece não combinar com um filhinho de papai, mas o que posso fazer se essa é a minha verdade? O fato de ter dinheiro, muito dinheiro, não exclui ninguém de passar por essas situações. Estou cansado de ouvir que sou a ovelha negra. Essa denominação me deixa furioso. Sou o que sou e não quero ser o que os outros querem que eu seja. E o meu lema. O difícil na minha família é isso. Nascermos com o destino traçado e não concordo com isso. Acabei fazendo o tratamento em Nova York e voltei a morar em São Paulo. Não deu muito certo, pois logo encontrei amigos que também estavam no crack aqui na cidade. Fumo não sei quantas pedras por dia. Quatro, cinco.

Estou fazendo terapia para resolver um pouco minha cabeça, mas a droga me confunde todo. Minha aparência está estranha, sei disso, mas as pessoas evitam falar. Afinal, meu pai é poderoso e podem magoá-lo com alguma observação. Não gosto do poder. Gosto de viver. Tem gente que nasce com o destino traçado para liderar, criar coisas, dar ordens. Nasci para viver intensamente tudo o que quero. Teve uma época em que consegui me controlar um pouco, mas foi por pouco tempo. As pedras me chamam. Fumo no meu quarto. Passo dias na praia ou pego uma passagem e vou conhecer lugares que meus pais jamais teriam coragem de ir, como o interior da Bahia. Aquele lugar seco e ao mesmo tempo maravilhoso é um colírio. Passo semanas em pousadas. Depois volto pra cá e dou um tempo. Tranquei a faculdade de economia. Não tinha cabeça e nem gostava daquelas aulas chatas. Meu pai fica tenso quando apareço com essas novidades. Só não diz para os outros que não sou filho dele porque sou a cara dele. Já fiz loucuras pelo crack. Na verdade, não preciso me preocupar com dinheiro. Tem muita

gente aí que rouba para comprar pedras. Fiz uma dessas uma vez, mas não por causa do dinheiro. Tinha medo de perder o meu fornecedor.

Estava com uns amigos numa festa. Alguns fumavam crack. Tá pensando que filho de bacana não está nessa? A gente comprava pedra do Miguel, um cara que morava na favela. Lá pelas três da manhã, todo mundo na fissura, fomos bater no barraco dele. Estava com o carro importado do meu pai. O meu, um modelo francês, estava na oficina. O Miguel estava saindo para assaltar e disse que não poderia vender crack naquele momento. Tinha uma parada para resolver. Estávamos em quatro. Meus amigos foram embora e, não sei como, disse que daria uma carona para ele. O meu medo era ele não voltar. Onde iria comprar? Quem iria me abastecer? Meus amigos não acreditaram, mas sabem que sou assim mesmo, impulsivo. Ele entrou no carro e fomos conversando sobre outras coisas, política, assaltos. Cheguei a brincar com ele. Não foi você que assaltou uma agência do banco do meu pai na semana passada? Demos risada.

Na minha cabeça, não estava saindo para assaltar. Estava ali conversando com um amigo. Só sei que ele mandou eu parar o carro perto de uma farmácia. "Vamos?" Ele disse. Saí do carro e fui até a porta. Fiquei parado vendo as pessoas em pânico. Mas quem ia desconfiar que eu estava com ele. Não tinha arma e estava bem-vestida, como sempre. Estava ali, parado, vendo a agitação. Ele pegou dinheiro dos caixas e saiu correndo. Quando percebi que estava tudo certo, liguei o carro. Saímos em disparada. Por essa boa ação, ganhei crédito de dois mil reais em pedra. Falei que o negócio não era dinheiro. Estava lá só para garantir minhas pedras. Não tinha nenhum outro fornecedor. Analisando friamente, assaltei uma farmácia com o carro importado do meu pai. Quando contei isso para meu terapeuta, ele quase morreu. Não acreditou. Não estou nem um pouco preocupado com essa história. Foi uma aventura. Não machuquei ninguém. Não sei atirar.

Tenho consciência que fiz o papel de cúmplice no assalto por causa do crack. Parece loucura tudo isso, mas minha vida é recheada dessas aventuras. Meu pai, coitado, fica triste com tudo isso. Mas ele não entende que não sou obrigado a ter a vida que ele leva. Esse é nosso maior conflito. Meu irmão mais velho posa de bonzinho, de homem bem-sucedido, mas já aprontou muitas também. Minha mãe é uma santa, mas está sempre preocupada com cabelos, roupas e viagens. Durante um jantar de família, no começo de 1996, assustei todo mundo ao dizer em alto e bom som que levávamos uma vida de aparência. Nunca vi meu pai tão nervoso. Mas é a pura verdade. Meu irmão mais velho, por exemplo, passou a fumar cachimbo só para impressionar os magnatas estrangeiros que passam lá por casa. Eu sou mais simples, não invento modismos. Para os amigos, disse que deu carona para o Miguel até a avenida Paulista e fui pra casa. A favela é um ambiente que não combina comigo, com um filhinho de papai como eles falam, mas sou respeitado e me sinto seguro. As pessoas são simples. Não quero pensar no amanhã. Sou prático. Penso no hoje.

COMBUSTÍVEL DA VIOLÊNCIA

Pelo crack a gente é capaz de tudo.

Tudo mesmo, até matar se for preciso.

Marcinha, *traficante*

A degradação moral e física é o mais terrível estágio da dependência de crack. Quem fuma as pedras porosas é capaz de tudo para consegui-las. Tudo mesmo. Começa com pequenos furtos em casa, depois passa para assaltos nas ruas e, não raro, entrega-se à prostituição, que o deixa mais próximo do flagelo da Aids. A violência pela violência passa a fazer parte do cotidiano, principalmente daqueles que transformaram o dinheiro que tinham em fumaça. Os registros dessa equação sinistra tem endereço certo: Palácio da Polícia Civil, prédio de nome pomposo e beirais altos no número 527 da rua Brigadeiro Tobias, onde funciona o Departamento de Investigações sobre Narcóticos (Denarc). Por ironia, o prédio está a menos de dez minutos da rua Guaianazes, o foco do crack no Centro de São Paulo. Pelos 19 andares do palácio circulam diariamente mais de três mil pessoas. Nos mesmos elevadores sobem e descem traficantes para a cadeia e viciados em busca de ajuda. Uma mistura intrigante. Nos arquivos do Denarc, a radiografia da violência na cidade.

Fichas e mais fichas de bandidos com a tarja de "perigosos", dados sobre prisões e encaminhamentos para clínicas de recuperação. Tudo no mesmo lugar. Traficantes, viciados, delegados e investigadores separados apenas por corredores, andares. Dos computadores antigos e dos arquivos de aço enferrujados saem estatísticas elaboradas a partir do cruzamento de informações, como volume de droga apreendida e prisões em flagrante. As planilhas, prato cheio para repórteres da área policial, revelam a estreita relação das drogas com a violência urbana. A partir de 1994, o crack passou a ser a principal causa — motivação, como os policiais preferem — para grande parte das chacinas e homicídios registrados em São Paulo. A "matança em série" é, sem dúvida, a face mais chocante dessa história. Ninguém é preservado, seja mulher grávida ou criança. O matador segue a regra simplista e dramática: estava no lugar errado, na hora errada. Ninguém pode sair vivo para não reconhecer o algoz ou identificar o mandante do crime. O resultado é a morte.

Para cumprir o "serviço", seja chacina ou homicídio, normalmente são contratados matadores de aluguel, conhecidos na Zona Sul de São Paulo, por exemplo, como "pés de pato". Pessoas que trabalham na região como segurança de ruas ou centros comerciais. Já ficou provada a execução de pessoas por policiais que aceitaram "encomendas" como "bicos", nos dias de folga. São grupos de extermínio que não perdoam. Descansam apenas quando sangram

vítima e escutam s últimos suspiros. A vida de uma pessoa pode valer entre US\$ 100 e US\$ 200. No caso de chacina, pode valer um carro usado ou US\$ 300. A dinâmica da violência é cruel. Quem sobrevive passa a viver como "refugiado de uma guerra". Precisa esconder para evitar que o serviço seja terminado ali na esquina, a qualquer momento. Essas pessoas são identificadas pela polícia como "sobreviventes". Os integrantes dessa "categoria" precisam mudar de endereço, de bairro, de estado e, algumas vezes, de país. Vivem escondidos, com medo da própria sombra. O crack propiciou o aumento desses casos.

Sandra, uma moça alta de 17 anos, assistia à televisão na casa de amigos em agosto de 1994. O cômodo e cozinha era ponto de venda de crack no Parque Santo Antonio, no extremo da Zona Sul, e ela não sabia. Tinha amizade com a irmã do traficante. Nunca havia desconfiado de nada. Sentados na cama estavam o traficante, a irmã e um garoto de 10 anos. Ela estava encostada na pia. Quatro homens arrombaram a porta e, sem falar uma palavra, começaram a atirar. Sandra foi atingida por seis balas, mas conseguiu sobreviver. Os outros morreram. Hoje, Sandra mora fora da capital e carrega no corpo e na memória as marcas da violência por causa do crack.

Estou marcada para o resto da vida. Não sei como consegui sobreviver. Foi sorte, foi Deus. Até hoje não conheço uma pedra de crack. Nunca vi e não tenho interesse. Foi por causa dessa droga que quase perdi a vida. Não desconfiava da movimentação naquela casa. Levei um bolo para assistir a um filme com eles. Conversamos, demos risada e não esperava o pior. Estava ali para me divertir. Os homens entraram atirando. Um barulho infernal. Ferida, com uma dor insuportável, ainda escutei os gemidos do menino. Não sei como escapei. Estava no local errado e na hora errada. Sei disso. Minha vida mudou muito. Estou aqui escondida, inventando desculpas para justificar aos novos amigos essas marcas feias em meus braços, pernas e costas. Tenho pesadelos. Sonho que estão tentando me matar de novo. Estas marcas nunca vão sair da minha memória.

A relação estreita entre crack e violência pode ser entendida em números. Durante o ano de 1994, aconteceram 34 chacinas, metade por causa de drogas, entre elas, o crack. Em 1995, a situação foi mais dramática. Só na capital, foram 30 chacinas com o saldo de 98 mortos, 22 feridos, 48 autores identificados e apenas 19 presos. Desta vez, a' metade — 15 — por causa de crack. Vingança, ação de justiceiros e queima de arquivo eram os outros motivos. Na Grande São Paulo, no mesmo ano, outras 19 chacinas, 9 por crack. Soma final do ano: 49 chacinas, 24 por causa de crack, 167 mortos, 34 pessoas presas e 23 casos esclarecidos. Inquietante média de quatro chacinas por mês. As atrocidades tinham como palco os bairros periféricos das Zonas Sul e Leste, dominados pela droga.

Só nos quatro primeiros meses de 1996, outras 17 chacinas, quase que o total das ocorrências do ano anterior inteiro na Grande São Paulo. Sessenta mortos, sendo oito crianças, quatro sobreviventes, cinco casos esclarecidos. Os motivos? Crack seguido de vingança. As chacinas envolvendo a droga encontram explicações na dívida contraída pelo viciado com o traficante, golpes na partilha das pedras ou na disputa por pontos de distribuição de cocaína e crack na periferia. Em 1995, foi criada a Coordenadoria de Chacinas, que passou a integrar as 23 equipes da Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), com oito investigadores cada equipe.

O crack também está presente nas estatísticas de homicídios, Entre 1988 e março de 1996, 20202 pessoas foram assassinadas em São Paulo. Dos 2951 casos registrados em 1995, por exemplo, 40%) tinham crack como motivo. Em abril de 1996, o crack já era responsável por 60% dos assassinatos na cidade. Para ilustrar essa situação, um caso vivido por Wanderley Alves, um rapaz alto e magro de 26 anos, que em janeiro de 1996 escapou da morte, mudou de endereço e deixou as vendas de crack de lado para continuar vivo.

Olha, não era a minha vez mesmo. Escapei da morte por pouco. Em agosto de 1995, estava bebendo com dois amigos num bar De repente, seis homens entraram no local e pediram cerveja. Sem falar nada, foram atirando. Percebi o movimento estranho assim que eles entraram. Saí de fininho pela porta dos fundos do bar Fiquei escondido no quintal de uma casa. Quando esses meus amigos iam saindo também, eles começaram a atirar Fui atingido no braço direito e só não morri porque me fingi de morto. Não sobrou nada. O dono do bar também saiu ferido. Esses meus amigos que morreram, o Bocão e o Viola, comandavam o comércio de crack na região. Nunca tinha visto aqueles homens, mas sabia que estavam lá para cobrar uma dívida de pasta-base que meus amigos não pagaram.

Eles já tinham recebido o aviso que morreriam se não pagassem a dívida. Eu vendia crack para eles uma vez ou outra. Nunca fumei. Vendia quando estava sem dinheiro. Depois desse negócio todo, parei de vez. Não quero saber de vender droga nenhuma. Se continuasse, estaria morto. No meu bairro é assim: você acorda e pergunta quantos mataram de noite. Alguém sempre tem uma resposta. O motivo é quase sempre droga, dívida e vingança. Com esse negócio do crack, os caras matam por qualquer coisa. Os homens que fizeram isso com meus amigos queriam dominar a venda de crack no bairro. Depois daquela matança, eles apagaram outras quatro pessoas que também vendiam pedra. Esse negócio de pedra dá dinheiro, mas muita gente quer ganhar espaço pela força. Acabam matando qualquer um e pelos motivos mais bestas. O crack pode trazer euforia para quem fuma, mas em compensação traz junto a violência.

O assassinato dos dois amigos de Fuinha, como Wanderley Alves é conhecido, aconteceu num bar no Capão Redondo, um dos bairros mais violentos da Zona Sul da cidade — média de um homicídio por dia. Ele abandonou as pedras de crack e passou a trabalhar numa oficina de carros em Santo Amaro, também na Zona Sul. Ganha três salários mínimos. Quando vendia pedra, no final do mês recebia de seis a sete salários mínimos. Se vendesse todo dia, ganharia muito mais. Conseguiu sair do "esquema do crack" porque não fuma a droga. Caso contrário, continuaria no comércio fértil e lucrativo das pedras que garante, além de salário, uma parte em droga. "Muita gente da minha época continua lá, mas não consegue sair porque é tudo viciado. Esses podem ser os próximos da lista. Sai fácil, mas com muito medo de ser perseguido. A vida de uma pessoa vale pouco quando um traficante fica nervoso", comenta.

PERSONAGEM COMUM

O mais recente trabalho da polícia na área, divulgado em março de 1996, revela o perfil do tráfico de drogas na cidade. O resultado chega a assustar: quatro milhões de pessoas usam drogas eventualmente na Região Metropolitana de São Paulo. Outras 1,6 milhão fumam crack, maconha e cheiram cocaína diariamente. As informações são da Divisão de Inteligência e Apoio Policial (Diap), órgão ligado ao Denarc. Durante o ano de 1995, 980 pessoas foram presas em flagrante com drogas, a maioria homens (76,6%), mais do dobro dos registros de flagrantes de 1991 — 432. Entre traficantes e usuários de drogas, foram fichados no Denarc 14565 pessoas, quase duas mil só em agosto de 1995.

Com base nesses dados, os policiais chegaram ao perfil do traficante que age na cidade. Ele é um personagem comum, trabalhador e relativamente instruído: 78,4% cursaram o primeiro grau, 12,2% o segundo grau e 1,6% tem o superior completo. Os traficantes brancos são maioria: 53,6%, e os negros: 12,6%). Os brasileiros constituem 96,8%) dos presos. Os trabalhadores da indústria e comércio envolvidos com a venda de drogas chegam a 51,3%. Dos presos em flagrante, 78,9%) (773) estavam empregados. Os homens são maioria no tráfico de drogas — 76,6%o (750) — contra apenas 23,4%) (229), mulheres.

O relatório final indica que a superioridade dos homens não reflete a realidade atual. "Há um crescimento natural do uso de mulheres e crianças no tráfico de drogas em razão das maiores dificuldades de abordagem policial." Em linhas gerais, o traficante é uma pessoa instruída, branca, brasileira, paulistana, masculina, profissionalizada, empregada e solteira. Esses dados servem para derrubar a tese de que a droga é passada pelo pipoqueiro na porta das escolas. Ele até pode existir, quem sabe, mas o perfil do traficante mudou muito.

Entrei nessa porque não tinha opção. Não consegui emprego na minha área, ciências contábeis. Conhecia amigos viciados e outros que passavam drogas no bairro. Eram amigos de infância. Sempre me convidaram para entrar no negócio. Dava para tirar uns 3 mil reais. Recusei. Meus pais sempre pediam para eu não me envolver com drogas. Sabe como são os devotos de Nossa Senhora de Fátima. Andam sempre na linha. Mas não teve jeito. Pensei que depois deformado minha vida fosse mudar, mas nada disso aconteceu. Fiquei desempregado e corri a cidade uns cinco meses atrás de emprego. Acordava cedo, lia os classificados de domingo, recortava o que me interessava e na segunda de manhã já estava na rua. Era a mesma rotina. Preencher fichas e, quando tinha sorte, conseguia passar pela entrevista. Nunca recebi um telegrama.

Estava quase ficando louco, quando um amigo viu meu desespero e disse que se eu quisesse seria bem-vindo no negócio da droga. Era só pegar uns papérolas e entregar para as pessoas certas. Serviço fácil e sem riscos. Pensei, pensei e não deu outra. Entrei de cabeça. Sei que estou fazendo uma coisa errada, ilegal, mas não dá pra ficar esperando uma oportunidade cair do céu. Vendo 30 pedras de crack por dia e alguns baseados. No final do mês, tiro livre uns dois mil reais. Dá para viver numa boa. Meus pais ficaram bravos comigo, mas pararam de falar quando viram que a grana estava entrando. Não fumo nada, nem cigarro. Sei que isso não é vida. Encaro o tráfico como um emprego.

Espero ainda encontrar uma oportunidade na minha área, mas não sei se ganharia como contador o que ganho hoje. Acho que não. Não sei por quanto tempo ficarei nessa. Vou continuar vendendo enquanto sentir segurança. Não quero problemas com a polícia. Na minha família poucas pessoas sabem que faço isso. Digo que trabalho como representante comercial. Tenho boa aparência e isso ajuda muito. Saio cedo, pego a droga, passo pra frente. Tipo três da tarde estou livre. Ganhei meu dia.

Guilherme, de 23 anos, "trabalha" na região da Vila Industrial, na Zona Leste, território dominado pelo traficante Severino Nestor de Souza, mais conhecido como Bill, assim mesmo, como o presidente americano — Clinton — e o rei da informática — Gates. O pernambucano de Vitória de Santo Antão faz seus negócios com a proteção dos moradores de conjuntos habitacionais. No São Nicolau, por exemplo, Bill manda e desmanda. Ninguém sabe onde mora ou arrisca palpites sobre seu lucrativo negócio. É a lei do silêncio em vigor todas as horas do dia. Entre os policiais do Denarc, o traficante é chamado de Robin Hood do Nordeste. Ele ajuda aos moradores da Vila Industrial em troca do silêncio, algo parecido com o que fazem os traficantes cariocas. É o primeiro na lista dos procurados. Em seis meses como passador de drogas na região, Guilherme conseguiu trocar o Fusca 74 por um Gol 1000 e economiza o que ganha para realizar o sonho da casa própria. O fato de não fumar faz com que tenha mais crédito

com o traficante. Na rua, ninguém desconfiaria dele. Está mais para rapaz ingênuo do que para traficante de pedras.

PEDIDO DE AJUDA

Um prédio da polícia seria o último lugar onde um viciado entraria para pedir ajuda. Mas é para o 8º andar do palácio que eles se dirigem, sozinhos ou acompanhados de familiares. No local, funciona a Divisão de Prevenção e Educação (Dipe), elogiada internacionalmente pela qualidade dos serviços prestados. Em 1991, 740 pessoas foram atendidas por assistentes sociais e psicólogas. No ano de 1995, esse número saltou para 5 869, aumento de 793% em comparação a 1991, quando o serviço foi criado. O crescimento anual ultrapassa a casa dos 150%. Em 1992, por exemplo, foram atendidas 1328 pessoas contra as quase sete mil esperadas para o ano de 1996. Com base nesses números, chegou-se ao perfil do dependente de droga em São Paulo.

Das pessoas atendidas pela Dipe em 1995, 742 eram dependentes de algum tipo de droga, a maioria homens (90,6%) com idade entre 19 e 30 anos. O crack estava presente na vida de mais da metade — 415 ou 61,8%) do total. Apenas 10,3% — 69 pessoas — tinham procurado a divisão por conta da cocaína cheirada ou injetável. O perfil do dependente atendido pela divisão é: branco, entre 19 e 30 anos, solteiro sem filhos, usuário de crack e desempregado, tanto para homens quanto mulheres. No geral, o dependente mora na Zona Leste, Norte, Sul, Centro e Oeste, nessa ordem. É instruído. A maioria tem o primeiro e segundo graus completos. A partir de 1994, começou a crescer a população com nível superior completo. São raros os casos de moradores de rua pedindo ajuda. O comum são jovens, de classe baixa e média, acompanhado dos pais ou amigos.

O nível de atendimento médio mensal são 480 pessoas, mais de 22 por dia. Entretanto nos últimos meses de 1995, as entrevistas chegaram a 30 por dia. Entre os 125 menores de rua apreendidos por policiais do Denarc em 1995, 58,4% (73) carregavam pedras de crack; 25,6% (32) portavam papелotes de cocaína; os demais, estavam com maconha e cocaína ou maconha e crack. Mais da metade — 60,35%) ou 73 menores — foi encaminhada ao SOS Criança, órgão ligado ao governo estadual. Apenas 32 (26,4%) foram entregues a responsáveis. Oito foram encaminhados a hospitais por causa de *overdose*. O crack seduziu homens, mulheres e crianças. A droga desbancou a maconha e tomou o lugar da cocaína em pó na preferência dos viciados.

Em 1994, 608 pessoas viciadas foram encaminhadas pela Dipe para hospitais e instituições de recuperação de dependentes. No ano seguinte, o número de encaminhamentos saltou para 742. Só nos três primeiros meses de 1996, 298 pessoas se internaram em clínicas e hospitais da capital e interior de São Paulo com a ajuda do serviço. Mas conseguir uma vaga para dependente pobre é complicado. Se for mulher e estiver grávida então, as chances são mais

reduzidas. Pior é a situação dos viciados com Aids. As possibilidades de internação são quase nulas. Na agenda das três psicólogas do serviço de atendimento, constam apenas 14 clínicas e hospitais.

Sônia Maria Borges Depieri, escritora e assistente social do serviço de prevenção e educação — 15 anos na polícia —, lembra o início da mudança. "Quando atendemos um garoto, em 91, que acabou morrendo por causa do crack, a gente achou que aquilo era uma tragédia. Hoje, essa tragédia virou rotina", conta. Os resumos das entrevistas com drogados são registrados em livros. Nos de 1989, estão: casos de maconha, cocaína e álcool. "Muita coisa mudou", lamenta. Em 1991, de cada dez casos atendidos, dois eram por causa do crack. Hoje, a relação é perversa. De cada dez, os dez estão envolvidos com pedras. A dedicada assistente social ficou com a árdua missão de convencer clínicas de recuperação a atender viciados pobres. Da sua pequena sala, ela acompanhou a evolução do crack na cidade.

Nosso trabalho foi sendo divulgado de boca em boca. Antes do crack, os casos mais graves eram de envolvimento com cocaína, álcool e maconha. Registrávamos também casos de cola, alcoolismo e esmalte. Olhando pra trás, dá para dizer que não era nada tão grave quanto hoje. Fui uma das primeiras pessoas do Denarc a alertar para o poder do crack. Isso em 1991, quando comecei a atender os primeiros casos. Muitos não ligaram. Achavam que era uma análise alarmista. Minha grande dificuldade era provar essa tese. Na época, era tudo registrado em livros, não tinha fichas. Como o trabalho é sigiloso, pegava apenas o primeiro nome da pessoa. Com isso, não tinha como provar que a droga estava avançando da periferia em direção ao Centro e bairros da classe média. Mas eu estava no front, escutava a história daquelas pessoas e fazia minha análise.

Na mesma época, alertei para a troca da cola de sapateiro e esmalte pelo crack entre a população de meninos de rua. A reação foi igual ou pior. Políticos torceram o nariz com essa declaração. Achavam que os meninos se envolviam apenas com a cola e o esmalte. Hoje, crack está virando sinônimo de violência. Matam por tudo e matam por nada. As histórias são pesadas. A partir de um determinado momento todos eles se marginalizam. Passam pelo furto doméstico, onde pegam aparelho de som, botijão de gás, talão de cheques para trocar por pedras. A classe média tem a favor a mesada.

Quando ela é cortada, passam a agir do mesmo jeito que o garoto pobre da periferia. Passam a roubar também. Conheci um menino de classe média que morou durante cinco meses embaixo da ponte Cruzeiro do Sul, na marginal do Tietê. Sabe como arrumava dinheiro para o crack? Furtava velhinhas que desciam dos ônibus.

Num determinado momento, a pessoa não pertence a mais nenhuma classe social. O crack deixa todos iguais, o menino do condomínio fechado fica igual ao menino de rua. A violência faz parte da vida deles. O mais comum é a agressão física. Chegam a bater nas mães

quando elas se recusam a abrir a carteira. Não estou falando de classe pobre não. São famílias com recursos que passam por isso. O fato de ser avião neste meio é muito complicado, arriscado. Pode ser preso e arrumar confusão com outros do meio. Por isso muitas pessoas acabam na prostituição. É triste ver esse quadro, mas preciso ter força para acordar no dia seguinte e me preparar para ouvir e tentar ajudar pessoas que estão perdidas por causa da fumaça de crack.

A partir de 1995, a assistente social Sônia passou a ser procurada por um grupo diferenciado. Policiais civis e militares, pagos para manter a ordem, tinham sido seduzidos pela desordem da fumaça de crack e não sabiam o que fazer para abandonar as pedras. Era a vez de a caça dominar o caçador. Eles já não conseguiam mais trabalhar e apresentavam problemas nos pulmões, taquicardia e sudorese. Afastados por licença médica, recorreram a Sônia para ver se conseguiam recuperar o "norte", ser como eram antes da droga. Em 1995, foram cinco policiais civis atendidos. Nos três primeiros meses de 1996, outros oito, sendo dois militares. A assistente social passou a atendê-los longe do Palácio da Polícia Civil. "Quando necessário, solicito dispensas médicas e os encaminho para clínicas de recuperação", afirma. A explicação para a entrega ao crack está no depoimento do investigador Júlio, de 32 anos, que até fevereiro de 1996 trabalhava numa delegacia no extremo da Zona Leste da cidade.

Trabalhar sob pressão constante deixa a gente de cabeça quente. É preciso ser muito frio para não enlouquecer com as cobranças ou não sentir medo de levar um tiro e morrer durante um confronto com um bandido. A gente sai de casa e não sabe se volta. O salário, bem, é daquele tamanho. Não dá para quase nada. Na adolescência tinha experimentado maconha, mas não gostei. Ficava lento. Depois dos 22 anos, passei a usar cocaína socialmente. Quando ia a alguma festa, sempre queria ficar mais ligado do que estava. Duas carreiras e um copo de uísque já me deixava bem. Isso uma vez ou outra. Adorava a sensação de estar à frente dos outros. Falava de todos os assuntos, ficava mais bem-humorado. Minha vontade de experimentar o crack surgiu em consequência do próprio trabalho como investigador.

Essa superexposição às drogas facilita muita coisa. Acho que fui vítima disso. Fiquei intrigado quando apareceram os primeiros casos de crack na região onde trabalhava. As pessoas chegavam lá estranhas, passadas, mas diziam que o mundo ficava diferente com a droga. Uma vez, fiquei conversando com dois rapazes que vendiam pedra perto de casa. Conhecidos de infância. Falaram sobre o efeito, o que acontecia com a pessoa. Só falaram coisas boas. Sabe como é, vendedor tem aquela lábia. Convence mesmo. Não sei o que deu na minha cabeça que comprei três pedras deles. Fumei em casa, num fim de semana de folga.

Achava que poderia usar a droga socialmente, como fazia com a cocaína em pó. Tinha-se me sentido bem com a cocaína, com o crack era tudo mais rápido e potente. Minha cabeça

ficou a mil. Fumei as três pedras e depois disso, camarada, não consegui mais parar. Minha mulher ficou chocada quando falei que tinha fumado. Quase ficou louca quando, duas semanas depois, me pegou fumando outras três pedras escondido no quintal. Mal sabia, mas já tinha sido fígado pelo crack. Não conseguia mais parar e comecei a faltar nos plantões. Tem três meses que fumo e já não consigo ficar sem. É duro admitir isso, mas é a pura verdade.

Dá uma vontade tão louca que sou capaz de deixar mulher e filho para comprar pedra. É uma loucura tudo isso, mas não sei o que acontece comigo. Estou de licença médica porque sinto falta de ar, meu coração bate descompassado. Quero ir para uma clínica me livrar disso. Não acreditei quando me falaram que viciava logo de cara. Conheço outros policiais que também embarcaram nessa. O pior é que muitos eram alcoólatras. Não dá para dizer dessa água não beberei. Ninguém sabe o amanhã. Espero escapar dessa, criar meu filho e viver em paz. Sou pago para combater tudo isso e acabei me enfiando nesse meio. É uma contradição difícil de admitir. Sinto que minha cabeça está diferente. Começo a falar uma coisa e depois me esqueço. Sei lá. Meu casamento está abalado com isso, mas sinto que ainda consigo me recuperar. Dá muita vergonha tudo isso. Mas não tenho vergonha de pedir ajuda.

A escalada do crack e sua relação com a crescente violência bateu nas portas do Palácio dos Bandeirantes, centro do poder do governo de São Paulo. Em julho de 1995, o governador Mário Covas assinou o decreto 40201 e criou a Delegacia de Repressão ao Crack. As apreensões da droga e sua ligação com homicídios e chacinas foram as principais causas para a decisão do governador. Em 1995, foram apreendidos 41 quilos de crack, média de três quilos por mês, contra 923 quilos de cocaína. Só no mês de junho e novembro daquele ano, foram retirados do mercado 32 quilos de pedras. O volume de crack é pequeno, mas as apreensões de pasta-base são significativas. A Polícia Federal de São Paulo retirou de circulação entre 1994 e 1995, 146 quilos de pasta-base, usada para a fabricação do crack, além de outros 35 quilos de pedra. Até abril de 1996, os agentes federais computavam outros três quilos de pedra e um quilo de pasta-base a menos nas mãos dos traficantes.

MENINOS DA PEDRA

O fácil acesso à droga colocou o crack nas mãos dos meninos de rua que perambulam pela cidade. Para manter o vício, roubam e até matam. A psicóloga Tatiana Barbosa Lima, de 24 anos, trabalha há quatro anos como educadora de rua do Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua, criado em 1984. Atua na região da avenida Paulista, área nobre de São Paulo. Conhece pelo nome e apelido os meninos que pedem esmolas, furtam e roubam no local. Com o

crack, senti uma mudança brusca no comportamento de garotos que, antes da droga, criticavam os colegas que roubavam. Hoje, os "santos de ontem" são os mais atuantes.

Passei seis meses fazendo estágio de psicologia em Paris. Voltei no final de 1995 e esse retorno me assustou muito. Primeiro, porque as ruas estavam mais cheias, apinhadas de novos meninos de rua. Alguns eu conhecia, mas a grande parte era novata na região da Paulista, onde fazia um trabalho assistencial e de expressão corporal com eles. A primeira vez que vi uma pedra de crack na mão de um deles foi no meio de 1993. Estava na porta de um café quando encontrei uma menina de 13 anos. Meio desconcertada com o encontro, ela escondeu alguma coisa na mão. Sentada no chão, tive a maior lição sobre crack. O que era, como a pessoa ficava e onde comprar "É um grande negócio", disse.

Fiquei assustada, mas ao mesmo tempo aliviada por saber que, naquela época, o crack era uma droga eventual, esporádica na região. Os meninos da Paulista fumavam maconha e cheiravam esmalte. Aos poucos, essa relação com a droga mudou. O crack estava nas esquinas. Na volta da viagem, percebi que já tinha ocupado o espaço do esmalte e da cola. O que me entristeceu foi o fato de ver garotos que antes criticavam os que roubavam no mesmo caminho de violência para sustentar o vício. Estavam todos iguais, sempre atrás das pedras. O resultado disso tudo é a violência. Roubam, furtam, ameaçam pessoas em seus carros com cacos de vidro. É a realidade deles agora. A pedra é encontrada com facilidade. Antes, vinha da região da Vila Maria e Penha, na Zona Leste, trazida pelos garotos maiores. Hoje, está em todos os cantos.

Estava de carro parada no cruzamento de acesso á avenida Paulista quando avistei um garoto, o Mexerica. Gritei por ele. A reação dele foi crucial para entender o novo panorama do lugar "Puxa, tia, a senhora me assustou. Pensei que fosse vingança." "Vingança do quê?", perguntei. "De roubo, né." O garoto que antes só pedia nos cruzamentos, agora roubava para se manter com as pedras. O fato é que do jeito que está os que ainda não caíram nas garras do crack têm dificuldades para conseguir ajuda das pessoas que passam pela avenida. O crack impede que esse garoto possa manter um diálogo com um pouco de coerência. O vínculo afetivo fica comprometido e a única coisa que os une é a procura e o consumo da droga.

Poderia ainda citar inúmeros comprometimentos psíquicos e mesmo físicos, mas a maior violência que o crack produz, a meu ver, é que ele viola o direito de ser criança, adolescente. Esta droga retira deles a possibilidade de algum futuro e os empurra em direção à marginalidade, à completa exclusão social. Emperra o trabalho dos que querem ajudar Esta droga é um ponto final em muita coisa. Os meninos vivem um pesadelo.

Dormem embaixo de viadutos, onde fumam suas pedras, e acordam prontos para conseguir mais por meio da violência, da agressão. Mas nem por isso vou desistir deles. Se puder ajudar pelo menos um, já é uma vitória.

Ninguém pode afirmar com certeza quantas crianças e adolescentes vivem nas ruas de São Paulo. A única referência é de 1993, quando a Secretaria Estadual da Criança, Família e Bem-Estar Social contou 4,5 mil perambulando pelas ruas e avenidas da região central. São muitos e estão espalhados em todo canto. Conversando com os moradores de rua, fica claro que os adolescentes foram os primeiros a experimentar as pedras de crack e, como são imitados pelos mais novos, influenciaram muitos meninos que tinham como droga apenas o esmalte e a cola. Mas como começou esse movimento que resulta em mais violência? As explicações de Marcinha, uma moça negra de 16 anos, dez de rua, podem indicar o caminho.

Pelo crack a gente perde a cabeça. E capaz de tudo. Tudo mesmo, até matar se for preciso. Quando pinta um dinheiro, não importa quanto, vai tudo para a droga. Eu acho que fui uma das primeiras a experimentar crack lá na região da praça da Sé, onde fiquei uns sete, oito anos. Foi engraçado. Um cara que morava na rua um dia me deu uma grana para tomar um lanche. Aceitei a ajuda. Depois ele se aproximou e me mostrou um papelote. Era crack. Me deu uma pedra. Ele estava a fim de ficar comigo e por isso estava sendo legal. Aprendi a fumar com ele. Fumei no cachimbo dele. E com ele mesmo descobri onde podia comprar mais. Tinha amigos na Zona Leste, lá em Itaquera, São Miguel Paulista. Foi fácil. Consegui umas pedras e levei lá pra praça. Os moleques caíram matando.

Pode ser que depois disso quem não roubava passou a roubar, mas quem garante que foi por causa do crack? Eu me mantenho. Quem está na rua sabe qual é a regra. Cada um por si. Não tenho nenhuma culpa por ter levado pedra para os moleques da praça. Cada um que se vire. Tudo bem que tem uns que eram bonzinhos, babacas, só pediam dinheiro e comida, e agora estão por lá fazendo movimento. Eu não tenho culpa de nada. "Mas não era você que abastecia os meninos?" "Era, mas o que isso tem a ver? Os moleques pediam e eu tinha as bocas pra conseguir Precisava fazer um dinheiro. Não tenho remorso não, senhor Dá licença." O crack mata mesmo e os moleques sabem disso. Agora se um menino rouba ou mata a culpa é minha? Que é isso? Tá me estranhando, tio?

Marcinha não circula mais pela praça da Sé. Mora num cortiço na Baixada do Glicério. Fuma crack há quatro anos. Não sabe quantas pedras consome num dia. O raciocínio está variado. Perdeu a conta, os dias, as horas. Fuma talvez dez, quem sabe vinte nos dias com mais dinheiro. Vive do comércio picado de pedras na região do Paraíso e Liberdade, bairros próximos ao Centro. Em 1994, presenciou uma cena bárbara que até hoje a deixa chocada. Anderson, de 13 anos, morreu queimado na praça da Sé. Estava dormindo quando outros dois menores se aproximaram. Um ateou álcool no corpo do menino e o outro acendeu o fósforo. Marcinha desconfia que o motivo foi dívida por causa de crack. "Nesse mundo, meu, tem que andar pianinho. Quem faz deslize paga feio. O moleque foi embora nessa, tá vendo?", comenta. O irmão do garoto morto, Alexandre, é o primeiro nome de Mexerica, aquele garoto assustado

com o fantasma da vingança que pode ser cometida por suas vítimas de roubos e assaltos na região da avenida Paulista.

Em setembro de 1994, Marcinha esfaqueou um mendigo por causa do crack. "O cara queria me passar pra trás. Não dei trégua. Cortei ele mesmo. Nem sei onde minha faca acertou. Era de madrugada e só vi o nego correndo pela rua. Foi engraçado. Ele queria me roubar. Sou mulher, mas não dou moleza. Veio pra cima, leva", afirma, com seu jeito arreado. Ela continua até hoje com o comércio de pedra. "Não quero nem saber se é bacana que está querendo ou um mendigo, menino de rua. Não importa, cara. Mostrou o dinheiro, leva pedra. Assim me garanto e vou levando. É isso", conta Marcinha, retirando do bolso da calça jeans seu inseparável companheiro, o cachimbo. "Dá licença, meu, tô no meu tempo", maneira pouco sutil de se despedir. Estava na hora de se abastecer de pedra.

Os meninos de rua se projetam nas letras dos *rappers* de periferia. Onda importada dos Estados Unidos e adaptada à realidade brasileira. O som, cadenciado por palmas e batidas de pé, embala letras que falam de violência, das drogas, do ontem e hoje do viciado em pedras. O *rap* é a expressão máxima de diversão nesses lugares, esquecidos, distantes e com regras e leis próprias. O *rapper* Carlos Agnaldo da Silva, de 19 anos, o Cacá Sil do Parque São Lucas, na Zona Leste, não fuma e se inspira no cotidiano de amigos "pedreiros" para "detonar suas melodias". O som é respeitado por viciados da região que, quando o encontram, entoam frases fortes como as do *rap* *Vida de pedreiro*.

"Cê tá pensando o quê? Vida de pedreiro não é pra você. Enfim, melhor a solidão do que o ferro gelado de um camburão. Tá, Tá, Tá... Atira sem ver. Se pegar, fazer o quê? Deu bandeira, vacilou, morreu. Tava na hora. Mancada geral. Vida de pedreiro é o seguinte: mata e rouba pra fazer uma ponto vinte. Pedra e tal. Felicidade geral. O mundo pobre da periferia ganha cor de burguesia. O esgoto corre solto, mas quem fuma não vê. O garoto chora de fome, mas quem fuma não vê. O tempo passa, as horas passam, vão embora, mas o pedreiro não vê. Tá mais é querendo arrumar encrenca com bacana pra se garantir. E daí? Na casa de pedreiro, colher faz pedra. É o lema daqui. E daí? Tá olhando o quê? Vê se disfarça que vou acender. Fumo pedra pra viver. Meu cachimbo é meu irmão, então. Deixa pra lá. Vida de pedreiro não é só fumaça, não. É solidão, prazer total, felicidade geral."

Boa parte da letra do *rap* foi inspirada na vida de Rodrigo, rapaz de 17 anos, dois de crack. Para se manter no vício, matou duas pessoas e "já passou a perna nos bacanas que vão ao bairro se abastecer". Rodrigo não pensa em outra coisa a não ser nas pedras. Fica dias, semanas longe de casa. Quando reaparece é sempre outro, mais castigado pelas pedras. Fala pouco. Seu discurso é o da violência. Rouba e mata se for preciso. Não perdoa. É refém do crack. Para ele, a violência é uma maneira de proteção.

Já que o lema é matar ou morrer, deixa eu com a minha vida. Já matei dois mesmo. Não me arrependo. Queriam me matar e me cagüetar pra polícia. Estou ligado. Não deixo barato. Faço miséria quando quero pedra. Não me arrependo de nada. Que é isso? Quero é mais é curtir Sou pedreiro mesmo, e dai? Ninguém banca a minha. Tenho que fazer correria pra me garantir Essa letra fala mesmo da minha vida. O povo todo reclamando de tudo e eu, aqui, sem me preocupar com nada. Quero só felicidade. A pedra me dá isso. É a minha maneira de ser feliz. Eu respeito a vida dos outros, então, tem que respeitar a minha também. Se mexer, leva fogo. Tenho arma e faca. Pra usar é rapidinho. A violência faz parte. Não vivemos numa selva de pedra? Então, tô nessa. Só os leões sobrevivem. Tá falando com um deles.

A parte mais visível da violência está mesmo na periferia da cidade, onde o silêncio vale uma vida. Trabalhadores, bandidos e traficantes se conhecem e se cruzam nos pontos de ônibus, nas ruas. Todos sabem da vida de todos. Para quem está fora do jogo da violência, a regra é mais rígida. Deve se fingir de cego, surdo e mudo diante de um assassinato, assalto ou venda de drogas. Pode acontecer na porta de casa, na frente dos filhos, mas nada viu, nada sabe, nada pode falar. Precisa ser assim. Deve ser assim para evitar problemas. O bairro de São Mateus, na Zona Leste, com seus três distritos populosos, ocupa uma área de 50 quilômetros quadrados da cidade. O local com nome de santo ficou conhecido como ponto de partida do crack na cidade. A partir de 1989, a palavra crack passaria a ser uma espécie de sinônimo do bairro. Hoje, a droga não é mais exclusividade daquele trecho da Zona Leste recheado de pontos de venda, traficantes e viciados por todos os lados. Difícil encontrar uma pessoa que não saiba ou tenha presenciado uma cena de violência no bairro.

VENENO PARA ABREVIAR A DOR

Em 1991, quando as "paneladas de crack" de São Mateus ganharam fama, o técnico industrial Flariston Francisco da Silva, de 29 anos, participava da implantação do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de São Mateus, entidade sem fins lucrativos, mantida com recursos do Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA), órgão do governo federal. Com apoio da Pastoral do Menor, da Igreja Católica, o centro tinha a difícil e complicada tarefa de reintegrar menores infratores à sociedade. Em 1992, quando os recursos federais apareciam mensalmente, o centro tinha dois advogados, uma assistente social e seis educadores de rua. Tempos de trabalho intenso. Cem menores infratores egressos da Febem e suas famílias foram acompanhados pelos idealistas do centro até 1993, quando a entidade foi obrigada a fechar as portas por causa da falta de dinheiro. O governo federal tinha deixado de contribuir.

O carioca Flariston, há 20 anos em São Paulo, guarda da época uma pesquisa que reflete o estado de violência em que viviam os meninos atendidos. Dos cem menores que passaram pelo centro, entre 12 e 17 anos, 60% estavam envolvidos com drogas. Deste total, 90% eram vítimas do crack. Estavam em liberdade assistida ou tinham sido liberados da Febem por roubos, assaltos, homicídios. Após o fechamento da entidade, alguns menores voltaram à criminalidade. O resultado não poderia ser outro: a morte. Dos menores atendidos, dez foram assassinados entre 1993 e 1996, mortos pela polícia ou traficantes. "Fomos ao enterro deles. Ficamos com a angústia de ter iniciado um trabalho que poderia render bons frutos e que só não prosseguiu por falta de investimentos. O coração fica apertado. É como aquela pessoa que se prepara a vida inteira para uma corrida e na véspera da competição sofre um acidente", lamenta Flariston, envolvido agora com as atividades do Centro de Profissionalização de Adolescentes (CPA), que atende gratuitamente 250 menores da região e oferece cursos de mecânica geral, desenho técnico, eletricidade, serralheria e informática. Mais uma tentativa de ocupar o tempo de garotos acostumados a conviver dia a dia com a violência, agora com o apoio do Senai e da Prefeitura de São Paulo. "Não dá para desistir. Caso contrário, tudo ficará muito pior", acredita. Do trabalho com os menores infratores, Flariston guarda impressões fortes sobre a dinâmica da droga e a violência no bairro e região. Entre setembro de 1991 e agosto de 1992, por exemplo, sua pesquisa no Instituto Médico Legal (IML) que atende a região apontou um dado preocupante: uma criança ou adolescente morria a cada 20 horas por morte violenta. Diretamente por homicídio a média era uma criança ou adolescente a cada 36 horas, todos moradores da Zona Leste de São Paulo. "Hoje, a situação está muito mais complicada por causa do avanço rápido do crack. Muitos países em guerra não matam tantas crianças e jovens desse jeito e em tão pouco tempo", afirma. O combate à violência continua sendo sua meta.

A convivência diária com menores infratores viciados revelou o tamanho real do estrago provocado especialmente pelo crack. Sua ligação é direta com a violência. Passamos a conhecer os meandros desse mundo sem regras. Fizemos contatos com as famílias, amigos e passamos a visitar os locais onde os menores se abasteciam de pedras. Percebemos logo de cara que estava à vista apenas a ponta de um grande iceberg, o do tráfico, da prostituição infantil, das mortes violentas e do extermínio. Cem meninos foram acompanhados. Sentimos de perto o desespero de mães que tentavam envenenar os filhos para não vê-los assassinados pela polícia ou enterrados como indigentes. Sinal de tragédia para abreviar a dor, o peito apertado, a angústia. Vontade de abreviar uma situação colocando inseticida no prato de comida do querido e perdido filho.

Duas mães tentaram envenenar seus filhos viciados em crack dessa maneira. Desistiram. Algum tempo depois, uma delas, com dois filhos, viveu o drama de perder os dois assassinados num curto espaço de tempo entre uma morte e outra. Aconteceu o que ela temia. A

explicação estava na droga, estava no crack. Tivemos contato com meninos de 12 anos que fumavam crack desde os oito. Muitos deles passavam dias longe de casa. Ficavam nas "bocas" usando a droga por horas seguidas. A principal fonte de recursos para as drogas são os pequenos furtos residenciais ou no comércio local.

A polícia sempre se posicionou de forma omissa ou conivente. Os adolescentes comentavam de muitos acordos entre policiais e traficantes, assim como de policiais viciados. Quando presos, eram torturados em delegacias para que informassem os locais de venda de crack. Isso quando não eram obrigados a dividir o que tinham roubado para conseguir a liberdade. Voltavam às ruas com hematomas, luxações, sem nem mesmo ter sido registrado um boletim de ocorrência. Tentamos as alternativas das casas de recuperação. Corremos todo o interior de São Paulo entre entidades da Igreja Católica ou de igrejas evangélicas.

Muitos menores foram encaminhados, poucos ficaram. Entre os que aceitaram o tratamento ou não quase todos foram novamente absorvidos pela dura realidade de São Mateus, o crack. Alguns desapareceram, outros foram violentamente assassinados nos conflitos de gangues ou como queima de arquivo. Verificamos que precisávamos de dados mais precisos sobre essa situação. Foi a partir daí que decidimos fazer a pesquisa. Quando fazíamos a relação das mortes violentas com o consumo de crack, os técnicos do IML diziam que não havia vestígios no corpo em proporção que os levasse à morte por overdose.

Era difícil convencer as pessoas de que o "círculo da violência" envolvendo usuários, traficantes, famílias desesperadas, vítimas de furtos e policiais suspeitos era a verdadeira causa marte. O nível de violência é tanto que não dá nem tempo para a overdose. A morte chega primeiro. Não houve apoio para a divulgação da pesquisa e aprofundamento dos dados. A equipe do centro de defesa se dispersou, restando apenas alguns inquéritos de adolescentes assassinados que acompanhamos até hoje sem ver os acusados em julgamento ou presos. Para nós que moramos e continuamos trabalhando com crianças e adolescentes de São Mateus, uma frase não sai da cabeça: "crianças e adolescentes — cidadania ou morte". Este é o dilema de nossa região em função da falta de políticas públicas que garantam alternativas de cultura, lazer, esportes, assistência social e profissionalização.

Aqueles que fazem das ruas espaço de luta pela sobrevivência e até mesmo moradia são vítimas de abusos, crueldades. Essa violência, com frequência, tem assumido a forma de extermínio, morte precoce de forma violenta. Tragédia do cotidiano. Nada mudou. Pior: está tudo mais complicado. Mata-se por tudo e por nada. O nada e o tudo representam o crack, o combustível para toda essa desordem social.

Maria Laura Bezerra tem 50 anos e mora em Guaianazes, no extremo da Zona Leste de São Paulo, desde 1980 quando chegou da Bahia com o marido, pedreiro, e cinco filhos. Joaquim perdeu a conta de quantas casas ajudou a construir na cidade. Mas o dinheiro sempre contado

mal deu para levantar sua própria casa. A família numerosa e o vício da bebida minguraram o dinheiro, o salário. O casal vive hoje com apenas quatro filhos num barraco de dois cômodos sem água e energia elétrica, o mesmo que abrigou há mais de uma década a esperança de vida melhor dos retirantes. Joaquim mostra as mãos calejadas como prova do ofício, nada fácil, da areia, cimento e concreto. Maria divide o tempo entre o pequeno tanque e um trecho de terra no quintal onde planta alface e alguns temperos, como coentro. O vazio toma conta do casal quando o filho mais novo, Fernando, de 16 anos, lembra do irmão mais velho. Armando, morto aos 21 anos por traficantes numa emboscada na avenida Marechal Tito, antiga estrada São Paulo— Rio, numa madrugada de março de 1995. Nandinho, como era conhecido, fumava crack havia oito meses e já não tinha mais roupas, muito menos dinheiro, para pagar a dívida de R\$ 70,00 com um traficante de crack. Pagou a dívida com a vida. A mãe acompanhou o drama e, por duas vezes, pensou em matar o filho. Para ela, seria uma maneira de abreviar o sofrimento provocado pelo crack, colocar um ponto-final numa história que tinha o seu final traçado.

Sabia que ele ia morrer. Orava todo dia, mas aqui no peito, apertado, alguma coisa me dizia que mais cedo ou mais tarde ia receber a notícia da morte do meu filho. Ele era um rapaz bom. Pode perguntar em toda a vizinhança. Mudou muito depois que começou a fumar aquele negócio. Pegava as poucas coisas que a gente tinha e vendia tudo. Não conseguia ficar sem a pedra. Olha, meu filho, sou religiosa e nunca, mas nunca fumei nada, nem cigarro de palha como fazia o meu pai lá no sertão. Não sou dessas coisas. Meu marido, de desgosto, bebe cachaça. Quando fica sem serviço, bebe mais ainda.

Nandinho andava com rapazes que faziam mal aos outros. Cansei de dar conselhos, mas sabe como é jovem, não liga pra velho.

Já não agüentava mais sofrer Só a morte colocaria tudo em seu lugar Sabia que ele ia morrer, mas meu coração foi ficando apertado a cada dia. Pensei em matar o meu filho com uma machadada. Queria acabar com aquela angústia toda. O menino não tomava jeito. Ele ia morrer Isso era certo. A droga mudou muito ele. Ele seria matado por policiais ou por aqueles que ficavam ameaçando ele. Nandinho estava sem saída. Roubava e assaltava para conseguir o crack. Tinha dívida e sem dinheiro como é que eu poderia ajudar? Não gosto nem de lembrar, mas ele batia nos irmãos mais novos e agredia eu e meu marido com palavras. Dizia que estava daquele jeito porque era pobre. Se fosse rico, morava melhor, comia melhor, e não tinha se envolvido com a malandragem do bairro. Pode até ser Somos pobres honestos, mas ele não entendia isso.

Numa tarde, dois homens de cara feia bateram no barraco atrás dele. Deram um recado: "Dona, avisa o Nandinho que ele vai morrer se não pagar o que deve pra gente ". Meu coração gelou. Senti que o dia estava chegando. No mesmo dia, um carro de polícia passou pela favela atrás dele. Senti o significado daquele aperto no peito. Tinha uns três dias que ele

não aparecia em casa. Passei a noite em claro olhando para o machado do meu marido. Na minha cabeça vinha uma cena horrível: eu, chorando, dando uma machadada na nuca dele. Eu queria matá-lo primeiro. Antes da polícia ou dos traficantes. Queria matar ele pondo veneno na comida, com machado, até com um tiro. Deus ia me perdoar. Sabia da minha angústia, do meu sofrimento e do sofrimento dele também. Ele estava procurando a morte, mas faltava coragem para fazer isso. Esse pensamento me acompanhava. Falei com o Joaquim. Sabe que ele já tinha pensando em fazer isso também? Antes morrer nas mãos dos pais do que nas mãos dos bandidos ou policiais. Faltava coragem.

Quando ele entrou pelo barraco, olhei para o machado. Cheguei a me aproximar dele, mas desisti quando Nandinho me abraçou. Chorei muito, de soluçar Não poderia matar o meu filho, carregar essa culpa para o túmulo por causa de uma droga. Ele. vivia tremendo. Naquele dia, comeu bastante e brincou com o Félix, o vira-lata que tá lá no quintal. Oh! Meu Deus, o bichinho adorava ele... Nandinho acabou de comer e saiu. Sabia que ia acontecer alguma coisa. Quando falei da ameaça dos traficantes e da polícia, ele disse: "mãe, reze por mim, mas não se preocupe, estou bem". O machado ficou lá, parado. Dez da noite veio a notícia. Dois homens tinham dado seis tiros na cabeça dele. Aquela cena que eu imaginei tinha virado verdade. Parecia um sonho, mas sabe quando você já imagina a cena? Numa esquina, estava o corpo meio enrolado do meu filho com a cabeça toda aberta, destrocada.

Não esqueço nunca aquilo. Deus o tenha! Não esqueço meus pensamentos. Fico pensando: será que não teria sido melhor se tivesse tido coragem de matar meu filho? Seria uma demonstração de amor, não de violência. A gente sofre muito... Fica desesperado. Ele faz falta, apesar de ter maltratado muito a gente. Era um sentimento de revolta e amor Só uma mãe que passa por isso é capaz de entender esses sentimentos. Peço perdão a Deus por ter pensado duas vezes em matar meu filho, mas sei que se tivesse feito isso ele iria me perdoar Sabia que ele ia morrer Não queria que ele sofresse mais por causa dessa droga que tá matando um monte de gente por aí. Olha, moço, essa foto. É quando ele tinha três anos. Era bonitinho o danado. Nunca imaginei que fosse virar um perdido na vida. Pois é, meu filho, mãe se engana, sabe... Pode anotar aí. É a verdade, infelizmente, moço.

PRIMEIROS PASSOS

Minha batalha continua. Estou firme no propósito de ajudá-lo.

Não vou desistir do meu filho.

Pai esperança

Para experimentar o crack pela primeira vez basta conhecer alguns usuários, saber onde comprar as pedras, fazer o cachimbo e se preparar para uma viagem de menos de dez minutos. Uma não, várias viagens, algumas seguidas. E sempre assim. Para abandonar as pedras, no entanto, não é tão fácil. Caminho árduo, tortuoso. Embora o organismo consiga se livrar do crack que o contamina em apenas 72 horas, os índices de recuperação não ultrapassam os 35%. Pela potência da droga e pelos inúmeros estragos que faz ao organismo, esse índice, baixo diante da recuperação de viciados em outras drogas — 50% nos casos de cocaína aspirada — é visto por especialistas como muito positivo. Mas a desintoxicação orgânica representa apenas 1% do tratamento. O maior problema é a dependência psicológica. Por isso, até que o usuário encontre seu ponto de equilíbrio, ocorrem muitas recaídas. O tratamento de um dependente químico é sempre uma trajetória penosa, onde os obstáculos começam na escolha do local para dar os primeiros passos em direção ao abandono das pedras.

O estado, que poderia investir em campanhas de conscientização e atendimento a viciados, pouco ou quase nada oferece aos que não podem pagar as salgadas diárias de clínicas particulares. Em alguns hospitais públicos, despreparados, não é raro ver enfermeiros e até mesmo médicos que não conseguem distinguir uma crise psicótica de uma deficiência mental. São Paulo tem dois hospitais públicos especializados, onde a situação é diferente, já estão habituados à rotina do crack: Hospital Geral de Taipas e Hospital Água Funda. O problema é o pequeno número de leitos disponíveis. No Hospital Água Funda — o antigo manicômio — são apenas 30 vagas por mês para o trabalho de desintoxicação e 18 para o tratamento terapêutico específico para crack e outras drogas, principalmente álcool e cocaína em pó. A primeira fase, a desintoxicação, dura 15 dias. O tratamento específico pode terminar em um ou dois meses, dependendo do caso.

A fila de espera por uma vaga no hospital chega a dois meses. "Temos uma limitação e precisamos respeitá-la para que o trabalho seja bem realizado", comenta o psiquiatra Pêrsio Gomes de Deus, coordenador do hospital. Após a desintoxicação, o paciente decide se quer ou não o tratamento terapêutico. Nada é imposto. Em muitos casos, ele não tem condições de decidir em consequência de estar "baleado" pela droga. É o momento em que a família se

manifesta. Existe ainda a possibilidade de transferência para outros hospitais ou acompanhamento em ambulatório. Durante o tratamento são feitos exames de todo tipo para se chegar a uma radiografia do estado de saúde. "O paciente pode tomar vitaminas. Nos casos mais delicados são receitados protetores hepáticos e neuro-protetores", explica o psiquiatra.

Por mês, passam pelo Água Funda uma média de 120 pessoas, entre pacientes novos, em fase de acompanhamento clínico e ex-pacientes. O índice de recuperação é de 30%. O cálculo desse índice é feito com o acompanhamento mensal dos pacientes que receberam alta. É uma contagem mensal, atualizada. Ao sair do hospital, ele passa a ingressar o grupo de retorno, onde são feitas avaliações periódicas sobre sua relação com o mundo lá fora. Essas pessoas contribuem muito no tratamento, pois contam para os novatos suas experiências, as dificuldades para mudar de vida, como conseguiram abandonar o vício. Servem de estímulo. "É gratificante ver jovens voltando a estudar, namorando, com vida controlada", afirma Gomes de Deus. Além do trabalho clínico é feita também uma dinâmica com artes, esportes e teatro. Os pacientes, agora atores, montam peças relatando suas histórias. "Essa pessoa precisa ser reintegrada à sociedade. Temos pacientes que deixaram as pedras de crack há dois anos. Sem dúvida, uma vitória", comenta o psiquiatra, empolgado com os depoimentos deixados pelos pacientes, publicados quinzenalmente no jornal interno do hospital, como estes:

Quando cheguei ao hospital pensei que seria como um outro em que estive internado. Achei que fosse ficar somente tomando remédios por vários dias. Nos primeiros dias, entrei em depressão. Estava longe da família, mas sabia que era para o meu bem. Depois da desintoxicação, decidi continuar o tratamento, mas não sabia como era. O tratamento terapêutico é diferente. Aprendi muito sobre o mal que estava fazendo ao meu corpo. Fiz trabalhos com pintura e que serviu para eu descobrir o que tinha levado para as drogas. Conheci meus inimigos internos. Aprendi que a família de um drogado também fica doente. A minha estava. W.P.S.

O Hospital Água Funda foi a primeira internação. Quando cheguei, fiquei assustado com o estado das pessoas internadas. Não encontrava em meu interior espaço, lugar para estar com eles. Fiquei furioso, telefonava quase todos os dias para a minha família. Queria sair Após uma semana, mais calmo, percebi que realmente era doente. Sou um dependente químico. Aprendi muito sobre o mal destruidor que a cocaína, o crack fazem no corpo humano. Aprendi que minha doença é crônica, incurável, porém recuperável. Tinha esquecido há muito tempo o que era disciplina, atenção, paciência. Passei a gostar mais de mim. Agora tenho objetivos. Saí daqui sem medo de enfrentar novamente a vida lá fora. Saí novo como uma árvore de raízes fortes e profundas. N.F.M.

Achei importante as palavras, os depoimentos, assim como o tratamento que estou fazendo. Espero guardar tudo o que estou aprendendo. Aprendi a conversar, a prestar atenção aos assuntos e até brincar, se divertir, sem precisar estar bêbado e drogado. Com o grupo de retomo, observei as histórias de vitórias e fracassos. Foi muito importante. São experiências que nos fortalecem. Quando sair daqui vou cuidar do meu corpo, do meu espírito. Quero paz interior. L.C.G.

As formas de tratamento dividem os especialistas. Qual a melhor alternativa? Qual a técnica mais adequada? É possível tratar um dependente químico sem internação? Essas perguntas fomentam discussões calorosas quanto ao caminho a ser apresentado ao viciado em crack. Pêrsio Gomes de Deus defende a internação como uma das alternativas e faz outras observações.

Geralmente cada profissional tende a achar sua maneira de tratar o problema melhor que a dos demais. Alguns enfatizam mais os problemas bioquímicos, outros dão mais importância à predisposição tanto hereditária quanto de personalidade. Outros entendem que o problema nuclear são os conflitos psicológicos profundos que desestruturam a personalidade. Têm aqueles ainda que centram sua atenção na dinâmica familiar e no meio social indutor ou facilitador Sabemos que todos esses fatores influenciam na dependência química e, portanto, num tratamento todas essas variantes devem ser consideradas. Algumas considerações podem ser aplicadas a qualquer forma de tratamento.

A primeira é que toda forma de tratamento é boa desde que realmente consiga ajudar o dependente químico a se livrar da droga, do crack. Não existe tratamento perfeito, ideal. Todas as formas de tratamento, clínico, ambulatorial, clínicas abertas, fechadas, grupos de auto-ajuda, religiosos, devem buscar isso. Todos podem contribuir nesta batalha. Há pacientes que se adaptam mais a um tipo de abordagem. Esse "tempo" do paciente deve ser levado em consideração. Não devemos no tratamento lutar contra as drogas, mas lutar a favor do paciente, investindo na pessoa do dependente químico. Se formos lutar contra as drogas, perderemos a briga, perderemos tempo e não vamos ajudar ninguém. Há profissionais que encabeçam a luta contra as drogas. O compromisso deve ser de libertar o paciente da escravidão imposta pela droga, não o contrário.

Sabemos que a pessoa que usa crack passa por problemas emocionais muito sérios. Emoção e emoções negativas, dor, sofrimento, angústia, desespero. Tentam com a experiência do crack uma overdose emocional tão intensa que as outras emoções, as do cotidiano, ficam pequenas, anestesiadas. O efeito do crack passa e essas emoções retornam mais negativamente ainda, pois estão acrescidas de culpa e das perdas que o vício impõe. Com isso, o indivíduo usa mais e mais. Forma-se um círculo vicioso, maldito. Este é o ponto principal. O dependente só

se libertará de tudo isso se houver uma emoção muito maior que todas essas que ele viveu com a droga. Temos que batalhar por esta emoção libertadora. Esse é o desafio de qualquer tratamento. Uma emoção de alívio, de satisfação. O tratamento que conseguir "emocionar" o paciente e fazê-lo sentir algo tão bom quanto ele acredita sentir com o crack, terá êxito, está no caminho certo.

O amor de uma mulher, por exemplo, pode ter a força emocional de resgatar um viciado. A proximidade com Deus também pode surtir esse efeito. Ele precisa estar ligado a alguma situação que promova um vendaval benéfico em sua vida. Sem transformação, não importa de qual ordem, não há libertação. O tratamento não pode meramente informar, ele deve propor mudanças. O grande veículo dessa transformação é, sem dúvida, a emoção.

Mas abandonar as pedras é uma tarefa tão complicada quanto se afastar de uma paixão enlouquecedora, cega, daquelas de tirar o fôlego, mas que faz mal, muito mal. Mas no meio deste túnel escuro, é possível ter luz, iluminação clara, aparente. Entre instituições públicas e privadas, o dependente químico tem à sua disposição um variado leque de opções. Dos serviços gratuitos ou que pedem taxas simbólicas até clínicas sofisticadas que chegam a cobrar US\$ 6 mil por mês. Os tratamentos também são diferentes, seguem princípios distintos. No tratamento ambulatorial, por exemplo, o paciente continua vivendo em casa e comparece ao hospital para receber doses de medicamentos e participar de sessões de psicoterapia. "O paciente continua em contato com o mundo", explica Arthur Guerra, coordenador do Grupo de Estudos de Álcool e Drogas (Grea), do Hospital das Clínicas de São Paulo, defensor dessa dinâmica e contrário à internação em hospital psiquiátrico "por estigmatizar o paciente".

Na linha ambulatorial trabalham o Hospital das Clínicas e os dois ambulatórios vinculados à Universidade Federal de São Paulo, antiga Escola Paulista de Medicina — o Programa de Orientação e Atendimento a Drogados (Proad) e a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (Uniad). Equipes multiprofissionais — psiquiatras, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, terapeutas — prestam atendimento em grupo e individual. O índice de recuperação — 30% — é animador. Este tipo de tratamento costuma agradar a viciados e famílias que não querem se afastar. Como não sai do ambiente, corre o risco de encontrar as pedras no meio do caminho, na esquina. É um risco.

Quando cheguei no fundo do poço, comecei a pedir socorro. Sabia que se não gritasse por auxílio teria morrido. A morte pelo crack não é lenta. Vem de uma vez e isso assusta muito. Queria abandonar as pedras, mas não sabia como. Melhor, sabia que queria tratamento, mas não em hospital. Nunca gostei. Queria algo mais leve e que pudesse apresentar resultados, sem estar longe da minha família. Eles são importantes nesta fase e precisam estar próximos. Se tivesse sido levada a um hospital, não teria conseguido parar. O ritmo de um hospital, sem

individualidade, me assusta muito. Hoje, estou controlada e comemoro dois meses sem pipar E uma vitória diária. A de hoje já garanti. Vamos ver amanhã.

Malu, 32 anos, escriturária, faz tratamento no Proad

Hospital é deprimente. A gente chega frágil, confuso, tenso. O ambiente fechado causa pânico, deixa mais louco ainda. Não queria sair de perto dos meus irmãos, da minha mãe e meu pai. Eles já sofreram muito e, quando pedi ajuda, decidiram ficar ao meu lado. Quero agora compensar os dias, semanas, meses que fiquei longe deles por causa do crack. Sinto falta da droga. Sinto que meu corpo pede, mas estou disposto a mudar Não suportaria passar duas horas num quarto de hospital com uma pessoa que nunca vi na vida. Passo por aqui algumas vezes por semana. O fato de saber que depois de toda a conversa, exames, trabalhos em grupo, estarei protegido em casa, me deixa aliviado. Espero sair dessa. É uma tarefa difícil, mas a vida não é feita de desafios? Esse é o meu.

Alessandra, 20 anos, estudante de direito, se trata no Grea

A Cruz Vermelha Brasileira de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, optou pelo meio-termo. Os pacientes ficam todo o dia em um casarão — de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 18 horas — onde recebem assistência psicológica e aulas de serigrafia e artes, além de serviços de manutenção, limpeza e cozinha. O trabalho parte do princípio de que a reorganização da "vida psíquica" começa pelas pequenas coisas da vida prática. O trabalho da Comunidade Terapêutica (Cote) começou no final dos anos 80 na zona rural do estado. Numa fazenda, os pacientes cuidavam da agricultura e da criação de cabras. "Percebemos que esse trabalho estava dissociado da realidade deles. A maioria morava na capital ou em cidades de médio porte", explica Suzana Schneider, uma das fundadoras da comunidade. Ficou decidido, em 1991, que a comunidade terapêutica passaria a ser urbana.

O tratamento dura no máximo nove meses. Dependendo do caso, o tempo de atendimento pode ser maior. A pessoa paga uma taxa de um salário mínimo para custear as três alimentações feitas por dia. A comunidade é mista e tem capacidade para atender apenas 15 pessoas por mês. O índice de recuperação gira em torno de 50%. "É uma estimativa. O resultado positivo depende de cada paciente, mas temos conseguido bons índices", pondera Suzana. O trabalho com os viciados é feito por 50 voluntários, como psicólogos, psiquiatras, pedagogos, terapeutas familiares, dentistas e professores.

Estou na fase final do tratamento. Optei por esse meio-termo porque não me adaptaria ao esquema de um hospital. Acho radical demais. Também não teria muito proveito ficar só no tratamento de ambulatório. E pouco para o estado crítico em que me encontrava. Foi uma decisão acertada. Passei por todas as fases, cumri todas as tarefas e sinto que mudei. Mudei

porque estava querendo mudar. Já tinha tentado outras alternativas, mas não estava decidido a parar, a melhorar Agora não. Eu escolhi aqui e não quero fazer feio para a equipe dedicada que me acolheu. Na verdade, não quero fazer feio para a minha cabeça mesmo. Agora, estou me preparando para andar sozinho. Antes, andava carregado ou de muletas.

Flávio, 28 anos, desempregado

Cheguei com a sensação de que estava em outro mundo. A fissura era tão grande que mal conseguia falar Tremia, suave, parecia uma goteira humana. Passo o dia aqui e depois vou pra casa. E como se eu estivesse trabalhando ou estudando. No final do dia, estou seguro na minha casa, aqui perto. Não estou fazendo isso pra agradar ninguém. Faço por mim. Não culpo nada e ninguém por estar passando por isso. Tinha de ser assim. Só que já sofri muito. Minha cota de sofrimento acabou. Fiz muitas pessoas sofrerem. Decidi mudar e aqui encontrei paz, compreensão. Estou no meio do caminho. Sei que ainda falta um bom chão, mas estou tranquilo. Sei que vou conseguir sair dessa. Não quero mais mentir pra ninguém, nem pra mim.

Thalles, 23 anos, estudante

O luxo de muitas clínicas não é a garantia de bom atendimento, de resultados práticos. Algumas foram fechadas porque faziam "vista grossa" para o consumo de crack entre seus pacientes instalados em confortáveis quartos e jardins bem tratados. É recomendável, então, consultar mais de um médico antes de optar por um local, por uma forma de tratamento. O conceito de cura das mais diferentes frentes de recuperação também é discutível. Há linhas de tratamento que só dão o paciente por curado após cinco anos de abstinência total. Outras consideram a dependência química incurável, apenas controlável. Por esta análise, o paciente nunca seria capaz de estabelecer limite para o consumo de qualquer tipo de droga, mas poderia se manter são desde que obedecesse rigorosa abstinência. Essa é a posição de clínicas de orientação religiosa ou vinculadas aos Narcóticos Anônimos (NA), grupo formado em julho de 1953 nos Estados Unidos por homens e mulheres para quem as drogas se tornaram um problema maior. A sociedade sem fins lucrativos está espalhada hoje por vários países.

No Brasil, as reuniões abertas do grupo acontecem desde o final dos anos 80 em todos os estados, nas principais cidades. Trezentos grupos funcionam regularmente. Pessoas em recuperação se reúnem para manter o propósito da abstinência de todas as drogas. O requisito para ser membro é o desejo de parar. Qualquer pessoa pode se juntar ao grupo, independente de idade, sexo, raça, identidade sexual, religião ou falta de religião. O NA não é filiado a nenhuma organização, não existe matrícula, taxas nem compromissos escritos. O lema é: já pagamos pelo direito à recuperação com nossa dor. O grupo usa a ferramenta dos 12 passos para manter o propósito de "estar limpo" — sem drogas. Cada integrante, no seu tempo, deve seguir etapas, como: admitir que era impotente diante da droga e, assim, a vida tinha se tornado incontrolável;

acreditar num poder maior para conseguir de volta a sanidade; decidir entregar a vontade e a vida aos cuidados de Deus; fazer um profundo e destemido inventário moral; admitir a natureza exata das falhas; deixar nas mãos de Deus a remoção de todos os defeitos de caráter; pedir com fé a remoção desses defeitos; fazer uma lista das pessoas prejudicadas por causa do vício; reparar erros com essas pessoas; continuar o inventário pessoal e admitir que estava no caminho errado; meditar e fazer preces para melhorar o contato consciente com Deus e levar a mensagem para pessoas que estejam envolvidas com drogas.

Participar deste grupo foi a maneira que encontrei para não esquecer o que passei. Com o tempo, o sofrimento ganha uma cor diferente. Chega a perder o impacto. Para um dependente químico isso pode significar retorno às drogas a qualquer momento. Aqui, falo da minha experiência, sigo todos os passos e ajudo aqueles que, como eu, estavam sem esperança. A cada dia preciso repetir que venci a batalha de ficar distante das drogas. Sei que não tenho cura, mas consigo me controlar e isso é o bastante. Amanhã é um outro dia e a determinação precisa ser a mesma para não ceder à vontade. Fumei crack por seis meses. Fiquei limitado. Hoje, sinto que avancei, mas ainda falta, sempre falta...

Rodrigo, 18 anos, estudante, três meses no NA

Nada melhor do que conversar com pessoas com histórias parecidas. Fiz o tratamento na clínica. Segui todas as recomendações médicas, mas precisava de um estímulo diário para não voltar ao crack. Contar quantos dias estou sem pipar é a minha diversão. Chego até a contar as horas. É engraçado, mas isso te deixa vitorioso. Estou conseguindo cumprir minhas metas. Se tivesse saído da clínica e não tivesse procurado ajuda, acho que teria voltado. Sigo todos os passos e fico feliz quando uma nova pessoa entra para o grupo. Somos unidos, como uma família. Isso me conforta e me deixa longe das pedras que fumei por quase um ano.

Marcelo, 30 anos, designer, dois anos de NA

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad), ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ), é o único centro de atendimento de usuários de drogas da cidade que não exige a abstinência do paciente. A prioridade do tratamento é detectar a causa do abuso de drogas. Para 20 terapeutas do núcleo, proibir o uso é como pedir para uma pessoa que come muito por causa de distúrbios emocionais que pare de se alimentar. O usuário que pretende abandonar a dependência química no Nepad submete-se a tratamento que inclui acompanhamento médico e sessões de terapia, incluindo a ocupacional, encarada como uma alternativa de resgate do prazer antes só conseguido com o consumo de drogas. "Não atendemos ainda a nenhum caso de viciado em crack, mas temos todas as informações sobre o assunto. É

uma droga nova que não conseguiu avançar sobre o Rio de Janeiro", comenta Maria Thereza Aquino, diretora do Nepad.

Em dez anos, foram nove mil pessoas atendidas, entre viciados e familiares. Só nos quatro primeiros meses de 1996 foram cadastrados 900 casos novos. "A droga é um parêntese que a pessoa faz em sua vida. É possível fechar esse parêntese e seguir adiante. Temos casos de pessoas que abandonaram as drogas há oito anos e estão muito bem", afirma. Quando foi criado, o Nepad tratava exclusivamente de viciados em maconha. Hoje, 90% dos casos são de pessoas dependentes de cocaína. "Muitas vezes, a família inteira comparece às sessões e o resultado é positivo. O diálogo é restabelecido e isso facilita muito as coisas", comenta Maria Thereza. O consenso entre os especialistas é que a pessoa precisa estar disposta a se livrar do crack para que o trabalho de recuperação seja positivo. Essa vontade nem sempre chega pela conscientização dos efeitos e malefícios que as pedras geram, mas devido ao estado de envolvimento e, principalmente, pelo medo que o dependente começa a ter da morte por *overdose* ou por assassinato. É comum o dependente ficar devendo grandes quantias para traficantes ou se envolver em roubos para conseguir dinheiro para o crack.

A FAMÍLIA

Alguns psicólogos e clínicas que seguem as diretrizes dos 12 passos do NA acreditam que os usuários de crack só pedem socorro quando chegam ao fundo do poço. Para Tércio Mesquita, psicólogo que trata de dependência química há 15 anos, o melhor caminho é aproximar, colocar na frente do viciado esse fundo do poço. A família deve parar de protegê-lo. Não facilitar dando dinheiro ou encobrindo suas besteiras. Ele deve se sentir responsável por suas atitudes e arcar com elas. "A família é fundamental no tratamento e também precisa de acompanhamento especializado para saber como agir com um usuário de crack. Às vezes, percebemos que é a família que precisa mais de tratamento e equilíbrio do que o próprio dependente", observa. A regra básica é manter diálogo franco e aberto. Não esconder o fato de outros familiares, por conta da vergonha, e ser severo mostrando, a todo momento, as perdas que esse dependente está tendo com a droga. "É fundamental que os pais sejam observadores, pois os dependentes químicos, de forma geral, têm sempre as mesmas características: começam a ir mal na escola, dormem durante o dia e saem todas as noites, largam os empregos, desistem dos estudos e até do esporte favorito, ficam muito fechados e não participam mais dos eventos familiares", descreve.

Apesar de tantas dicas e rastros que o dependente deixa, muitas famílias fecham os olhos ou por falta de informação ou por considerar que a aventura é coisa de jovem, de pessoa imatura, que vai passar. Infelizmente, não será com um simples diálogo que tudo se resolverá. A

estrada da recuperação é sinuosa. O dependente tem o poder de seduzir e chega a prometer que não irá fumar mais — a mentira faz parte do seu cotidiano e ele sabe usá-la como ninguém. Com a divulgação das reuniões dos integrantes do NA, surgiram no Brasil entidades específicas para orientar familiares. Caso do Amor Exigente e Nar-Anon, que parte do princípio de que uma pessoa confusa, indecisa, histérica, ansiosa, zangada não é uma pessoa ideal para conviver ou ajudar alguém com um problema de abuso de drogas. Membros da família ficam emocionalmente desestruturados. Muitas vezes os esforços dos parentes e amigos acabam levando o dependente à revolta. Imobilizados por uma sensação de fracasso, esses pais, mães, irmãos, primos e amigos, na maioria das vezes, resistem à realidade e relutam em procurar ajuda da mesma maneira que o dependente. Para os organizadores dos grupos de apoio, o membro mais próximo de um dependente deve procurar primeiro um tratamento. Saber mais sobre a dependência química, mudar seu comportamento para poder ajudar.

Sentimento de Vergonha

Estou dando hoje um dos depoimentos mais importantes da minha vida. Digo isso porque é a primeira vez que levo a público de que forma iniciei a minha vida consciente. Foi em novembro de 1995, quando fui pela primeira a uma reunião do grupo Nar-Anon. Não esqueço o sentimento de vergonha e desespero que estava quando pisei na sala de encontro. Fiquei pensando: não quero que saibam que sou mãe de um filho que se droga — era assim que, por preconceito e ignorância sobre a doença, eu pensava de um dependente químico. Ao mesmo tempo que sabia da necessidade de ser ajudada, não queria ser parte daquele grupo. No fundo no fundo, me achava longe daquela realidade. Achava que aquele sonho ia passar e, assim, poderia voltar à minha suposta normalidade.

Eu me sentia soberana enquanto todos me abriam os braços com paciência e amor porque já haviam passado pelo mesmo processo. Até que as verdades que ouvia na forma de depoimentos e a progressão da droga na vida do meu filho deram um xeque-mate no meu orgulho. Orgulho de alguém que chora porque seu filho "não pode" ser como sua mãe o idealizou. Foi uma mexida interior profunda e doida. Tudo em mim doía. Doía a minha impotência que me obrigava a cair do pedestal, me tirava o poder até então exercido por mim na minha família. Doía "ter" que admitir que estava precisando daquele tratamento de choque emocional pra cair na real, pois estava tão doente emocionalmente quanto o dependente químico com quem convivía.

Naquele novembro de 1995, iniciei meu verdadeiro tratamento espiritual, emocional e físico. Tudo em mim estava doente, principalmente a alma. Divido hoje minha vida antes e depois daquele dia. Antes e depois do Nar-Anon. Conheci um grupo maravilhoso que me

recebeu de braços abertos e me aceitou com todos os meus defeitos de caráter, sem críticas. Estou aprendendo a lidar com os meus medos, não sinto mais culpas. Aprendi que a minha mudança, um dia de cada vez, provoca verdadeiros "milagres" em nossa relação familiar, principalmente com o dependente, que passa a se responsabilizar pela sua própria vida, mas tendo a certeza de que não está abandonado.

S., de 39 anos

Culpa dos outros

Carlos começou a regredir na escola a partir da 5ª série. Achei que o fracasso era a escola. Mudei e de nada adiantou. Continuou o mesmo. Os professores tentaram me alertar sobre as companhias que ele andava. Ele estava desatento nas aulas, mas eu não queria enxergar. Sempre coloquei a culpa nos outros, mas me enganei. O problema era ele mesmo. Quando descobri que Carlos estava envolvido com drogas, ele já havia abandonado a escola. Não queria acreditar no que estava acontecendo. Tinha o que queria. Antes de saber, pensava: imagina que meu filho vai se envolver com drogas, isso é coisa de menino de rua, sem família.

Começou minha luta. Procurei vários caminhos. Meu filho passou a ficar agressivo. Agredia principalmente as pessoas que mais o amavam. Chegou a tentar matar o irmão, que era seu melhor amigo. Ele estava inteiro no crack, entrando na marginalidade. Estava numa igreja quando recebi um convite para um encontro. Ouvi depoimentos de outros pais com o mesmo problema. Percebi que ali era o meu lugar. Era o que estava procurando. Passei a seguir todos os passos propostos pelos organizadores do Nar-Anon. Carlos percebeu minha mudança. Decidiu buscar ajuda. Hoje, ele está em recuperação e não está usando mais o crack. Está se transformando em uma outra pessoa.

Dulce

FELIZ SÓ POR HOJE

Sempre notei que meu irmão era diferente. Sentia nele uma tristeza profunda em alguns momentos e uma euforia contagiante em outros. Queria ser sua amiga, mas ele passava a maior parte do tempo fora de casa. Isso gerava brigas, pois meus pais não aceitavam desculpas por ele chegar sempre muito tarde em casa. Um universo de medo, pois não tínhamos paz. Brigas constantes. Clima pesado em casa. Queria sair daquele inferno, mas não sabia como. Ouvia falar "coisas" dele, mas não queria ouvir. Até que começaram a sumir coisas de casa e as mentiras passaram a ser constantes.

A constatação de que realmente algo estava errado com ele foi num dia de calor de 35 graus e ele teimava em ficar com uma blusa de manga comprida. Gelei. Já tinha ouvido dizer de pessoas que se drogavam, picando na veia. Pouco tempo depois, conversei com ele. Me contou que usava droga desde os 12 anos. Fumou maconha uns bons anos e estava na cocaína. Cheirou um tempo, mas se identificou com a injetável. O inferno agora era o maior de todos. Ninguém sabia o que fazer, mas alguém precisava fazer alguma coisa. Buscamos uma internação, a primeira de uma longa série. Como não sabíamos nada sobre o assunto, achamos que a internação resolveria todos os problemas. Ledo engano. O uso de drogas era algo muito mais sério. A primeira internação durou um mês. Foi expulso da instituição. Na segunda vez, ficou um ano. Voltou e, uma semana depois, encontrei seringas no banheiro. Tomei uma decisão: sair da faculdade que eu adorava para cuidar dele. Deixei de viver a minha vida e me concentrei na dele. Eu queria curá-lo. Não tinha cabeça para mais nada.

Num dia de crise familiar, ele e sua namorada me convidaram para ir a um grupo de recuperação de drogas. Como eu o apoiava em tudo, fui. Era uma reunião aberta de N.A. Ouvi muitos depoimentos de dependentes que estavam "limpos". Fiquei feliz por um lado e chocada por outro ao saber que se tratava de uma doença física, mental e espiritual, progressiva, incurável e fatal. E que só ele poderia breocar o uso de drogas. Encontrei o grupo de familiares. Pessoas aflitas que se recuperavam de seus conflitos emocionais e aprendiam a lidar com seus dependentes. No grupo, encontrei um novo modo de vida, livre dos medos e ansiedades seguindo a regra de viver um dia por vez. A minha vida estava passando e não tinha dado conta disso.

Entendi que eu precisava me desligar emocionalmente. Precisava deixar meu irmão viver Mas não era fácil. As recaídas foram inúmeras e sucessivas internações que em nada adiantaram. Em sua última recaída, ele conheceu o crack. A autodestruição passou a se manifestar de forma destruidora, violenta. Em pouco tempo, ele era pele e osso. Tinha vendido todos os seus pertences, o meu enxoval e, pior, não tinha mais dignidade nem vontade de viver Temia o suicídio, tal desespero em que ele se encontrava. Sabia que era precisos deixá-lo ir até o fundo do poço e, quando não agüentasse mais, pedisse ajuda para mim. Esse dia chegou. Ele se internou numa instituição. Faz três anos que ele está livre. Estou firme no Nar-Anon há seis anos. Hoje, acredito que a recuperação começa pela família. E preciso que a família saiba lidar com a doença e com o doente. Estou feliz, vivendo a minha própria vida e deixando ele viver a dele. Só por hoje não estou com medo. Só por hoje porque o dia de hoje é tudo o que tenho e nele é que tenho que ser feliz.

24 horas de serenidade

Não vou desistir

Na época em que descobri que meu filho estava usando crack, estava acamado por causa de um acidente grave com várias fraturas pelo corpo. Fui obrigado a ficar em casa. Observei que seus hábitos estavam mudando. Fiquei desconfiado e comecei a investigar. Minha esposa e meus outros filhos passaram a notar sua constante e demorada permanência no banheiro. Foi aí que constatei que ele estava fumando crack. Abria o chuveiro para disfarçar e esperar o fim do efeito da droga. Resolvi tirar a fechadura do banheiro para dificultar que ele usasse crack lá. Foi uma grande decepção para todos nós, mas a realidade era uma só: ele estava transformado, com os olhos arregalados, fixos num ponto, trêmulo e transpirando muito. Verdadeiro estado de paranóia. Após esgotar os recursos familiares, procuramos ajuda externa. Tive a oportunidade de conhecer e participar de reuniões de grupos para dependentes e familiares de usuários de drogas.

Todos os pais que participavam dos encontros relatavam as mudanças bruscas no comportamento dos filhos: irritabilidade, agressividade, ansiedade, insatisfação, indiferença total à família. Percebi nas reuniões que as histórias eram as mesmas. A mudança era só de personagem. Um viciado em crack vende tudo o que encontra para comprar as pedras. Fui obrigado a trancar tudo em casa. É terrível viver em seu próprio lar e saber que a qualquer momento poderá ser assaltado pelo seu próprio filho. A família fica traumatizada. Coloquei meu filho numa instituição. Ficou lá apenas cinco dias. Não quis ficar Alegou que lá não era permitido fumar cigarros. Achava que os cinco dias que havia ficado "estava bom demais".

A doença evoluiu até que ele aceitou realizar tratamento no Hospital Geral de Taipas. Ficou 17 dias. Seu estado de saúde melhorou, ganhou peso. Parecia estar consciente dos efeitos devastadores do crack. Engano. Ao sair de lá, foi logo procurar as pedrinhas. Em seguida, decidiu ir para o sítio de propriedade da família. Com a ajuda de um tio, ficou quatro meses sem usar a droga. Cuidava da plantação. Era a sua terapia. Parecia que ia dar certo. Até que resolveu abandonar tudo e voltar para a cidade. Começou tudo de novo. Hoje ele ainda está "apaixonado pelo crack", porém percebemos uma luta interior muito grande, um desejo de parar e outro, grande também, de continuar a fumar. Conflito.

Mesmo diante das dificuldades encontradas na minha família fui me interessando pelo assunto. A grande necessidade de ajudar o meu filho foi me despertando cada vez mais a fazer algo pela recuperação, mas também pelos filhos dos meus amigos. Incentivado por um grupo de pais, brotou a idéia fixa de montar uma casa de recuperação. Visitei entidades, consegui os recursos e montei uma equipe. Em 1995, o Recanto da Vida em Mairiporã (Revim) começou a funcionar, 70% dos casos de usuários de crack. A entidade tem objetivo de conscientizar o dependente procurando a sua transformação, seu crescimento pessoal. Parece uma

contradição, mas meu filho tentou e não conseguiu cumprir a programação estabelecida. Foi o único que não seguiu o programa. Minha batalha continua. Estou firme no propósito de ajudá-lo. Espero que acenda nele uma luz que o faça buscar a sua recuperação. Não vou desistir.

Pai esperança

Tudo em dobro

É muito difícil quando se cria filhos acreditar que algo de ruim possa acontecer com eles. No início, mudanças no comportamento escolar — faltas, notas baixas. Essa reviravolta foi associada apenas a essa incrível fase, a adolescência. Aos poucos, as mudanças foram se tornando maiores, mais visíveis e mais freqüentes. Ora eram os olhos avermelhados, ora mudanças bruscas de humor, ora faltas na escola, que aumentavam. Sem contar os retornos cada vez mais tardes das festinhas e os "fogos". Mudanças no horário de sono, sonolência exagerada e, mais tarde, noites em claro. Mesmo assim, fomos muito cegos. Tivemos medo de ver! Começaram a sumir colheres de café de casa. Achava que era a empregada, sempre desorganizada. Sumia dinheiro, achava que talvez tivesse esquecido de computar algum gasto. As coisas iam se avolumando aos poucos. Comiam muito doce, eram "assaltados" com freqüência e, assim, perdiam tênis novos, camisetas, relógios... As queixas freqüentes dos vizinhos por causa do som sempre em alto volume. Objetos jogados da janela do apartamento.

Com o tempo a situação foi ficando cada vez mais grave. Era fácil ver que algo de muito errado estava acontecendo com meus dois filhos. Começaram a sumir objetos de casa, folhas de cheque. Passamos a trancar tudo e a andar com valores em nossas bolsas. Nossos filhos começaram a se envolver com a polícia por causa de bagunça, atitudes suspeitas. Havia culpa, medo, vergonha, pavor de lidar com esse grande desconhecido que é o usuário de droga — meus filhos — e o mundo em questão — o marginal. As vezes, só nas delegacias, por meio de fotografias, é que percebia o estado em que eles se encontravam. Estavam magros, sujos, destratados. Quando comecei a procurar ajuda percebi que também há um medo muito grande das outras pessoas de encarar o problema. Muito preconceito. Ninguém gosta de falar, ninguém quer tratar. Alguns psiquiatras chegaram a me dizer que meus filhos não tinham problemas, que eles não usavam drogas, quando eu sabia que usavam e era por causa disso que estava lá. Outros, mais duros, foram claros ao falar que "não tinham solução". Aos poucos, fui pressionando para que procurassem tratamento, pois não suportaria viver com aquela angústia: será que meus filhos não vão tomar uma overdose? Será que vou encontrá-los em coma? Será que vão se meter em grande confusão com um traficante? Com a polícia?

É difícil voltar no tempo e relembrar aquele mundo de confusão, medo, raiva, tristeza, desânimo em que vivíamos. Nossos pensamentos só giravam em torno dos dois. Ficávamos

superpreocupados imaginando onde eles poderiam estar O que estariam aprontando? A vontade era de sair atrás deles. E fazíamos isso mesmo. De carro circulávamos pelas ruas tentando descobrir o paradeiro dos dois. Quando meus filhos estavam em casa, minha vida era ficar atenta aos barulhos, tentando descobrir quando eles estavam usando a droga e até poder evitar uma overdose. Queríamos surpreendê-los para nos convencer do que já sabíamos. Nossos filhos eram dependentes de drogas.

Sempre que sumiam objetos e questionávamos os garotos, eles negavam a autoria do furto. Nós ficávamos como peúças, fazendo ameaças que nunca cumpríamos. Sempre acreditamos nas promessas dos dois que iriam parar, usariam só mais uma vez. Então, como precisávamos acreditar nisso e ter esperança, chegamos até a levá-los de carro na bocada pra que pudessem comprar as pedras para fumar em casa. Era mais seguro e tínhamos a promessa de que seria a última vez. A loucura de meus filhos chegou a um ponto que um deles, no desespero de comprar mais droga, tentou sair pela janela e eu moro em apartamento. Frequentei delegacias e paguei prejuízos causados pelos meus filhos.

Nessa caminhada fomos percebendo que com medo de toda essa situação, acabamos protegendo nossos filhos e permitindo que as conseqüências dos seus atos não caíssem sobre eles. Eles aprontavam e nos sofriamos. As conseqüências eram sempre assumidas por gente que não tinha nada a ver com o problema. Percebemos que o único caminho seria fazer com que nossos filhos arcassem com as responsabilidades de todos os seus atos, tanto em termos de saúde, social e até legalmente. Chegamos a colocar nossos filhos para fora de casa. Meu marido pagava um hotel barato, só para eles terem onde dormir Nós sofremos muito, eu chorei demais. A única coisa que me ajudava a não afundar junto com eles era a certeza que meus filhos não tinham sido sempre assim e que em algum lugar estava o ser humano bom que poderia ser resgatado.

Esse caminho tem os seus viés. Encontramos serviços, clínicas, cuja finalidade era meramente comercial — este mercado é muito lucrativo, de todos os lados. Nosso caminho, meu e de meu marido, incluiu vários itens: encontro com grupos de mútua ajuda, com poder superior (através do espiritismo), com boas e honestas clínicas para tratamento de desintoxicação e conscientização, além de terapia familiar que nos ajudou muito a entender a conduta de nossos filhos

Mas não foi fácil. Foram várias internações de um e de outro. Hoje os dois estão em caminhada. Cada um no seu ritmo e no seu caminho. Como dizem diariamente no NA: ficar limpo só por hoje, mas com muita fé e esperança no futuro.

Esperança, psicóloga

RELIGIÃO E TRABALHO

O texano Haroldo Rahm, padre católico, simpático e falante de 77 anos, chegou a Campinas no final da década de 60, determinado a trabalhar com pessoas que "viviam à margem da sociedade". Optou pelo trabalho com prostitutas. Em pouco tempo, percebeu a ligação estreita do grupo com as drogas. Decidiu inverter a rota. Passou a tratar da dependência com trabalho e mensagens religiosas. O trabalho ganhou reconhecimento internacional. Em maio de 1978, fundou a pioneira Associação Promocional Oração e Trabalho que funciona numa fazenda de 13 alqueires doada por um empresário da região. A fazenda do padre Haroldo, como o lugar ficou conhecido, recebe dependentes químicos de todas as partes do país. Atende homens de 14 a 45 anos num tratamento de três meses. Tem capacidade para atender, de uma vez, 70 pessoas. O cronograma de recuperação é rígido, com regras e horários para as atividades, alimentação, lazer e orações. O tratamento não usa nenhum tipo de medicamento. Se a pessoa precisa se desintoxicar é encaminhada para outras entidades. A espera por vaga é de dois meses.

Na Vila Brandina, num terreno cedido pela Federação de Obras Assistenciais de Campinas, é feita a triagem dos viciados com os voluntários da instituição. "Levantamos o histórico dessas pessoas. Tipo de droga, tempo de uso, situações de uso. Uma psicóloga verifica se há comprometimento neurológico. Nesses casos são solicitadas avaliações psiquiátricas", comenta Laura Fracasso, coordenadora de recuperação e reinserção social. As internações são sempre feitas em dois dias da semana — terças e quintas. Os novos pacientes passam por rigorosa revista para se verificar se carregam drogas nas malas e roupas. Com monitores, conhecem a fazenda: horta, mandioca, criação de porcos e vacas. É preciso seguir à risca três regras para continuar o tratamento: não drogas, não sexo e não violência. O desrespeito a um desses "não" é motivo de exclusão do grupo. "Eles precisam arrumar o quarto, manter as coisas em ordem e cumprir os horários de trabalho e reunião. O segredo é trabalho e religião", explica.

Na fazenda, a rotina é espartana. Acordam às 5h30 e dormem às 22 horas. "A pessoa só vem pra cá se realmente quiser. Se ele se sentir pressionado pela família não conseguirá acompanhar o ritmo. Percebemos isso logo na primeira entrevista. Não existe imposição para participar das atividades religiosas. Só não autorizamos a saída de pessoas do salão. Não precisa rezar nem ler a Bíblia, se não quiser, mas não poderá sair, pois não temos atividades paralelas. Aqui é um espaço para todas as religiões", comenta. O trabalho de espiritualidade é feito com integrantes da Renovação Carismática, braço da Igreja Católica. São montados grupos para discussões dos 12 passos do NA, grupos de sentimento e dinâmica. Toda manutenção da casa e fazenda é feita por eles. Cozinha, limpeza das casas, departamento cultural, biblioteca, jornal interno. "Nas primeiras duas semanas o impacto é grande. Um viciado não está acostumado a

seguir regras, acordar cedo. Com a laborterapia, o próprio organismo se desintoxica", acredita Laura.

Entre 16h30 e 18 horas, o horário é livre. Podem jogar futebol, escrever cartas para a família, disputar campeonatos de vôlei, dama e xadrez. A partir das 19h45, são formados grupos de partilhas de sentimentos, análise dos 12 passos e assistem a vídeos educativos. Toda sexta-feira, fazem avaliação da semana. Os integrantes dos Narcóticos Anônimos (NA) visitam a entidade no primeiro e terceiro sábados de cada mês. Nas reuniões, a equipe técnica, formada por 20 pessoas, não participa. Só dependentes químicos podem comentar e argumentar o que estão passando. As visitas acontecem sempre no primeiro domingo de cada mês. Antes, pais, mães, irmãos e amigos passam por reuniões com voluntários do grupo Amor Exigente. A visita está condicionada à participação das reuniões. "Fazemos isso para que a família tome consciência do tratamento e saiba como agir com um dependente químico em casa. Não adiantaria nada todo esse trabalho, essa dinâmica sem que a família esteja acompanhando de perto. Muitas vezes, a família está mais doente do que o dependente químico", acredita Laura Fracasso.

Há dois anos, 50% dos casos eram de pessoas envolvidas com crack e a outra metade com outros tipos de drogas, com destaque para a cocaína em pó. O perfil mudou. Em abril de 1996, analisando os novos casos, a instituição percebeu que 90% dos internos estavam envolvidos com o crack. Uma outra mudança significativa: o aumento de adolescentes. Das 70 vagas, dez eram ocupadas por este grupo até 1994. Agora, 30 dos 70 internos são adolescentes. "Percebemos que antes eles iniciavam com álcool, maconha, cocaína e depois passavam para o crack. Hoje, muitos adolescentes começam direto no crack. Isso nos assusta", comenta Laura. Com isso, a fazenda começa a estudar um plano de tratamento específico para o grupo, que exige uma dinâmica diferenciada.

O último mês de tratamento é dedicado à reinserção social. O dependente passa a participar de cursos profissionalizantes, como: marcenaria, costura industrial, eletricista instalador, culinária, artesanato e tear. "Precisamos diminuir o impacto da volta. Eles precisam estar preparados para seguir um caminho diferente", comenta. Meio período de curso profissionalizante e, depois, ajuda na manutenção da fazenda. Atualmente, a maioria dos internos é de São Paulo, Paraná, Bahia e Pernambuco. A mensalidade é de US\$ 600, mas logo na triagem é feita avaliação socio-econômica da família. "Quando a família pode pagar, o tratamento é cobrado. Muitas vezes, não paga nada, apenas taxa simbólica. Recebemos aqui pessoas pobres, de classe média e alta", afirma Laura. O acompanhamento da vida do interno fora da instituição é informal. Ligam, escrevem cartas e telefonam para falar como estão.

Cada caso de retorno — média de três por mês — é analisado criteriosamente. A primeira regra é não aceitar o dependente de volta antes de completar três meses de ter saído da fazenda. O trabalho com mulheres viciadas é feito em outro lugar, menor, também em

Campinas. Em abril de 1996, 12 mulheres estavam em tratamento. Os técnicos da entidade se emocionam com os depoimentos de pessoas que conseguiram se livrar das drogas:

Pensei que não fosse conseguir. Já tinha tentado de tudo. Comecei com maconha e depois passei para cocaína e crack. Quando senti que ia morrer se não parasse, decidi pedir ajuda. Sabia que tinha muita religião lá, mas precisava me apegar a alguma coisa mais forte que a droga para parar. Passei os três meses num local rígido, onde as regras são respeitadas. Segui tudo direitinho. Minha família, que antes nem ligava para a minha situação, se aproximou de uma tal maneira que hoje minha mãe e meu pai são meus melhores amigos. Consegui um emprego e estou bem. Não posso dizer que não sinto falta da droga, mas coloquei na minha cabeça que essa vontade sempre vai me acompanhar, mas que preciso ser mais forte que ela. Estou vencendo essa batalha.

Roberto, 21 anos, auxiliar de escritório, oito meses sem crack

Quando vi no manual interno que teria que acordar às 5h30, levei um baita susto. Nunca na minha vida tinha acordado tão cedo. Com o crack, nem dormia direito. Sabia que ia ser difícil, muito difícil. Foi mesmo. Trabalhei no campo, cuidei da horta e passei a me interessar pela minha espiritualidade. A palavra de Deus não é passada pra gente de forma chata. Trazemos Deus para o nosso dia-a-dia. Ele está sempre por perto. Nos primeiros quinze dias, pensei em sair, fugir. Seria mais uma derrota, pois eu pedi para vir pra cá. Ninguém me pressionou. Agradeço muito estar longe do crack. Em Deus, encontrei o que a droga me dava por poucos minutos: uma sensação de bem-estar. Hoje, vivo sem vícios e só penso em ajudar aqueles que passaram pelo que passei. Não é fácil, mas todo dia repito: hoje eu consegui.

Thiago, 25 anos, desempregado, um ano e meio longe das pedras

Além das instituições ligadas à religião católica, grupos protestantes, evangélicos e espíritas fazem trabalhos semelhantes. Muitas clínicas fazem questão de manter atividades extras para preencher o tempo dos pacientes. Futebol, artes e teatro são as mais comuns. Algumas fazem questão de integrar a pessoa à rotina da entidade. Os pacientes participam ativamente da manutenção da clínica e são obrigados a assumir tarefas, como organização dos quartos e lavagem de roupas. Lugares que oferecem algum tipo de conforto. O paciente pode dormir num quarto sozinho ou dividi-lo com mais uma pessoa. Em outras clínicas, as mais caras, o paciente fica com a impressão de estar num hotel. As clínicas de recuperação são uma alternativa para aqueles que não querem se tratar em hospitais, embora essas entidades também ofereçam atividades paralelas, organização, conforto e limpeza.

VITÓRIA

É a palavra mais citada por pessoas que conseguiram se livrar das pedras de crack. Uma vitória suada, árdua, comemorada a cada dia, minuto, segundo. Lá atrás, os tempos de medo, desequilíbrio, tormento. Vitória por ter conseguido ser mais forte que a euforia momentânea do crack. Vitória que garante segurança para falar do passado, abafar as mazelas. Vinte pessoas mandaram depoimentos escritos ou gravados em fita cassete. A seleção dos depoimentos seguiu o mesmo critério adotado no capítulo "A cor do meu mundo", onde pessoas que fumam crack e, por enquanto, não querem parar, relataram suas experiências: histórias contundentes, classe social, idade, tempo de uso. Diferente do quadro cinza "pintado" pelas cinco pessoas do capítulo inicial, outras cinco pessoas, de níveis sociais e idades diferentes, contam como recuperaram o brilho, o sorriso estampado no rosto. Alguns estão no meio da batalha, no meio do caminho que passa distante da emboscada do crack.

Fui ao fundo do poço em nove meses

Júlio, 38 anos, clínico geral: pensei que pudesse parar de fumar quando quisesse

Minha experiência com drogas começou com a maconha, já no segundo ano de residência. Começou tarde. Tinha uns 25 anos. Hoje, a garotada fuma o primeiro baseado com 11, 12 anos. Em 1980 experimentei cocaína. Durante aquele ano cheirei muito. Depois veio o trabalho, a família, os compromissos e a cocaína ficou em segundo plano. Fiquei sem cheirar até 1986. Naquela época, cheirava uma, duas vezes por semana, além dos baseados diários. Tinha me separado da primeira mulher. Tocava minha vida profissional com outros médicos. Dividia com eles uma clínica na Zona Oeste de São Paulo. Depois da separação, voltei para a casa dos meus pais, onde morava com minha filha de 14 anos. Como classe média, não tinha grandes problemas financeiros.

Em 1991, alguns colegas da ativa — termo que os dependentes usam para se referir aos amigos que curtem a mesma droga e a utilizam juntos — me mostraram o crack. A partir daquele momento fiz uma troca. Deixei de cheirar e passei a fumar. A sensação era melhor. Nunca tinha sentido nada parecido antes. Comprava o pó e preparava minhas próprias pedras. Poucos meses depois já não trabalhava mais sem a droga. Fumava a noite inteira, chegava atrasado ao consultório, deixava os pacientes esperando. Esperava ansioso a chegada da noite, do último paciente, quando tudo acontecia. Fumava a noite toda com os colegas da ativa. O dia amanhecia e eu entrava em depressão: teria que esperar o dia inteiro para curtir o barato da noite. Como médico, sabia das conseqüências de uma droga como aquela. Sabia que poderia me levar ao fundo do poço, mas não acreditava que isso fosse acontecer comigo, uma pessoa de

nível, culta, profissional respeitado. Usava a cocaína e o crack com a intenção de resgatar o que tinha de melhor em mim. Usava para ficar mais inteligente, esperto, suportar os plantões.

Pensei que pudesse parar quando quisesse. Não dava para abrir o jogo. Como eu, um médico, ia falar que era um dependente químico? Não dava, não combina. Não pensei que fosse virar um dependente. Com a droga, pensei que fosse me sentir uma pessoa melhor, seria um caminho para aumentar minha percepção, raciocínio, controle motor. O curioso é que ninguém usa a droga para ficar dependente, mas fica. Lembro que cheguei a fumar crack na companhia de outros médicos. Minha vida começou a se deteriorar. Em nove meses usando o crack, sai de casa, gastei todas as economias e estourei o limite no banco. Fumei meu carro e endividei a clínica. A administração era minha responsabilidade. Com a metade do dinheiro da venda do carro paguei dívidas no flat onde estava morando e algumas contas atrasadas do consultório. Com a outra metade, comprei cocaína no Paraguai para traficar e, assim, poder manter meu vício. Mas, como consumia muito e tinha vários amigos da ativa, acabei com 100 gramas em quatro dias. Não consegui vender quase nada. Normalmente, fumava de 10 a 15 gramas de crack por dia. Às vezes, sumia por uns dias, ficava internado — termo usado por craqueiros para dizer que ficam vários dias só fumando crack. Cheguei a fumar cinco dias sem parar. Não comi e não dormi.

Não tinha dinheiro que chegasse. A família, freqüentadora do Narcóticos Anônimos, resolveu me internar. Na noite de 4 de novembro de 1991, tinha acabado de atender ao último paciente, por volta das 20h30, quando minha secretária me avisou que tinha um senhor me esperando na recepção. Mandei que entrasse. O homem se identificou como policial do Denarc, disse que sabia que eu era um usuário de drogas e que eu teria que escolher entre ser preso ou ser internado numa clínica. Por várias vezes minha família tentou me convencer a procurar ajuda numa clínica especializada. Super irritado, não ouvia nada. Achava que podia sair dessa sozinho. Entre a cadeia e a clínica, optei pela clínica. De lá, seria mais fácil fugir. Entrei no carro do tal policial já pensando num plano de fuga. Levaram-me para uma clínica próxima ao residencial Alphaville, em Barueri. Descuidados, os enfermeiros e o próprio policial não me revistaram direito. Havia escondido, enrolado na manga da jaqueta, umas oito gramas de cocaína em pó e algumas pedras de crack. Fui colocado numa sala com uma maca e uma cadeira. Deram-me alguns sedativos, acredito que tranqüilizantes, mas não os engoli. Escondi no canto da boca. Me julgava muito esperto. Rapidamente cheirei a cocaína e comecei a fumar o crack.

A fumaça chamou a atenção dos enfermeiros que tentaram entrar no quarto. Já havia puxado a cama e bloqueado a porta. Com a cadeira, quebrei os vidros de uma pequena janela. Todos os funcionários da clínica foram para o lado de fora tentar impedir minha fuga pela janela. Rapidamente tirei a cama da frente da porta e, com um pedaço de madeira, ameacei o único segurança que ficou no interior do prédio. Ele abriu a primeira porta. A segunda, de

vidro, quebrei com o corpo. Em menos de cinco minutos já havia pulado o muro e estava fora da tal clínica. O plano deu certo. Fui andando até o Centro Empresarial de Alphaville. Isso já devia ser umas três horas da manhã. Peguei o primeiro ônibus para Pinheiros. Vaguei durante todo o dia seguinte. Não lembro bem como, mas consegui mais crack. Não podia voltar para casa dos meus pais, não podia mais voltar para o flat porque não me deixavam mais entrar por estar novamente em atraso com o pagamento. Lembrei de uma amiga, na verdade, um pouco mais que amiga. Tínhamos um caso, mas ela não era da ativa. Liguei no final da tarde e disse que iria jantar lá. Estava todo sujo, com as roupas rasgadas, cheias de sangue.

Havia machucado bastante o braço ao quebrar a porta de vidro. Mesmo assim, sem consciência do meu estado, fui até a casa dela. Jantei como um louco. A fome era imensa. Pedi para tomar um banho e lá mesmo, no banheiro, acendi mais uma pedra. Ela bateu na porta. Disse que poderia entrar. Na verdade, Laura telefonou para minha família e outros homens foram me buscar. Não tive chance. Eles já entraram me agarrando e me deram uma injeção. Acordei num quarto, como de hospital. Estava amarrado à cama. Fiquei amarrado por três dias. Estava louco, super agressivo. Nesta clínica, fiquei por 13 dias. Durante este período, tomei consciência do meu problema: era um doente e precisava de tratamento. No lugar de tratar as pessoas, estava lá para ser tratado, medicado. Ironia. Percebi que poderia viver sem o crack. Comecei a pensar seriamente em minha recuperação. No 14º dia fui transferido para uma clínica aberta, onde não há grades nas janelas ou muros altos. Fiquei mais 48 dias internado. Lá tive explicações de como um dependente químico pode se recuperar. Mas não é fácil passar pela abstinência do uso de crack. O dependente fica ansioso, às vezes, tem taquicardia, sua frio e tem uma vontade, quase incontrollável, de fumar só mais uma — que na verdade nunca fica na primeira.

Quando saí da clínica de recuperação, encontrei minha vida de pernas pro ar. Devia a todo mundo. O consultório estava fechado. Tudo que havia construído em 20 anos, joguei pro alto em nove meses. Cheguei ao fundo do poço. Comecei tudo de novo. Com um amigo médico abri um outro consultório, voltei a morar com a família, casei novamente. Agora tenho um filho, um carro, uma casa, uma vida nova, diferente. A minha família foi fundamental para minha recuperação. Mais tarde, descobri que o tal policial do Denarc era um amigo de minha irmã, que freqüentava os Narcóticos Anônimos. Minha família já vinha freqüentando o NA há algum tempo e muitos dos posicionamentos duros que tiveram comigo, agora entendo que foram necessários para eu poder encarar a realidade e me recuperar. Agora, ajudo dependentes químicos com palestras e consultas médicas em clínicas de recuperação. Acho que usava o crack e as demais drogas tentando me encontrar ou estar mais perto de algo superior, diferente. Queria ser mais forte, ser melhor do que eu era. Como os pajés que fumam ervas para entrar em transe e se comunicar com os deuses. Eu não entrei nessa querendo me

ferrar, queria ser melhor Mas foi sem a droga que consegui ser melhor, encontrar a paz, a solidariedade da família e os verdadeiros amigos. Uma lição difícil, doída, mas que aprendi.

Pensei que fosse morrer de tanto fumar

Gilberto, 20 anos, filho da psicóloga Esperança: irmão mais novo era parceiro

Fumei maconha pela primeira vez aos 15 anos. Fumei com o Flávio, meu irmão, dois anos mais novo. Estávamos com um grupo de amigos. Quinze dias depois, já havia experimentando cocaína. Daí pra frente era só bebida, drogas e remédios que me faziam viajar Apesar de minha mãe ser psicóloga e trabalhar com adolescentes, ela não percebeu no início o nosso envolvimento com as drogas. Eu era bem discreto, ficava na minha e me relacionava pouco com a família. Minha família é de classe média do interior de São Paulo — meu pai é engenheiro agrônomo —, mas nunca recebemos muito dinheiro. Para conseguir o pó fazia pequenos furtos. Um ano mais tarde, já com 16 anos, conheci o crack. Meu irmão trilhou o mesmo caminho e acabamos os dois dependentes das pedras. Era meu parceiro. No início fazíamos as nossas pedras na colher Aprendemos a técnica com um cara que tinha saído da cadeia. Passava o tempo todo fumando pedra, uma atrás da outra. Só parava para comer e já não estudava mais.

Meus pais só foram descobrir quando eu já tinha completado 17 anos. A casa começou a cair Acharam o cachimbo e algumas pedras no meu quarto. Nesse período já estava roubando dentro de casa e pegando toca-fitas na garagem do prédio. Até carro eu já puxei. Por mais que a minha família tentasse convencer eu e Flávio a parar de pipar, não estávamos nem aí. Me obrigaram a fazer terapia, mas eu ia para a consulta com o cachimbo no bolso e na terceira sessão, enquanto o médico deu uma saída da sala para atender o telefone, roubei a carteira e a chave do carro dele. Ele não percebeu e voltei à noite com um amigo para puxar o carro. Vendemos o Escort por US\$ 500 e compramos tudo em pedra.

Para os meus pais falava sempre que ia parar de usar crack. Acreditando nas nossas promessas, meu pai chegou a me acompanhar nas bocas onde pegava as pedras. O combinado era irmos parando aos poucos. No primeiro dia, a cota era de quatro pedras e iria diminuindo até eu parar Só que eu roubava de dia para ter mais pedras à noite. Minha mãe achava que eu estava me esforçando e me deixava sossegado no quarto. Chegava até a levar suco de laranja chorando. Uma semana antes de completar 18 anos, fui preso roubando um carro e acabei na Febem. Isso foi em março de 1994. Fiquei apenas um dia. Meu pai foi me buscar A partir daí começaram as idas e vindas de clínicas. Sempre falava que ia parar Eu e Flávio devemos ter passado por sete ou oito clínicas. Eu ia pra lá para fazer a moral com os velhos e pra me desintoxicar um pouco. Usava tanta pedra que vivia vomitando.

Nas clínicas não seguia muito o tratamento e sempre conseguia arrumar maconha ou até mesmo crack com os novos internos. Por isso fui expulso muitas vezes. Em algumas vezes saía por conta própria. Não agüentava o tratamento, sempre achava tudo muito chato. Se meus pais não iam me buscar, fugia. Durante essas idas e vindas eu e meu irmão sempre voltávamos a fumar pedra. Em casa, roubava o que achava para pipar Na vizinhança eu já era conhecido como delinqüente. Tinha gente que saía correndo atrás de mim porque sabia que eu tinha roubado alguma coisa dele. A situação ficou insuportável. Fomos convidados por nossos pais a sair de casa. Eles pagaram um hotel bem barato. Acho que custava uns R\$ 10,00 a diária. A comida era por nossa conta. Fumávamos o dia inteiro. Começamos a vender pedras para poder consumir. Meu estado de saúde era péssimo e já tinha tido uma overdose. Quando fumava muito começava a sentir as mesmas sensações da overdose. Um dia prenderam meu irmão na frente de um colégio.

Os policiais bateram no quarto e forjaram uma apreensão de pedras. Não tinha tudo aquilo comigo. Fomos presos. Meu pai foi lá e soltou o Flávio com a condição de que, daquela vez, seguiria até o fim o tratamento de uma clínica. Ainda fiquei uns dias em casa, enrolando minha mãe e fumando o que conseguia comprar Nessa época, já com 19 anos, achava que meu destino seria morrer usando o crack. Não tinha mais esperança. Estava esperando a overdose final. Comecei a achar que a única saída seria mesmo a recuperação e procurei por clínicas gratuitas. Mas teria que esperar uma vaga por dois ou três meses. Não sabia se estaria vivo até lá. Fui internado em mais uma clínica paga em março de 1995. Passei cinco meses nessa instituição. Consegui voltar pra casa e me manter limpo até hoje.

A recuperação não foi fácil, minhas crises de abstinência eram horríveis, pois eu usava muito crack. Mas sabia que aquela era a minha única chance de viver Já estou limpo há um ano. Agora trabalho nessa clínica e tento ajudar as pessoas que conheceram este mesmo caminho. Na verdade, fazendo isso estou me ajudando e ficando longe do crack. Só falando do assunto, freqüentando as reuniões dos Narcóticos Anônimos é que vou conseguir ficar sem a pedra. Meu irmão já está limpo há mais de um ano. Mora com os meus pais no interior e está trabalhando. A vida está tomando o seu curso normal, mas por muito tempo não foi assim.

Era tão bom que chegava a não prestar

Silvia Lima Paula, 40 anos, autônoma: convívio com as seqüelas da aventura

Antes eu costurava, cozinhava... Duas artes que tenho paixão. Naquela época, eu só dava uma bolinha. Tinha casa boa, algumas inquilinas. Uma vida equilibrada, normal. Até que um dia, uma pessoa de nome Américo falou: "Olha, eu tenho uma coisa nova pra gente experimentar". Concordei. Ele usou uma certa dosagem de pó com bicarbonato de sódio num vidro marrom com um pouco de água. Esquentava o fundo com um isqueiro e fazia movimentos

arredondados. Logo em seguida, subiam umas pedrinhas bege, como dentes. Um vidro de maionese vazio, com antena de televisão, funcionava como cachimbo.

Ele escorria as pedrinhas num papel. Cada um tinha a sua vez. Ensinou que tinha que pôr a pedra em uma das pontas do canudo, acender com isqueiro e puxar forte, segurar no peito. Depois de alguns segundos, falava: solta! Essa foi a minha primeira experiência com o crack, em 1986, quando ninguém sabia nada sobre a droga. Nem em jornal aparecia. Naquela época, quase ninguém usava. Sugeri aos amigos que poderíamos fazer algo de novo. Pelo fato de ser solteira até hoje e ter parentes distantes, sempre aparecia na minha casa alguém disposto a apresentar alguma coisa só para ter onde consumir

A minha roda de amigos era formada por pessoas jovens e bonitas, típicas de bairro de classe média, onde morava. Daí por diante, passávamos a nos encontrar no começo da noite pra fazermos nossas baladinhas. Era engraçado. Ficávamos em, mais ou menos, dez pessoas em casa, mas parecia que não havia ninguém. A gente repetia o mesmo ritual. Comprava o negócio, fazia a pedra e cada um dava a sua pipada e ficava na sua. As pedras ficavam em cima de um jornal. Cada um pegava a sua, fumava e não incomodava ninguém. Isso era o começo.

Com o passar do tempo, as coisas iam mudando. A gente ficava de um jeito que achava que alguém ia entrar, invadir, bater A paranóia dia a dia ia invadindo nossas cabeças. De repente, começaram a me deixar por último. Eu não passava o cachimbo ou o copo, dependendo da noite. Essa situação se repetiu diariamente por mais de um ano. Era tão bom que chegava a não prestar Graças a Deus, sempre com muita paz, muita união e carinho, as loucuras de cada um eram respeitadas. Mas a paranóia foi se desenvolvendo. Depois de cada um fumar a sua pedra, apareciam vários tipos de paranóia. Por exemplo: este barulho aí que você está ouvindo, o do computador, fica parecendo uma máquina de lavar O barulho de alguém respirando parece um ronco...

Durante as sessões, o silêncio era total. Quem estava dentro não saía e quem estava fora não entrava. Cada um com a sua viagem. Eu sempre dizia: amanhã eu não vou fazer isso, mas sempre pintava alguém com a pedra e eu entrava de novo. Depois da primeira vez, não parava mais. Usava a noite inteira e parava lá pelas 6 horas da manhã. Ficava até o meio-dia com paranóia, espreitando a janela e olhando pelo buraco da fechadura. Muitas vezes, por volta deste horário, quando eu nem tinha descansado, já aparecia alguém que estava iniciando outra balada. Mesmo viciada e gostando sabia que estava numa furada, mas não tinha forças para sair Já não gostava mais de casa, não tinha mais liberdade. Resolvi abandonar a casa.

Àquela altura, o aluguel estava atrasado. A casa já estava se desmontando. Estava péssima, me sentia péssima e muito fraca, magra, deprimida e triste ao mesmo tempo. Havia noites em que eu saía para dormir fora porque já não conseguia mais ficar lá. Pressentia tudo de ruim, de negativo, de medo. Medo foi o sentimento que me fez abandonar a casa. Mesmo

louca, estava consciente. Dois ou três dias depois, uma equipe de reportagem invadiu a tal residência onde eu não me encontrava mais. Desta forma, me liberei de ir para a cadeia. Outro viciado como eu, para livrar a pele, inventou que eu era traficante. Havia trocado a cabeça dele pela minha. Logo que mudei, comecei a trabalhar e mudei de vida. Passei a dividir o aluguel com outra pessoa. Troquei a minha liberdade pela segurança de ter quem me proibisse de continuar com aquela vida.

Alguns dias depois da mudança, sofri um acidente e quebrei a tibia. Mesmo assim, de vez em quando, não resistia à tentação e fumava de novo. Era terrível a sensação de me sentir acidentada e drogada ao mesmo tempo. Na hora da loucura era um sufoco. Passava mal. A boca secava, o rosto esquentava, o coração batia forte e achava que ia morrer Voltei a repetir várias vezes. Cada vez era pior Estava completamente sem forças pra continuar Senti que estava detonando de verdade e que todas aquelas situações eram resultado de tudo o que vinha fazendo. Pior, não podia ficar Era hora de me cuidar Estava vivendo quase como uma mendiga, de favor na casa dos outros e absolutamente sozinha, antes de passar a dividir uma casa com outra pessoa. Estava no fundo do poço.

Faz três anos que não fumo nada. Consigo entrar e sair de lugares onde sei que as coisas acontecem. Tenho a certeza que não vou fraquejar Estou certa de que me prejudiquei de todas as formas que o ser humano pode fazer, fisicamente, financeiramente, moralmente. Até hoje sofro as conseqüências do vício, como insônia — houve épocas em que eu nem conseguia dormir —, falta de memória, raciocínio lento, falta de concentração... Gostaria de dizer que cada um pensasse antes de fazer essa grande besteira porque escolheu esse caminho, porque está querendo se destruir Essa droga é negativa de todas as formas. O caminho das pedras pode não ter volta. É isso.

Quero vida nova em outra cidade

Cigano, 40 anos, funcionário público: cocaína e crack para resistir à bebida

Comecei a cheirar cocaína aos 25 anos. Eu até criticava o crack por ser uma droga perversa. Preferia cheirar Na verdade, gostava de usar a cocaína para resistir à bebida. Com ela, poderia beber mais. Só que comecei a ficar com rinite e sinusite. Há cinco anos, troquei a cocaína pelo crack. Já não estava me fazendo bem cheirar, mas eu queria continuar sentindo aquela sensação que a cocaína dava. O crack era a alternativa. Não usava diariamente. Fazia minha própria pedra. Nunca fui com muita sede ao pote. Às vezes, ficava dias sem pipar ou pipava uma vez só. Há dois anos, a pedra começou a ser vendida pronta. Passei a usar com mais intensidade. Só fumava à noite. Virava as noites fumando. Minha segunda esposa sabia que eu cheirava, mas nem tinha idéia que estava usando crack. Não pipava todos os dias

porque meu dinheiro era contado. Tenho família e, graças a Deus, nunca roubei. Mas neste último ano estava me afundando cada vez mais.

O vício começou a atrapalhar o serviço. Trabalhava no setor de almoxarifado. Chegava atrasado, ficava o dia inteiro com sono, faltava muito e não queria levar uma justa causa. Afinal, eram quase 18 anos de serviço público e, com a minha idade, já viu. Onde ia arrumar outro emprego? Já não dava mais atenção para a família. Quando a pessoa usa o crack não dá importância para mais nada. Olhava para os meus dois filhos e não queria que eles me vissem como um pai viciado ou que caíssem neste mesmo mundo. Essas cobranças internas chegaram a tal ponto que não tinha outra alternativa a não ser parar. Decidi parar por conta própria. Abri o jogo com minha chefia. Fui encaminhado para o serviço social e eles sugeriram a internação. Aceitei. Sabia que estava mal e não podia recusar ajuda. Estou há uma semana aqui e, com tanta atividade, só penso em recuperação. Não sei se é porque aqui é um local diferente, mas não tenho tido fissura. Tomo um remédio, tipo calmante, e tenho muito sono. Ontem e hoje não tomei o medicamento.

Estou pedindo para a assistente social para tentar me mudar de cidade. Não quero encontrar amigos da ativa. Tenho medo de voltar a fumar. É preciso ser muito forte para não recair. Mudando de cidade, tenho mais chances de largar tudo de vez. Vou me sentir mais fortalecido. Até então, toda a minha amizade estava envolvida com drogas. Estou com sentimento de culpa. Me sinto culpado por envolver a minha esposa nisso. O crack afasta você da família, afasta do trabalho. Cria um mundo só seu, de pura ilusão, que não vale a pena.

Tenho medo do mundo lá fora...

Rodrigo, 16 anos, filho de funcionário público: roubo e tráfico antes da internação

Fico ansioso. Não sei o que fazer com minhas mãos, sempre agitadas. Perdi a ideia de tempo. Meus pensamentos não seguem uma ordem. Lembro dos acontecimentos, mas não sei exatamente quando e como ocorreram. Começo a contar um episódio e não termino. Estou internado há um mês aqui, numa clínica de recuperação que segue os 12 passos dos Narcóticos Anônimos. Tenho esperança de sair bem daqui. Vou sair dessa, mas tenho medo do mundo lá no lado de fora da clínica. Ainda sinto fissura pelo crack. Ando nervoso, tenso, briguento. Morei com meus avós em Minas Gerais até os 12 anos. Aos 14, estava morando em São Bernardo do Campo com meus pais. Meus amigos de escola me ofereceram maconha. Uma semana depois já havia experimentado cocaína e na terceira semana estava usando o crack. Eles me chamaram para fumar uma maconha diferente. Chegando lá era o crack... É foda falar nisso. Usei e gostei.

A partir daquele momento, só pensava em arrumar dinheiro para comprar mais crack. A farinha e a maconha eu tinha esquecido. Comecei a pegar dinheiro da minha mãe, cheque do

meu pai. Fumava crack todos os dias. Não conseguia dormir à noite pensando que eu ia pipar no dia seguinte. Meus pais já estavam desconfiados. Chegava em casa assustado, querendo fumar mais e mais. Todas as vezes que sumia dinheiro, meus pais vinham falar comigo. Chegava a chorar. Negava sempre. Até da minha avó, coitada, peguei dinheiro. Para conseguir continuar comprando, passei a traficar. Meu pai achava que eu estava trabalhando. Pegava o crack na favela para vender para colegas e outros da ativa. Eu tinha medo. Vi gente morrer porque devia R\$ 80,00 para traficante. Isso me chocava. Mas o que eu mais queria era usar cada vez mais. Fumava de 25 gramas pra cima, nesses últimos tempos. Eu ganhava R\$ 100,00 para vender 50 saquinhos.

Minha mãe falava que eu estava ficando cada vez mais magro. Dizia que era normal, coisa da idade, da adolescência. Dizia que todos os meus amigos eram assim. Para ela, falava que tinha parado de usar drogas. Meu pai sabia que era mentira. Ele é mais desconfiado. As vezes, me batia um sentimento de culpa, queria contar toda a verdade para a minha família, mas a vontade de pipar era grande e não resistia aos convites dos amigos. Não queria ser malandro, fumar junto com os caras. Tem muita gente sofrendo por causa dessa droga. O crack é uma doença. Quando pegava o dinheiro do pessoal de casa saía correndo só pensando em fumar. Depois que fumava, ficava me perguntado porque tinha feito aquilo. Dizia para mim mesmo que não ia mais usar aquela droga. Cheguei a chorar com meus amigos. Mas no dia seguinte, a primeira coisa que eu fazia era arrumar dinheiro para fumar de novo. Quanto mais você fuma, mais você quer fumar.

Daí começou a acontecer tudo... Saía com os caras para roubar CD e relógio. Passei a pegar as coisas de casa. Não estava mais traficando. Tava sujando... tinha até polícia metida nisso. Eles são todos uns sem-vergonha. Eles levavam crack pro traficante, pro dono da banca. Nunca fui pego roubando nada. O dinheiro que ganhava traficando não dava mais. Além de pegar as coisas de casa, passei a vender todas as minhas roupas. Vendi uma jaqueta por R\$ 3,00 porque eu já tinha R\$ 7,00 para comprar uma pedra, que vale R\$ 10,00.

Depois que fumava, sempre chorava. Em seguida, esperneava querendo arrumar mais dinheiro. Era assim a minha vida. Pensei que fosse morrer fumando crack, que tinha cura. A maconha e a farinha já não me davam mais luz. O crack é muito bom, a primeira pipada é inesquecível. Uma alucinação, muito engraçado.

Não tinha mais cabeça para estudar. Nesse tempo todo, cheguei a ir pra Minas Gerais, em 1995, onde fiquei quatro meses. Lá não tem muito crack, o que tem é muito caro. Só fumei maconha. Foi a minha mãe que me fez ir para lá. Ela pensava que eu fumava maconha. Em Minas, cheguei a trabalhar com o meu tio. Tudo o que eu ganhava gastava em maconha. Não tava agüentando mais ficar lá sem o crack. Implorei para voltar. Disse que tava melhor. No terceiro dia que havia voltado pra casa, comecei a fumar crack de novo. Depois do carnaval de 1996, comecei a pensar em me internar. Usei muito crack no carnaval. Misturei tudo — crack,

farinha, lança. Minha cabeça ainda tá enrolada até hoje. Eu tô falando aqui com você e, de repente, esqueço as coisas. Começo a repetir tudo de novo. Esse crack veio pra destruir, pra acabar com todo o mundo.

Depois do carnaval peguei um dinheiro da minha avó e escondi num casaco. Meus pais descobriram. Tentei mentir, mas não colava mais. Contei tudo. Disse que não agüentava mais. Meus pais arrumaram uma psicóloga. Para ela, jurava por Deus que tinha parado de fumar, mas fumava no caminho para a consulta. A casa caiu pra mim. Não tinha mais como esconder que continuava com o crack. Meus pais disseram que queriam me ajudar. Pedi ajuda de novo, não agüentava mais. Pedi para ser internado. Estou aqui há um mês e estou com medo de sair. Aqui estou protegido. Lá fora é perigoso. Cheguei a fumar crack com moleque de sete anos, que rouba, já é malandro com essa idade.

Está sendo muito difícil a recuperação. Teve dias de querer pular o muro, sair feito um louco pra fumar Choro. Abri o jogo com a psicóloga. Contei essas vontades que batem. Disse que não estava suportando a vontade de fumar um baseado, uma pedra de crack, qualquer coisa... Se vejo alguém na rua com uma pedra na mão é perigosos eu tirar a minha camisa, toda a minha roupa pra conseguir a pedrinha. Tem dias que levanto na maior fissura. Bato porta, fico desorientado, berro, pulo na piscina, tudo pra esquecer a droga. Quando, bate a fissura, fico nervoso. Xingo os outros, implico com Ilido. Quando estou chorando no quarto, todos vêm me ver. Sabem que estou com a nóia, querem me dar uma força, mas sempre acabo expulsando todos de lá. Depois fico com dó, ressentido. Quero sair dessa, preciso mudar. Pensei que fosse morrer.

Ainda tenho tempo pra recomeçar a vida. O crack é um vício desgramado. Mexeu muito com minha cabeça. Às vezes, estou lendo alguma coisa e começo a tremer. Não consigo ler mais nada. Tento ficar calmo, mas é difícil. Tenho medo do mundo lá fora. Se hoje alguém me oferecer, não tem ninguém que me segura, vou usar mesmo. Preciso de força para falar não. Se eu pudesse escolher o meu futuro, primeiro queria me levantar e poder passar para as outras pessoas o que passei e ainda estou passando. Queria ter uma namorada, poder trabalhar pra ter minhas coisas, uma moto, quem sabe, um carro. Tenho que largar mão disso. Quero voltar a estudar. É duro sair dessa, dói no peito, no fundo do coração. Você nunca esquece isso, esse tal de crack. Sempre quando vou dormir, lembro do crack. Se todo mundo que tá usando o crack tivesse condição tinha de se tratar, se recuperar, seria diferente. Como diz uma música do Legião Urbana, "o vício não tem cura..." Pra gente que está no meio do caminho é uma luta diária pra não usar.

AUTO-AJUDA

O desespero estampado no rosto de parentes e amigos de viciados em crack pode ser aliviado. Por trás da fumaça das pedras, vários caminhos sugerem saídas, alternativas. Num cruzamento, setas apontam para várias direções. Qual seguir? Qual a alternativa mais rápida? Existe? Lombadas e buracos em cada caminho. Deslizamentos e colisões nas curvas. Como uma provação, um teste. O maratonista precisa estar preparado para tudo. A regra é tomar fôlego e seguir o objetivo de cruzar a linha de chegada. Não importa em quanto tempo isso será feito. Neste caso, os recordes não revelam muita coisa. Em alguns casos, avançar míseros 50 metros já pode significar vitória. O sentido de "vencer" é individual, não coletivo. As setas indicam tratamentos ambulatoriais, internações, entidades religiosas, grupos de apoio a familiares, sessões de psicoterapia e laborterapia em todo o país.

O resultado pode ser positivo ou não. Depende de uma série de fatores. Não existe receita a ser seguida. Cada família dependente precisa encontrar o seu "norte". Antes, é preciso analisar criteriosamente cada detalhe proposto para o tratamento, cada trecho do caminho a ser trilhado. Uma forma de proteção para escapar de engodos, arapucas que enxergam cifrões em pessoas debilitadas física e emocionalmente por causa do crack e outras drogas. Isso existe, é um fato, e ninguém está livre de ser vítima desse cruel e vergonhosa esquema. Estar atento, acompanhar de perto cada passo, pode ser o "remédio". As duas partes — viciado e família — dispõem de bússolas diferentes para seguir caminhos paralelos. A seguir, um emaranhado de setas apontadas para várias direções. Instituições reconhecidas e indicadas por especialistas. Algumas visitadas pessoalmente pelo autor e equipe envolvida no projeto. Boa sorte para os determinados a experimentar estes caminhos.

REGIÃO SUDESTE

SÃO PAULO

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (011) 881-2129 Avenida Doutor Enéas de Carvalho Aguiar, 188 — Cerqueira César*

Indica clínicas e hospitais

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (011)605-3798*

Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 554, 9.º andar — Bela Vista Indica clínicas para tratamento

Casa de Saúde Santana — (011) 298-5155 Rua Valério Giuli, 104 — Mandaqui Internação de dois a três meses

■ *Fundação Mokiti Okada -Rua Joaquim Távora, 1030 Tratamento ambulatorial*

(011)575-1286 - Vila Mariana

■ *Hospital Geral de Taipas — (011) 841-1490 Avenida Elísio Teixeira Leite, 7000 — Taipas*

Desintoxicação e tratamento ambulatorial

■ *Proad — Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes — (011) 576-4472*

Rua dos Otonis, 887 — Vila Clementino

Tratamento ambulatorial ligado à Universidade Federal de São Paulo

■ *Uniad — Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas — (011)570-2828*

Rua Napoleão de Barros, 771 — Vila Clementino

Tratamento ambulatorial ligado à Universidade Federal de São Paulo

■ *Grea — Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas — (011)3064-4973*

Rua Doutor Ovídio Pires de Campos, s/n — Cerqueira César Tratamento ambulatorial ligado ao Hospital das Clínicas de São Paulo

■ *Hospital Água Funda — (011) 577-8355 Avenida Miguel Stefano, 3030 — Água Funda*

Desintoxicação e tratamento terapêutico

■ *Clínica Vila Serena — (011) 520-9094 Rua Marseille, 100 — Vila da Represa Mínimo de 30 dias de internação*

■ *Divisão de Prevenção e Educação do Denarc — (011)230-3245*

Rua Brigadeiro Tobias, 527 — Centro Serviço social das 9h às 17h

■ *Associação Promocional Oração e Trabalho — (019) 251-5511 Fazenda Vila Brandina — Campinas*

Tratamento baseado na laborterapia e enfoque religioso

■ *Narcóticos Anônimos (NA) — (019) 255-6688*

Linha de ajuda — Campinas

Informa endereço e telefone da entidade no interior do estado

■ *Narcóticos Anônimos (NA) — (011) 242-9733 Linha de ajuda — Capital*

Informa endereço e telefone da entidade na capital e em outros estados

■ *Nar-Anon — (011) 605-8403*

Central de informações para a capital e interior do estado

Orientação a familiares e amigos de dependentes de drogas

■ *Amor Exigente — (011) 260-1677*

Central de informações

Orientação a familiares e amigos de dependentes de drogas

■ *Revim — Recanto da Vida em Mairiporã — (011) 831-0730 e 261-9647*

Rua Guaipá, 357 — Leopoldina

Só atende homens e usa os 12 passos dos Narcóticos Anônimos (NA)

■ *Núcleo de Assessoria em Ações Preventivas — (011) 864-4213 Rua Dr. Costa Júnior, 546*

Prevenção, tratamento ambulatorial e desintoxicação

■ *Ambulatório de Saúde Mental de Cruzeiro — (012) 544-3547 Rua Dr. Othon Barcellos, 181*

Tratamento ambulatorial

■ *Ambulatório Regional de Saúde Mental de Presidente Prudente — (0182)21 -4633*

Avenida Manoel Goulart, 2139 Tratamento ambulatorial

■ *Ambulatório de Saúde Mental de Jaú —(014) 622-3435*

Rua Campos Salles, 23

Tratamento ambulatorial e psicológico

■ *Núcleo de Apoio a Toxicodependentes — (013) 234-4646/4677 Rua São Paulo, 95 — Vila Belmiro — Santos Tratamento ambulatorial e hospital dia*

■ *Serviços Integrados de Psiquiatria Ltda. — (013) 232-3398 Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos*

Rua Monsenhor de Paula Rodrigues, 200

Tratamento ambulatorial, desintoxicação e internação de 15 a 30 dias

■ *Montan Comunidade Terapêutica — (019) 878-2418 Rodovia Anhangüera, km 72 — Louveira*

Trabalho de reintegração social e 12 passos do NA

RIO DE JANEIRO

■ *Clínica Vila Serena — (021) 285-0696 Rua Doutor Júlio Otoni, 571 — Santa Tereza Desintoxicação e internação*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (021) 285-0696 Rua Fonseca Teles, 121 — São Cristóvão Indica clínicas para tratamento*

■ *Nar-Anon — (021) 263-6595 Central Nacional*

Endereços e telefones da entidade de orientação a familiares em todo o país

■ *Nepad — Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas — (021) 589-3269*

Rua Fonseca Teles, 121, 4.º andar — São Cristóvão Tratamento ambulatorial ligado à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

■ *ACS — Associação para Comitê de Serviço — (021) 533-5015 Informação sobre grupos para o Rio e demais estados*

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (021) 240-2275/2768/2868 Rua México, 128, sala 528 — Centro*

Informa endereço e telefone de hospitais públicos e clínicas

MINAS GERAIS

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (031) 273-3766 Rua Tupinambás, 351 — Belo Horizonte Indica clínicas e hospitais*

■ *CMT— Centro Mineiro de Toxicomania — (031) 273-5844 Alameda Ezequiel Dias, 365 — Belo Horizonte Atendimento ambulatorial, acompanhamento psiquiátrico e terapia ocupacional*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (031) 220-5000 Rua Santa Rita Durão, 1143 — Belo Horizonte Fornece endereço e telefone de hospitais e clínicas*

■ *Ampare — Associação Mineira para Prevenção ao Abuso de Drogas — (031) 224-3656 Avenida Afonso Pena, 941, 2º andar — Belo Horizonte Tratamento ambulatorial, desintoxicação em fazendas no interior do estado*

■ *Fuliban — Fundação Libanesa — (031) 221-9656 Rua Tomé de Souza, 67, 4.º andar — Belo Horizonte Tratamento ambulatorial*

■ *Abraco — Associação Brasileira para Prevenção ao Abuso de Drogas —(031)441-9932 Avenida Portugal, 3 291 — Belo Horizonte Atendimento ambulatorial*

■ *Centro Psicoterápico — (031) 225-4622 Rua do Contorno, 4 910 — Belo Horizonte Internação*

ESPÍRITO SANTO

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (027) 324-1777 Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, 2025 — **Bento Ferreira** Indica clínicas e hospitais*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (027) 222-5111 Avenida Governador Bley, 236, 10º andar—Ed. Fábio Ruschi Fornece lista de instituições públicas e privadas*

■ *CPU— Centro de Prevenção e Tratamento Toxicômano — (027)222-0861 Rua Álvaro Sarlo, s/n — Ilha de Santa Maria Clínica e hospital dia*

REGIÃO SUL

SANTA CATARINA

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (048) 224-5500 Rua Esteves Júnior, 160, 12º andar — Florianópolis Atendimento ambulatorial e encaminhamento a centros de saúde*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (048) 224-1101 Rua Tenente Silveira, 162, 7º andar — Florianópolis*

Indica clínicas para tratamento de dependentes

■ *Hospital Nossa Senhora dos Prazeres — (049) 24-1077 Rua Hercílio Luz, 35 — Lages
Tratamento com internação*

RIO GRANDE DO SUL

■ *Cruz Vermelha Brasileira — (051) 221-5140 Avenida Independência, 993 — Porto Alegre
Atende 15 pessoas novas por mês*

■ *Instituto Fernando Pessoa — (051) 222-3014 Rua Castro Alves, 678 — Rio Branco
Acompanhamento ambulatorial*

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (051) 227-2247 Avenida Borges de Medeiros, 1501 —
Centro Indica clínicas e hospitais*

■ *Instituto Wilfred Bion — (051) 223-5643
Rua Gomes Jardim, 758 — Porto Alegre
Sessões de psicoterapia com o apoio da igreja luterana*

■ *Narcóticos Anônimos (NA) — (051) 221-5140
Avenida Independência, 993 — Porto Alegre
Informa endereços e telefones da entidade na capital e interior do estado*

■ *Clínica Vila Serena — (051) 249-3918 Avenida Coronel Marcos, 880 — Pedra Redonda
Desintoxicação e internação*

■ *Centro Vita* — (051) 336-1835

Rua Lombo Pinheiro, parada 4 — Porto Alegre - Internação

■ *Clínica Olivé Leite S/A* — (053) 223-1295 *Avenida Fernando Osório, 1 586 — Pelotas*
Atendimento ambulatorial e tratamento psiquiátrico

■ *Clínica Pap* — (051) 225-6566 *Avenida João Pessoa, 925 — Porto Alegre Internação*

■ *Desafio Jovem* — (051) 672-1489

Cliácara Nova Vida — Sertão Santana

Internação de meninos de rua. Indica locais no interior do estado para desintoxicação

■ *Hospital Psiquiátrico São Pedro* — (051) 339-2111 *Avenida Bento Gonçalves, 2 460 — Porto Alegre*
Tratamento ambulatorial e internação

■ *Hospital da Pontifícia Universidade Católica (PUC)* — (051)339-1322

Avenida Ipiranga, 6 690 — Porto Alegre Tratamento ambulatorial

■ *Clínica Pinei* — (051) 223-7799 *Rua Santana, 1 455 — Porto Alegre Internação*

■ *Clínica São José* — (051) 336-9122

Avenida Professor Oscar Pereira, 4 821 — Porto Alegre Desintoxicação e internação

■ *Clínica Wallace Mandell* — (051) 336-3409 *Avenida Professor Oscar Pereira, 2 751 — Porto Alegre*
Tratamento psiquiátrico

■ *Projeto Educativo sobre Drogas* — (053) 232-9900, ramal 150 *Rua Alfredo Huch, 475, pavilhão 5 — Fundação Universidade do Rio Grande*

Palestras em indústrias e trabalho de prevenção em escolas

■ *Tele Vida* — (053) 232-9433

Informa locais de atendimento em várias partes do país

■ *Hospital Parque Belém* — (051) 336-2155

Avenida Professor Oscar Pereira, 8 300 — Porto Alegre

Internação e atendimento ambulatorial

■ *Hospital Petrópolis — (051) 333-3133 Avenida Lucas de Oliveira, 2 040 — Porto Alegre Internação, desintoxicação e atendimento ambulatorial*

■ *Unidade Sanitária Nova Brasília — (051) 340-1731 Rua Vieira da Silva, 1016 — Porto Alegre Atendimento ambulatorial*

■ *Secretaria Municipal de Saúde — (051) 595-1368 Rua Daltro Filho, 820 — Novo Hamburgo Indica clínicas e hospitais*

■ *Centro de Saúde de Carazinho — (054) 331-1083 Avenida Pátria, 736 — Carazinho Indica locais para tratamento*

PARANÁ

■ *Secretaria de Estado da Saúde — (041) 322-3434, ramal 155 Rua Engenheiro Rebouças, 1707 — Curitiba Indica centros hospitalares*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (041) 253-2625 Avenida Anita Garibaldi, 2384 — Curitiba*

Atendimento ambulatorial e encaminhamento para clínicas especializadas

■ *Casa de Recuperação Nova Vida — (041) 264-4075*

Rua Amazonas Souza de Azevedo, 488 — Curitiba

Tratamento de dependentes com internação

■ *Comunidade Hermon — (041) 359-2372*

Rua Santos Dumont, 2420 — Colombo

Tratamento de dependentes com internação em chácara

REGIÃO NORDESTE

BAHIA

■ *Clinica Vila Serena — (071) 378-1535 Loteamento Quintas do Picaia, 79 A — Salvador Desintoxicação e internação*

■ *Secretaria Estadual da Saúde — (071) 371-5715/0767 Quarta Avenida, plataforma 6, lado B — Salvador Indica clínicas e hospitais*

■ *Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen) — (071) 371-5500/9816 Avenida Luiz Viana Filho, 400, 4.º andar — Salvador Fornece endereço e telefone de clínicas especializadas*

■ *Centro de Estudos e Terapia de Abuso de Drogas (Cetad) — (071) 336-8673 Rua Pedro Lessa, 123 — Salvador Tratamento ambulatorial*

■ *Hospital Geral Prado Vaidares — (073) 525-4117 Rua São Cristóvão, s/n — Jequié Tratamento ambulatorial e psiquiátrico. Indica locais para internação*

■ *Centro Antiveneno — (071) 231-4343 Avenida Saboeiro, s/n — Salvador Encaminha para locais de internação e tratamento ambulatorial*

CEARA

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (085) 211-9115 Avenida Almirante Barroso, 600 — Praia de Iracema Indica clínicas e hospitais*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (085)231-1201 Avenida Heráclito Graça, 411, sala 401 — Centro Fornece endereço e telefone de clínicas e hospitais*

■ *Centro de Convivência Elo de Vida — (085) 229-3688 Hospital de Saúde Mental de Messejana Rua Vicente Nobre Macedo s/n — Messejana Encaminhamento ambulatorial e desintoxicação*

■ *Desafio Jovem — (085) 225-7230 Avenida Dedé Brasil, 565 — Parangaba Tratamento ambulatorial e internação de no mínimo 5 meses*

RIO GRANDE DO NORTE

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (084)211-4497*
Avenida Junqueira Aires, 488 Indica clínicas e hospitais

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (084)211-8292*
Praça Augusto Severo, 261 — Ribeira
Fornecer lista com endereço e telefone de clínicas especializadas

■ *Chácara Renascer— (084) 217-9900*
Avenida Ayrton Senna, km 8,5 — Neópolis — Jardim dos
Eucaliptos
Internação de 21 a 28 dias

ALAGOAS

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (082)326-1088*
Avenida da Paz, 978 — Jaraguá Indica clínicas e hospitais

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (082) 223-4014*
Avenida da Paz, 1030 — Jaraguá Fornece lista de clínicas e hospitais

■ *Cead — Centro de Estudos do Alcoolismo e Outras Dependências*
Hospital Portugal Ramalho — (082) 223-5329 Rua Goiás, s/n — Farol Tratamento terapêutico
e hospital dia

PARAÍBA

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (083) 241-1718, ramal 140 Avenida D. Pedro II, 1826 —*
Torre
Fornecer lista de clínicas e hospitais públicos e particulares

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (083)221-0633*
Rua Coronel Sérgio Dantas, 13 — Bairro Jaguaribe Fornece endereço de clínicas
especializadas

■ *Caps — Centro de Apoio Psicossocial — (083) 221-0633 Rua Coronel Sérgio Dantas, 3 — Bairro Jaguaribe Tratamento psicoterápico, ambulatorial para adolescentes de 7 a 19 anos*

PIAUI

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (086) 218-1415 Avenida Pedro de Freitas, s/n — São Pedro Indica clínicas e hospitais*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (086)218-1515 Avenida Pedro Freitas, s/n — Centro Administrativo, Bloco G Fornece lista com endereço e telefone de clínicas especializadas*

■ *Hospital Areolino de Abreu — (086) 222-2910 Rua 1º de Maio, 2420 — Primavera Internação e desintoxicação*

PERNAMBUCO

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (081) 412-6251 Praça Oswaldo Cruz, s/n — Recife Lista de clínicas e hospitais*

■ *Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen) — (081) 421-2437 Avenida Rui Barbosa, 1 599 — Recife Fornece endereço e telefone de hospitais e clínicas*

■ *Centro Eulâmpio Cordeiro de Recuperação Humana (CRHEC) — (081) 228-3200 Rua Rondônia, 100 — Recife Atendimento ambulatorial*

SERGIPE

■ *Policlínica Aristóteles Augusto — (079) 241-2815 Rua da Bahia, s/n, bloco 3 — Aracaju Atendimento ambulatorial*

MARANHÃO

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (098) 246-5132 Avenida Euclides Figueiredo, 2 — Calhau Indica clínicas e hospitais públicos*

REGIÃO NORTE

RONDÔNIA

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (069) 223-3253 Rua Padre Angelo Cerni, s/n — Esplanada das Secretarias Indica clínicas e hospitais*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes - (069) 223-3078 Avenida Governador Jorge Teixeira, 1731 Fornece lista de clínicas e hospitais*

■ *Policlínica Oswaldo Cruz — (069) 224-1402 Avenida Governador Jorge Teixeira, s/n Tratamento ambulatorial*

■ *Comunidade Porto da Esperança — (069) 221-1251 BR-364, km 28 — Candeias do Jamari Internação de 8 a 10 meses*

RORAIMA

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (095) 263-2771 Avenida Brigadeiro Eduardo Gomes, s/n Fornece lista de clínicas e hospitais*

TOCANTINS

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (063) 218-1700 Avenida N S 1 — Esplanada dos Girassóis Indica clínicas e hospitais*

■ *Projeto Saúde Escolar— (063) 218-1762 Esplanada das Secretarias — Centro Encaminhamento médico e psicológico*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (063)215-1850 ACN 02, conjunto 04, lote 26 Fornece lista de clínicas e hospitais*

PARÁ

- *Secretaria Estadual de Saúde — (091) 242-2433 Avenida Conselheiro Furtado, 1597*

Indica clínicas e hospitais

- *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (091)263-1309*

Rua da Província, s/n

Fornecer lista de endereço e telefone de clínicas e hospitais

ACRE

- *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes - (068)224-0717*

Rua Barbosa Lima, 350 — Rio Branco Fornece relação de clínicas para tratamento

- *Hospital Distrital Rio Branco — (068) 223-2582 Rua Rio Grande do Sul, s/n — Rio Branco*

Atendimento psiquiátrico

AMAZONAS

- *Superintendência de Saúde — (092) 663-4663 Avenida André Araújo, 701 — Aleixo*

Indica clínicas e hospitais

- *Secretaria Municipal de Saúde — (092) 622-2402 Rua Governador Vitório, 282 — Centro*

Indica clínicas e hospitais

- *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (092) 633-1513*

Avenida Joaquim Nabuco, 919 — Centro Fornece endereço e telefone de clínicas

AMAPÁ

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (096) 212-6143 Avenida FAB, s/n — Hospital Geral de Macapá — Macapá Atendimento psiquiátrico e indicação para clínicas em outros estados*

REGIÃO CENTRO-OESTE

DISTRITO FEDERAL

■ *Conen — Conselho de Entorpecentes do Distrito Federal —*

(061) 349-9333

Quadra 515 Norte — Prédio da Fundação de Serviço Social —

Brasília

Grupos de auto-ajuda, auxílio psicológico e encaminhamento para

centros de tratamento

■ *Instituto de Desenvolvimento Humano — Ideum (061) 500-3080*

Rodovia DF-130, km 47 — Chácara n.º 7

Rodovia DF-180 — Chácara n.º 118

Internação por três meses com acompanhamento posterior

GOIÁS

■ *Secretaria Estadual de Saúde — (062) 291-5044 Avenida Anhangüera, 5 195 — Setor Coimbra — Goiânia Trabalho preventivo, atendimento em pronto-socorro psiquiátrico e indicação a clínicas*

■ *Movimento Jovens Livres —(062)261-3117*

Rua L-14, 150 — Bairro Feliz — Goiânia

Terapia ocupacional com internação de aproximadamente 10 meses

MATO GROSSO

■ *Secretaria de Estado da Saúde — (065) 313-2155*

Rua D, quadra 12, lote 2 — Centro Político Administrativo — Cuiabá

Tratamento psiquiátrico

MATO GROSSO DO SUL

■ *Secretaria de Estado da Justiça — (067) 726-4044 Parque dos Poderes, bloco 4 — Campo Grande Acompanhamento psicológico e abrigo para menores carentes*

■ *Conen — Conselho Estadual de Entorpecentes — (067) 382-9206
Avenida Ernesto Geisel, 5 005 — Centro — Campo Grande Indica centros de tratamento*

■ *Centro de Recuperação Desafio Jovem Penel — (067)521-1374
Rua David Alexandria, 3857— Três Lagoas Internação em casa de repouso*

■ *Centro de Orientação e Atendimento ao Usuário de Drogas — (067) 384-6224
Rua Saldanha Marinho, 300 — Campo Grande
Atendimento ambulatorial, orientação familiar e acompanhamento psiquiátrico*

BIBLIOGRAFIA

Apesar do escasso material de pesquisa sobre crack no Brasil, me foram úteis, além das viagens na Internet, os seguintes trabalhos:

NAPPO, Solange A.; GALDUROZ, José Carlos; NOTO, Ana R. *Uso do crack em São Paulo: fenômeno emergente?* São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, da Universidade Federal de São Paulo, 1994.

RESENDE, Juliana. *Operação Rio*. Rio de Janeiro, Página Aberta/Scritta, 1995.

SCHWARTZ, R. H.; Luxenberg, M. G. Hoffman N.O., "Crack use by American middle-class adolescent polydrug abusers", *The Journal of Pediatrics*, 1991.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

WHO (World Health Organization) *Natural history of cocaine abuse: a case study endeavour*, 1992

YATES, R. W.; FULTON, A, I.; BRASS, C.T. *American Journal of Public Health*, 1989.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro, Record, 1996.

Foram utilizados também artigos dos seguintes jornais e revistas: *Folha de S.Paulo*, *Globo Ciência*, *IstoÉ*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil*, *N. Y. Times*, *Newsweek*, *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e *Veja*.